

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLARICE BASTARZ

**ANÁLISE DA PREFERÊNCIA DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE MORRETES,
PARANÁ COMO SUBSÍDIO AO PLANEJAMENTO DO TURISMO**

CURITIBA

2009

CLARICE BASTARZ

**ANÁLISE DA PREFERÊNCIA DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE MORRETES,
PARANÁ COMO SUBSÍDIO AO PLANEJAMENTO DO TURISMO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal – Área de Conservação da Natureza, Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Biondi Batista

CURITIBA

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Daniela Biondi Batista pela dedicada orientação, por acreditar em mim e por ser um exemplo de profissional e de mulher.

Aos membros da banca, Prof^a. Dr^a. Salete Kozel Teixeira, Prof. Dr. Miguel Bahl e Prof. Dr. Antonio Carlos Batista pela valiosa correção, análise crítica e enriquecimento deste trabalho.

À colega Msc. Mayssa Mascarenhas Grise pela generosidade no desenvolvimento dos mapas da área de estudo.

Aos colegas Msc. Luciana Leal e Everaldo Marques pelo companheirismo.

À Prof. Msc. Leticia B. Nietzsche por conceder o estágio em Prática em Docência.

À Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal pelo apoio durante os anos de curso.

À Secretaria Municipal de Turismo de Morretes pela receptividade e apoio durante a pesquisa de campo.

Aos residentes e turistas de Morretes e aos professores das áreas de Turismo e Paisagem pela receptiva e generosa participação na pesquisa.

Aos meus pais, Ana e Rudolfo, e ao meu irmão, Paulo, pelo amor, compreensão, apoio e paciência durante o curso de Mestrado e nos demais momentos de minha vida.

À minhas amigas, Angélica, Déborah, Isabela e Jaqueline por emprestar seus ouvidos, pela companhia nas bagunças e pelo amor recíproco.

E por fim, agradeço à Vida e suas surpresas que me fizeram chegar até aqui e subir mais um degrau rumo a um sonho.

RESUMO

A percepção ambiental ocorre através dos mecanismos biológicos (sentidos) e da cultura presente em cada indivíduo, quanto este se relaciona com o meio. A paisagem é fruto desta relação, sendo que suas características são capazes de gerar fluxo turístico e, por consequência, benefícios de ordem ambiental, econômica, social e principalmente humana. A paisagem torna-se essencial para a atividade turística e seu estudo inserido no processo de planejamento do turismo é fundamental para evitar a destruição e assegurar a conservação do destino turístico e sua paisagem. Um dos destinos turísticos mais reconhecidos no Estado do Paraná é Morretes, município localizado na Floresta Atlântica, o qual é procurado pelos turistas principalmente devido às características naturais e culturais de sua paisagem. Buscando integrar a participação dos usuários da paisagem no processo de planejamento do turismo, o objetivo geral deste estudo foi valorar e analisar as paisagens turísticas de acordo com a preferência de residentes, turistas e profissionais para servir de subsídios às diretrizes de planejamento e gestão da paisagem para o turismo. Os objetivos específicos foram: identificar as regiões turísticas de Morretes através da oferta turística; selecionar e analisar as paisagens mais representativas do município em relação aos componentes naturais e antrópicos; e aplicar e validar uma metodologia para analisar a percepção dos turistas, residentes e profissionais em relação a paisagem e o turismo de Morretes. A área de estudo foi dividida em quatro regiões turísticas de acordo com a quantidade de oferta turística (equipamentos e atrativos), das quais nove paisagens mais representativas foram selecionadas. Estas foram analisadas através da quantificação de seus componentes paisagísticos e turísticos. A análise da percepção dos usuários da paisagem foi realizada através do Método Q, o qual proporcionou verificar a valoração das paisagens e identificar a preferência de 207 entrevistados, sendo eles das seguintes categorias: turistas, residentes e profissionais. O método mostrou-se eficiente, pois os entrevistados foram convidados a comparar as paisagens selecionadas (fotografias) umas com as outras, atribuindo valor a elas. A valoração pelo Método Q conseguiu extrair as reais opiniões, impressões e expectativas dos entrevistados em relação à paisagem de Morretes. Constatou-se que a combinação harmoniosa e integrada dos componentes naturais (predominantes) com componentes antrópicos determinou a alta valoração das paisagens. O fator diversidade na paisagem apresentou influência positiva sobre a valoração, pois os elementos por si só não foram suficientes para garantir uma valoração alta para as paisagens. Em relação à análise da preferência das paisagens por categoria, constatou-se que cada uma delas apresentou impressões, opiniões e expectativas distintas sobre as paisagens, sendo que os residentes preferiram paisagens com um senso de funcionalidade, os turistas preferiram aquelas que apresentaram um forte apelo estético e os profissionais valorizaram as paisagens em que o fator naturalidade estava presente.

Palavras-chave: Percepção ambiental; Componentes paisagísticos; Componentes turísticos; Método Q.

ABSTRACT

The environmental perception occurs through biological mechanisms (senses) and culture in each individual, as it relates to the environment. The landscape is a result of this relationship, and their characteristics are capable of generating tourist flow, and consequently environmental, economic, social and especially human benefits. Thus, the landscape becomes essential to tourism and its study in the planning process of tourism are essential to prevent the destruction and to ensure the conservation of the tourist destination and its landscape. One of the most renowned tourist destinations in the State of Paraná, Brazil, is Morretes, council located in the Atlantic Forest, which is mainly sought by tourists due to the natural and cultural characteristics of their landscape. In this sense, seeking to integrate the participation of the landscape's users in the planning process of tourism, the general objective of this survey was to assess and analyze the landscape in accordance with the preference of residents, tourists and professionals to serve as guidelines for planning grants and management of landscape for tourism. And the specific objectives were: to identify the tourist areas of Morretes through tourist offer; select and analyze the most representatives landscape of the study area in relation to natural and man-made components; and implement and validate a methodology to analyze the perception of tourists, residents and professionals in relation to the landscape Morretes. The study area was divided into four tourist regions according to the tourist offer (attractions and equipment), nine of which most representative landscapes were selected. These were analyzed by quantification of its landscape and tourist components. The analysis of users' perception of the landscape was made by Q-Method, which provided to verify the valuation of the landscape and to identify the preferences of 207 respondents, which were tourists, residents and professionals. The method was efficient, because the respondents were induced to compare the selected photos (landscape) with each other, giving value to them. Thus, the Q-method for extracting the valuation has real opinions, impressions and expectations of respondents in relation to the landscape of Morretes. It was found that the combination of integrated and harmonious natural components (predominant) and man-made components determined to high valuation of the landscape. Thus, the diversity factor in the landscape had positive influence on valuation, since the landscape elements alone were not sufficient to ensure a high valuation. On the analysis of preference of the respondent's categories, it was found that each one presented different views, opinions and expectations about the landscapes. The residents preferred landscapes with a sense of functionality, the tourists preferred those that showed a strong appeal aesthetic and professionals valued landscapes in which the naturally factor was present.

Key-words: Environmental perception; Landscape components; Tourist components; Q-Method.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	– EXEMPLO DE Q-SORT	22
FIGURA 2	– LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	30
FIGURA 3	– FLUXOGRAMA DA METODOLOGIA	45
FIGURA 4	– EXEMPLO DE GRADE DE QUADRÍCULAS	48
FIGURA 5	– Q-SORT – QUAL PAISAGEM DE MORRETES EU GOSTO	51
FIGURA 6	– REGIÕES TURÍSTICAS DE MORRETES	54
FIGURA 7	– PAISAGEM 1	57
FIGURA 8	– PAISAGEM 2	59
FIGURA 9	– PAISAGEM 3	61
FIGURA 10	– PAISAGEM 4	63
FIGURA 11	– PAISAGEM 5	65
FIGURA 12	– PAISAGEM 6	66
FIGURA 13	– PAISAGEM 7	68
FIGURA 14	– PAISAGEM 8	70
FIGURA 15	– PAISAGEM 9	72
GRÁFICO 1	– COMPARAÇÃO ENTRE OS COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	74
GRÁFICO 2	– COMPARAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS TURÍSTICOS	77
FIGURA 16	– VALORAÇÃO DAS PAISAGENS – Q-SORT GERAL	85

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	– VALORAÇÃO DE ACORDO COM A OFERTA	47
TABELA 2	– INTENSIDADE TURÍSTICA	56
TABELA 3	– PAISAGEM 1 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	57
TABELA 4	– PAISAGEM 1 – COMPONENTES TURÍSTICOS	58
TABELA 5	– PAISAGEM 2 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	59
TABELA 6	– PAISAGEM 2 – COMPONENTES TURÍSTICOS	60
TABELA 7	– PAISAGEM 3 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	61
TABELA 8	– PAISAGEM 3 – COMPONENTES TURÍSTICOS	62
TABELA 9	– PAISAGEM 4 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	63
TABELA 10	– PAISAGEM 4 – COMPONENTES TURÍSTICOS	64
TABELA 11	– PAISAGEM 5 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	65
TABELA 12	– PAISAGEM 6 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	67
TABELA 13	– PAISAGEM 6 – COMPONENTES TURÍSTICOS	67
TABELA 14	– PAISAGEM 7 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	69
TABELA 15	– PAISAGEM 7 – COMPONENTES TURÍSTICOS	69
TABELA 16	– PAISAGEM 8 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	70
TABELA 17	– PAISAGEM 8 – COMPONENTES TURÍSTICOS	71
TABELA 18	– PAISAGEM 9 – COMPONENTES PAISAGÍSTICOS	72
TABELA 19	– PAISAGEM 9 – COMPONENTES TURÍSTICOS	73
TABELA 20	– COMPARAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS PAISAGÍSTICOS	74
TABELA 21	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – CATEGORIA	79
TABELA 22	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – GÊNERO	79
TABELA 23	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – FAIXA ETÁRIA	80
TABELA 24	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – LOCAL DE RESIDÊNCIA	80
TABELA 25	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – NÍVEL DE ESCOLARIDADE ...	81
TABELA 26	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – RENDA MÉDIA MENSAL INDIVIDUAL	81
TABELA 27	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – GASTO MÉDIO DIÁRIO INDIVIDUAL	82
TABELA 28	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – TEMPO DE PERMANÊNCIA ..	82
TABELA 29	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – FAMILIARIDADE	83
TABELA 30	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – MOTIVAÇÃO DA VIAGEM	83
TABELA 31	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – ELEMENTOS DO TURISMO ..	84
TABELA 32	– PERFIL DOS ENTREVISTADOS – MOTIVO DA ESCOLHA DAS PAISAGENS	84
TABELA 33	– PREFERÊNCIA DAS PAISAGENS POR CATEGORIA	102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
2.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL	12
2.2 PAISAGEM	14
2.3 TURISMO	16
2.4 PERCEPÇÃO DA PAISAGEM PARA O TURISMO	19
2.4.1 Método Q	21
3 MATERIAL E MÉTODO	29
3.1 ÁREA DE ESTUDO	29
3.1.1 Aspectos ecológico-ambientais de Morretes	29
3.1.2 Aspectos histórico-culturais de Morretes	32
3.1.3 Aspectos sócio-econômicos de Morretes	33
3.1.4 Aspectos da infra-estrutura de Morretes	35
3.1.5 Aspectos turísticos de Morretes	35
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.2.1 Divisão de Morretes em regiões turísticas	44
3.2.2 Seleção de fotografias	47
3.2.3 Análise quantitativa das paisagens	48
3.2.4 Questionários	49
3.2.5 Valoração da paisagens utilizando o Método Q	51
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	53
4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES TURÍSTICAS DE MORRETES	53
4.1.1 Identificação dos corredores da paisagem	53
4.1.2 Quantificação da oferta turística	55
4.1.3 Classificação das regiões turísticas	55
4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DAS PAISAGENS	56
4.2.1 Paisagem 1	56
4.2.2 Paisagem 2	58
4.2.3 Paisagem 3	60
4.2.4 Paisagem 4	62
4.2.5 Paisagem 5	64
4.2.6 Paisagem 6	66
4.2.7 Paisagem 7	68
4.2.8 Paisagem 8	69
4.2.9 Paisagem 9	71
4.2.10 Comparação entre os componentes das paisagens	73
4.3 VALORAÇÃO DAS PAISAGENS UTILIZANDO O MÉTODO Q	78
4.3.1 Perfil dos entrevistados	78
4.3.2 Preferência das paisagens – análise geral	85
4.3.3 Preferência das paisagens – análise por categoria	102
5 CONCLUSÕES	107
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	120

1 INTRODUÇÃO

Na antiguidade, o homem se relacionava com a natureza, assim como qualquer outro animal, para a obtenção de alimentos, ocupação de espaços físicos para a habitação, construção de abrigos, entre outras, diferenciando-se de outras espécies pela habilidade de desenvolver tecnologias, mesmo que primitivas, para estas tarefas.

Pode-se dizer que esta relação baseou-se numa adaptação do homem ao meio, que, por sua vez, é uma capacidade inerente a qualquer espécie e origina-se da percepção. É consenso, entre pesquisadores, que a percepção seja basicamente o contato do indivíduo com seu ambiente de estímulo. Isso significa que o indivíduo, inserido numa realidade e motivado por algum desejo ou vontade, ao entrar em contato com os estímulos através das sensações e experiências anteriores, responde a essa realidade que se apresenta numa tentativa de sobrevivência.

Ao longo da evolução e com a estruturação das sociedades humanas, surgiram culturas, pensamentos e filosofias que dirigiram a percepção, o comportamento dos indivíduos e, por conseqüência, a relação homem-natureza ou homem-ambiente. Estas relações eram pautadas em condicionantes culturais que influenciavam a dinâmica do ambiente, conferindo uma identidade à paisagem, sendo esta, fruto da interpretação e percepção do homem sobre o espaço.

Porém, muitos destes pensamentos não respeitaram a capacidade do ambiente de prover recursos para a sociedade. Houve uma ruptura da idéia de que o homem pertencia à natureza. Esse distanciamento ilusório influenciou as práticas humanas sobre a paisagem e suas conseqüências podem ser sentidas e temidas atualmente, ameaçando a sobrevivência das espécies.

Em meio a esta crise ambiental que se apresenta atualmente, faz-se urgente o planejamento das atividades humanas no espaço, pois, toda relação do homem com a paisagem apresenta impactos, positivos ou negativos, imprimindo-lhe modificações e muitas vezes destruição. Dependendo do grau da degradação, as condições de vida da sociedade que ali vive são minadas. Portanto, é necessário impor limites, principalmente para os impactos negativos das diversas formas de utilização das paisagens, adequando-as aos processos de manutenção da funcionalidade e dinâmica da mesma.

Uma das formas de utilização da paisagem é o turismo, que, enquanto atividade humana transformadora da paisagem, deve se adequar à capacidade das mesmas. Este ajustamento contribui para a conservação das paisagens, bem como a manutenção do próprio turismo, já que este se apropria e depende das paisagens.

Portanto, para o turismo a paisagem é essencial não só como espaço físico como também para o bem estar do ser humano. Segundo Yágizi (2002), filósofos do século XVIII consideravam o passeio pela natureza um “verdadeiro alimento para o corpo e para o espírito”.

As características peculiares da paisagem que constituem a identidade de um lugar atuam como recursos capazes de atrair turistas, a partir da percepção da paisagem, seja *in loco* ou através de substitutos (gravuras, fotografias, slides, pintura e outros), conformam-se num “fator decisório de viagem”, ou seja, influenciam na tomada de decisão das pessoas que querem viajar. Com a captação de turistas devido às características da paisagem, geram-se investimentos e benefícios advindos do turismo de ordem econômica, social, ambiental e principalmente humana, proporcionando a relação afetiva e emocional do homem com a paisagem através de experiências. Tendo em vista a importância da paisagem para o destino turístico, para os turistas e para os residentes, pode-se dizer que a valorização e o estudo desta no processo de planejamento do turismo são fundamentais para evitar a destruição e assegurar a sustentabilidade econômica, social e ambiental deste destino e sua paisagem.

Através do Programa de Regionalização do Turismo – Uma Viagem de Inclusão¹, em 2005, foram identificadas 200 regiões turísticas, envolvendo 3.819 municípios do País. No Estado do Paraná, foram identificados 210 municípios turísticos ou com potencial turístico arranjados em 10 regiões, sendo elas: Região Metropolitana de Curitiba, Campos Gerais, Litoral, Norte, Noroeste, Sudoeste, Centro, Terra dos Pinheirais, Oeste e Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu. Cada uma destas regiões possui características de paisagem e vocação turística distintas, incrementando e organizando a atividade no Estado.

¹ Programa de planejamento participativo, criado pelo Ministério do Turismo, que tem como prioridade a inclusão social através do turismo. É desenvolvido com parcerias de entidades públicas e privadas no âmbito municipal, regional e estadual.

O litoral do Paraná, região turística importante, conta com 7 municípios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

O município de Morretes, área escolhida para este estudo, apresenta-se como um dos destinos turísticos mais consolidados do Estado. Caracteriza-se principalmente pela vegetação e relevo, pois está situado no maior remanescente contínuo de Floresta Atlântica na Serra do Mar, embora possua patrimônio histórico-cultural significativo imprimido em sua paisagem. O município é conhecido como a “capital agrícola do litoral”, entretanto, o turismo representa 55,8% do PIB de Morretes (Produto Interno Bruto). Isso significa que a atividade turística é muito importante para a economia e para a comunidade local (IBGE, 2009).

Nos processos de planejamento do turismo, cada vez mais, os princípios do planejamento participativo têm sido utilizados. Entre estes princípios, busca-se identificar percepções e interesses, envolvendo a participação de diversos agentes sociais na apreensão da realidade, definição de prioridades e no acompanhamento e execução de idéias.

Considerando que as paisagens do município significam, direta ou indiretamente, grande parte da fonte de sustento da comunidade local, seria interessante entender como as paisagens de Morretes utilizadas para/pelo turismo são valorizadas e percebidas por seus usuários (residentes e turistas), somando e contrastando com a percepção de profissionais que atuam no estudo do Turismo e Paisagem. Além disso, há uma necessidade urgente que se inverta o processo de degradação ambiental e paisagística que vem ocorrendo nas regiões litorâneas.

Neste sentido, a pesquisa na percepção das pessoas (turistas, residentes e profissionais) em relação às paisagens de Morretes levou a elaboração de mais um documento que pode contribuir para a tomada de decisões nos processos de planejamento e gestão da atividade turística deste destino.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa foi valorar e analisar as paisagens turísticas de acordo com a preferência de residentes, turistas e profissionais para servir de subsídios às diretrizes de planejamento e gestão da paisagem para o turismo.

E os objetivos específicos foram:

- a) Identificar as regiões turísticas de Morretes, através da oferta turística;

- b) Selecionar e analisar as paisagens mais representativas do município em relação aos componentes naturais e antrópicos;
- c) Aplicar e validar uma metodologia para analisar a percepção dos turistas, residentes e profissionais em relação à paisagem e ao turismo de Morretes.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

De acordo com os autores Noriega (2001) e Baggio (2005), as primeiras referências sobre percepção são encontradas nos discursos de Anaxágoras por volta de 500 aC. Este filósofo grego, pré-socrático, escreveu um tratado intitulado “Sobre a Natureza”, o qual preserva em seus fragmentos idéias sobre cosmologia, biologia e percepção. Este tratado influenciou filósofos posteriores a ele, como Demócrito, Platão e Aristóteles, que por sua vez somaram suas idéias aos versos iniciais de Anaxágoras.

Estes influentes gregos transformaram a filosofia pré-socrática e construíram os principais fundamentos da filosofia ocidental. Aristóteles (criador da denominação dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato) foi responsável por prestar contribuições a diversas áreas do conhecimento humano, entre muitas delas a Física e a Psicologia. Estas duas ciências foram responsáveis pelos primeiros estudos modernos sobre a percepção, os quais tiveram maior notoriedade na primeira década do século XX. Cada uma delas com suas abordagens próprias, porém inter-relacionadas, preocupavam-se em descobrir os processos neurocerebrais que compunham a percepção, a qual era encarada como um sub-processo do processo cognitivo ou do conhecimento.

Penna (1968) parte do ponto de que a percepção é um processo interpretativo originado dos sentidos e, então, o ato de perceber consiste fundamentalmente numa aproximação entre o indivíduo e o objeto, ou seja, a percepção não pode existir sem um contato direto do observador e do objeto no espaço e no tempo.

Noriega (2001) afirma que na psicologia da percepção existem duas teorias influentes: a percepção indireta e a percepção direta. O elemento definidor de cada uma dessas teorias é o tipo de processamento de informação necessário à percepção. A primeira, construtivista, defende que a percepção depende de vários processos internos ao organismo (hipóteses, experiências, expectativas e conhecimentos anteriores). Por outro lado, a teoria direta, acredita que a informação fornecida pelo ambiente externo ao organismo é suficiente para permitir que este se

movam ou interaja com o meio sem a necessidade de estarem envolvidos processos internos ou representações.

Conforme o mesmo autor, se for adotada apenas uma das duas teorias, a percepção terá muito mais erros do que na verdade tem, pois se apenas os processos internos ao organismo forem considerados, estes por si só não são suficientes para a percepção. Da mesma forma, se forem considerados apenas os elementos externos. É natural que a percepção seja influenciada simultaneamente pelos dois tipos de processamentos de informações. Faz-se necessária, portanto, a elaboração de modelos de investigação que integrem as duas teorias da percepção (NORIEGA, 2001).

De acordo com Tuan (1980), a percepção ocorre por meio dos mecanismos biológicos, os sentidos. Entretanto, a cultura a qual o observador está imerso influencia a forma de perceber, construir uma visão de mundo e de ter atitudes em relação ao ambiente. Segundo o mesmo, “a cultura é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos”. É necessário, portanto, em estudos de percepção, levar em conta a herança biológica dos seres humanos, em captação e resposta a estímulos externos e internos, tanto como a cultura a qual o indivíduo possui, pois, conforme Tuan (1980): “muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura”.

Para Del Rio e Oliveira (1999), a percepção é “o processo mental, mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo significado”. Segundo os autores, o meio ambiente natural ou urbano, presente no cotidiano das pessoas, atua, mesmo inconscientemente, nos níveis emocional e psicológico, gerando condutas positivas ou negativas ao meio. Por exemplo, ambientes construídos com pouca qualidade físico-ambiental normalmente são alvos de vandalismo, que foi apontado pelos autores como “fenômeno trans-cultural mais evidente de nossos tempos”. A idéia de “trans-cultural”, explica-se pela recorrência de percepções e condutas, compartilhadas pela população, mesmo que essas percepções sejam subjetivas para cada indivíduo. Para os autores, é fundamental, então, estudar os processos mentais relativos à percepção para o entendimento das relações entre o homem (ou grupo) e o meio ambiente, suas expectativas, julgamentos e condutas.

Baseado nas definições estudadas considera-se que percepção ambiental é o processo mental resultante de uma aproximação do observador com o meio originado dos sentidos e determinado pela cultura do indivíduo.

2.2 PAISAGEM

O entendimento de paisagem surgiu espontaneamente da linguagem comum, com um sentido de lugar. De acordo com Bolós (1992), ao final do século XV, o termo apareceu dentro de uma linguagem artística, na Escola de Paisagistas Holandeses, em que a superfície terrestre foi representada em telas através da interpretação de artistas. O termo paisagem evoluiu desde o século XV até os dias de hoje, vindo do conhecimento pictórico da Renascença, simultaneamente à pintura de paisagem (século XVIII, na França). A identidade destas paisagens retratadas revelava as formas de transformações dos povos, evidenciando suas culturas e relações sociais (BOLÓS, 1992).

O estudo da paisagem desenvolveu-se inicialmente na Geografia, no século XIX, em que se destacaram os estudos do alemão Alexander Von Humboldt, principalmente sua obra fundamental “O Cosmos”², no qual se resume objetivamente toda sua experiência na observação da superfície terrestre. Não apenas para Humboldt, mas para os estudiosos de paisagem daquela época, esta se caracterizava pelas formas resultantes da interação do homem com os elementos da superfície terrestre, surgindo assim, neste contexto, as paisagens rural, urbana, cultural, natural, etc. (BOLÓS, 1992).

Já no século XX, surgiram estudos que afirmam que paisagem é um produto de um ecossistema ou o “resultado da combinação dinâmica de elementos físico-químicos, biológicos e antrópicos que em mútua dependência geram um conjunto único e indissolúvel em permanente evolução”, conforme Ignácio *et al.* (1984).

Na mesma linha de pensamento estão Forman e Godron (1986), os quais definem a paisagem como uma “área de terra heterogênea composta de agrupamentos de ecossistemas interligados que se repetem de forma similar em todo lugar”.

² HUMBOLDT, A. von. **El Cosmos. Ensayo de una Descripción Física del Mundo**. Madrid: Imprenta Gaspar y Roig, 1874 *In*: BOLÓS y CAPDEVILA, M. Manual de Ciencia del Paisaje: Teoría, Métodos e Aplicaciones. Barcelona: Masson S.A., 1992.

Bolós (1992) inclui na paisagem elementos como as produções culturais do ser humano, a escala e o tempo. A autora afirma que na paisagem devem existir “três elementos fundamentais: as características do geossistema que a define (modelo de paisagem com fatores bióticos, abióticos e sociais), o tamanho referido a uma escala espacial e o período de tempo considerado na escala temporal”.

Canteras (1992), por sua vez, diz que a paisagem é um “recurso do meio que pode ser analisada, estudada e valorada”. Além disso, este autor afirma que a paisagem é uma realidade que o indivíduo constrói através da percepção de seu entorno, o qual ainda não é paisagem, enquanto o indivíduo não o tenha percebido.

Pires (1993) sugere a “combinação de 3 enfoques: estético (formas, cores e dimensões do território); geográfico e ecológico (sistemas naturais que configuram a natureza); e cultural (atividade humana no cenário natural)”.

Na definição de Schama (1995), é reforçada a idéia do homem como elemento da paisagem e como os aspectos mito e fantasia exercem um grande papel na construção social de lugares e paisagens. Ele destaca um novo conceito, o de que o imaginário de paisagem é coletivo. Pode-se justificar o pensamento deste autor como a imagem de algumas paisagens é refletida, em essência, da mesma forma em todas as pessoas, assim como afirma Tuan (1980).

Tomás e Masgrau (1999) afirmam que a paisagem é um conjunto de uma série de fatores tais como: clima relevo, hidrografia, vegetação e fauna; incluindo também os *habitats* humanos com suas manifestações culturais que influem no espaço geográfico e sua síntese.

Neste sentido, a paisagem pode ser considerada um conjunto de componentes percebidos pelo homem. Os componentes da paisagem, segundo Bombín (1987) podem ser classificados em naturais (fatores bióticos e abióticos) – os quais estão relacionados à forma da terra, à água, à vegetação e à fauna – e artificiais (estruturas criadas pela ação do homem) – relacionados à edificações, agricultura, pecuária, indústria, turismo, etc.

Alonso (1995), por sua vez, diz que os componentes da paisagem podem ser agrupados em físicos (relevo, superfície do solo, rochas, água, neve, geada, neblina), bióticos (vegetação, fauna, fungos) e antrópicos (interferências humanas).

Na opinião de Pires (1996) certos componentes da paisagem podem sobressair visualmente por sua singularidade, valor estético e histórico ou quando dominam a cena. Este autor ainda afirma que existem componentes da paisagem

que influenciam a qualidade visual da mesma, tais como diversidade (variedade de elementos); naturalidade (aproximação às condições originais da paisagem); singularidade (caráter de exclusividade); complexidade topográfica (irregularidade no relevo); superfície ou borda d'água (presença de água); atuações humanas (modificações nas características originais da paisagem); bacia visual (superfície visível); intrusão visual (elementos que obstruem a vista); detração da qualidade visual (atividade ou elemento que incide de forma negativa na paisagem); patrimônio natural (conjunto de elementos naturais presentes numa área); recurso turístico (bens e serviços à disposição da demanda turística) e; aproveitamento turístico (utilização da paisagem para fins turísticos).

Após esta discussão, pode se concluir que o conceito de paisagem está associado às idéias de espaço, de natureza, de cultura, de tempo, de escala e do homem como observador. De maneira resumida, a paisagem é, portanto, formada pelo conjunto de componentes naturais, culturais e estéticos integrados, os quais estão associados a um dado espaço, tempo e escala percebidos pelo homem.

2.3 TURISMO

A primeira aparição documental da palavra *tour* data de 1760 e, segundo os dicionários ingleses, remete ao inglês do século XVIII, designando uma atividade iniciada primeiramente na Inglaterra (FUSTER, 1974). Embora as primeiras aparições da palavra *tour* datem do século XVIII, o estudo do turismo surgiu em meados do século XX, quase dois séculos mais tarde.

Uma das questões que preocupam os pesquisadores de turismo desde o início dos estudos, segundo Netto e Trigo (2003), é a falta de uma epistemologia que se proponha a explicar as bases do fenômeno turístico. De acordo com os autores, apesar de uma ausência de definições claras sobre o turismo, muitas vêm surgindo desde que estudos científicos a respeito desta atividade começaram a se desenvolver a partir do século XX, numa tentativa de construir uma epistemologia para o fenômeno.

Uma das primeiras conceituações de turismo adotada oficialmente pela AIEST (Associação Internacional de Especialistas na Ciência do Turismo), com

Hunkizer e Krapf (1959, *In: FUSTER, 1974*)³: “turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa”. O termo “fora de seu local de domicílio” tem como objetivo excluir viagens dentro da área de residência e viagens freqüentes e regulares entre o domicílio e o local de trabalho e outras viagens dentro da comunidade de caráter rotineiro (GOELDNER, RITCHIE, MCINTOSH, 2002).

Tendo em vista que seus primeiros estudos procedem do campo da Economia, é natural que as primeiras definições de turismo dessem mais ênfase aos processos econômicos do que aos sociais e ambientais. Boullón (2002) acredita que isso também se deve ao fato de que “uma vez comprovado o importante ingresso de divisas representado pelos viajantes de outros países, o turismo tenha começado a ser estudado a partir de seus resultados econômicos”.

A definição de turismo aceita do ponto de vista formal é dada pela OMT (Organização Mundial do Turismo) e foi elaborada por De La Torre (1992, *In: BARRETTO, 2001*)⁴ que conceituou o turismo como a “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais”. Embora os viajantes de negócios e profissionais usufruam da paisagem e dos serviços do local visitado, este mesmo autor não considerou viagens com essas motivações como turismo, excluindo também, numa forma mais específica, aquelas pessoas que necessitam trabalhar no destino para custear sua viagem.

Ao contrário, com o objetivo de atualizar o conceito de turismo, em 1994, a OMT resolveu adotar outra definição que ampliou o conceito, principalmente do ponto de vista da motivação e tempo de permanência. As viagens motivadas por negócios foram incluídas, embora não considere as viagens de ida e volta do local de trabalho. Também foi delimitado o período de uma viagem considerada turística: “o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (OMT, 2001).

³ HUNZIKER, W.; KRAPF, K. **Fremdenverkehr in Theorie und Praxis. Dargebracht von schweizerischen Fremdenverkehrsverband und der Scheizer Reisekasse**. Berna: Edit Verbandsdruckerei, 1959.

⁴ DE LA TORRE, O. **El Turismo, Fenómeno Social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

Numa abordagem diferenciada, Tribe (1997) propõe que o turismo seja considerado dois campos de estudo complementares, porém distintos: o dos negócios turísticos (marketing turístico, leis turísticas e gestão do turismo) e o dos não-negócios turísticos (impactos ambientais, percepções turísticas, capacidade de carga e impactos sociais). A soma dos dois campos de estudo, segundo Tribe (1997) seria o campo do turismo.

De acordo com Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002), qualquer tentativa de definir turismo e compreender sua abrangência deve levar em consideração os diferentes grupos que participam deste fenômeno, como o turista; as empresas fornecedoras de bens e serviços; o governo da área ou da comunidade anfitriã; e a própria comunidade anfitriã. Assim, segundo tais autores, o turismo pode ser definido como: “a soma de fenômenos e relações originados da interação de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas e outros visitantes”.

Boullón (2002), por sua vez, coloca que embora existam conceituações sobre turismo, algumas delas estão condicionadas a terminologias advindas de outros campos de estudo, pois o turismo carece de termos próprios e bem definidos. O autor destaca que o turismo, por se tratar de uma atividade humana, não surgiu de uma teoria e sim de uma realidade espontânea que foi se configurando ao mesmo tempo em que surgiam descobertas em outros campos de estudo.

E, portanto, na opinião de Netto (2005), para a criação e a consolidação de uma teoria (ainda não definida) sobre turismo, o fenômeno deve ser encarado como um fato gerador de renda e que também envolve inúmeras facetas do existir humano. Para o autor, o ser humano é um elemento com importância fundamental para o turismo e deve ser levado em consideração nos estudos turísticos.

Ao revisar todas as definições dos autores, considera-se o Turismo como um fenômeno constituído das relações e transformações econômicas, ambientais, sociais e humanas originadas pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu local de residência com a intenção de volta, motivadas por qualquer atividade, exceto o deslocamento diário de ida e volta ao local de trabalho.

2.4 PERCEPÇÃO DA PAISAGEM PARA O TURISMO

Pires (1996) afirma que a razão de ser do turismo é o deslocamento de pessoas no espaço, no qual a paisagem se constitui num elemento essencial. Cruz (2001) concorda com o autor e diz que o turismo é um fenômeno que se apropria do espaço, em que a paisagem representa a base para que o turismo se desenvolva. Porém, da mesma maneira que a paisagem determina o turismo e a forma com que ele se manifesta, o turismo determina a paisagem, tendo influência direta em sua dinâmica, pois a quantidade de turistas e os efeitos que estes causam na paisagem podem ser negativos.

Neste sentido, a avaliação ou análise da paisagem surgiu a partir da busca pela preservação, manutenção e pela necessidade de seu planejamento. Numa paisagem existem diversos elementos que devem ser conservados (vegetação, hidrografia, fauna, interferências antrópicas) para assegurar as características que a tornam singular. Para Zube *et al.* (1982), o principal interesse na análise da paisagem é a identificação das qualidades intrínsecas e seus elementos que possam ser listados objetivamente para serem utilizados no planejamento.

Com a exigência de um planejamento eficaz, surgiram várias perspectivas para o estudo da paisagem empregando metodologias variadas. Alvarez-Afonso (1990) cita que a análise da paisagem tem sido abordada de diversas formas por profissionais encarregados de sua avaliação, fazendo surgir múltiplos métodos. Assim, cada tipo de arranjo de paisagem deve ser estudado seguindo uma metodologia que se adapte a sua condição e ao objetivo da pesquisa. No mesmo sentido, Landowski (2003), diz que as metodologias devem ser escolhidas de acordo com cada situação, em que deve ser observada a combinação na qual se apresentam os componentes da paisagem.

Segundo Canteras (1992), a atribuição de valor à paisagem pode ser realizada em função do fator estético e ambiental dos seus elementos ou do seu conjunto como um todo. Vilás (1992) afirma que a análise da paisagem também é útil para a valoração das paisagens em função de sua capacidade para a recreação, turismo e outros aspectos. Pires (1993), por sua vez, afirma que o estudo da qualidade da paisagem se constitui, essencialmente, na obtenção de elementos valorados.

De acordo com Biondi (2006), os métodos mais utilizados para a valoração da paisagem podem ser resumidos da seguinte forma: método direto – a valoração se realiza a partir da contemplação da totalidade da paisagem, utilizando substitutos (fotografias, gravuras, *slides* ou vídeos), tendo como agentes valoradores: público em geral, grupos representativos da sociedade ou ainda profissionais do paisagismo; método indireto – a valoração se realiza através da análise dos componentes da paisagem, com ou sem ponderação e avaliação estatística; e método misto – faz-se inicialmente uma valoração direta e depois uma análise dos componentes, para averiguar a participação de cada um deles no valor total da paisagem.

Sendo assim, a análise da percepção da paisagem encaixa-se no método direto. Johnston⁵ citado por Kischlat (2004) afirma que a partir dos anos 60, cresceu o interesse dos pesquisadores em relação à qualidade visual da paisagem. Em seus estudos, normalmente, combinavam-se a análise das características físicas da paisagem (componentes paisagísticos) com a percepção ou preferência dos observadores.

De acordo com Zube *et al.* (1982), os modelos de percepção da paisagem se concentram em 4 paradigmas: do especialista (avaliação da paisagem por observadores habilitados); psicofísico (avaliação da paisagem pelo público em geral); cognitivo (avaliação psicológica do observador em relação à paisagem) e; experimental (avaliação da experiência do observador com a paisagem).

Segundo Kischlat (2004) o formato para estudos psicofísicos são baseados em três etapas: (1) o julgamento da preferência dos observadores por fotografias da paisagem; (2) dimensionamento das características da paisagem e; (3) inter-relacionamento entre as preferências e as características da paisagem.

No entanto, os métodos para avaliação da preferência de paisagem devem ser aprimorados na tentativa de diminuir tanto a subjetividade para a coleta de informações quanto a ampliação de atividades ligadas a paisagem, como o turismo. Neste sentido, o Método Q surge originado da psicologia como alternativa para a análise da preferência de paisagens para o turismo.

⁵ JOHNSTON, C. **Inspirational Landscapes**. *In*: Inspirational Landscapes Project for the Australian Heritage Commission, 2002. Disponível em: <http://heritageforum.truenorth.net.au/Inspirationallandscapes/pdf/other_resources/FINAL.Framework_k_paper.pdf>

2.4.1 Método Q

Este método originou-se em meados dos anos 30 quando as teorias de análises estatísticas estavam se desenvolvendo através de debates entre estudiosos. Num desses debates sobre a interdependência de duas abordagens quando estas descreviam o mesmo conjunto de dados, ou seja, quando estas relacionavam as diferenças intra-indivíduos – Método Q – e entre indivíduos – Método R (STEPHENSON, 1953 citado por FAIRWEATHER *et al.*, 1998)⁶. O psicólogo e físico quântico, William Stephenson, não acreditou que o Método R poderia ser aplicado a qualquer amostra de indivíduos para serem testados na totalidade de suas características e personalidades, sendo que esta é uma condição determinante para uma análise das diferenças interindividuais. Desta forma, Stephenson propôs então o Método Q, que, mediante certo controle, superaria esta limitação, pois a presença de certo traço de personalidade, mesmo que em grau reduzido apareceria na análise. Diferenciaram-se, portanto, as nomenclaturas Q (é derivada da palavra *quantum*, por causa do paralelo com a mecânica *quantum*, em física e R (é derivada da correlação produto-momento de Pearson) que se referem a duas maneiras distintas de se estabelecer relações ou amostrar variáveis e sujeitos da amostra (SWEEDEN, 2006).

O Método R, mais conhecido, consiste em estabelecer relações entre variáveis, traços ou características de uma determinada amostra de pessoas, ressaltando a importância de tais relações (BIGRAS e DESSEN, 2002). O pesquisador dá mais importância à análise das relações entre as variáveis, enquanto que no Método Q, o pesquisador procura analisar a relação entre a população amostrada. O método Q é constituído por um grupo de afirmações, figuras ou fotografias (objetos) sobre um tópico (estímulo) pré-determinado pelos pesquisadores. A partir disso, os entrevistados são instruídos a classificarem esses objetos em categorias que vão, por exemplo, de “mais gosto” (+3) para “menos gosto” (-3). A classificação resultante é, então, chamada de *Q-Sort* (FAIRWEATHER *et al.*, 1998).

⁶ STEPHENSON, W. **The Study of Behavior: Q-Technique and its Methodology**. Chicago: University of Chicago Press, 1953.

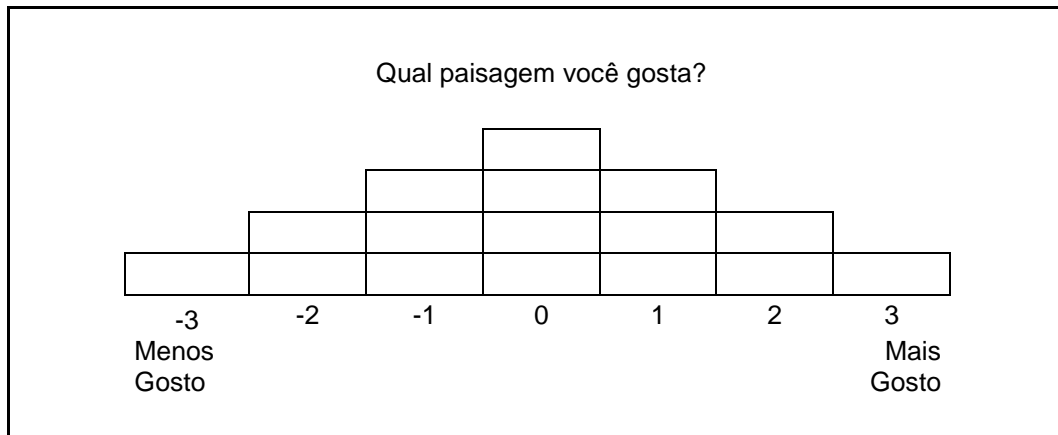


FIGURA 1 – EXEMPLO DE Q-SORT
 FONTE: HAWTHORNE *et al.* (2008).

Para extrair as classificações, ou o *Q-Sort*, os respondentes são convidados a organizar as afirmações, figuras ou fotografias de uma forma significativa, de acordo com suas opiniões e impressões pessoais, de modo que cada um desses objetos ocupe um lugar na pirâmide (cada objeto deve possuir um lugar na pirâmide para que seja categorizado pelo respondente, ou seja, se os pesquisadores decidirem avaliar 16 objetos, a pirâmide deverá possuir 16 lacunas). Normalmente, esses objetos são colocados pelos respondentes nas colunas de acordo com os valores atribuídos a elas (exemplificados pelos números abaixo das colunas), que variam de positivo a negativo. Ao final do *Q-Sort* individual, os objetos recebem os valores correspondentes a sua coluna; e ao final do *Q-Sort* geral, de todos os respondentes, cada objeto tem seus valores atribuídos pelos respondentes somados, gerando o escore e a classificação final de cada objeto (BIGRAS e DESSEN, 2002).

É importante ressaltar que para a aplicação deste método são necessárias as seguintes etapas: identificação de um discurso ou de uma área de interesse; coleta de declarações de toda a gama de pessoas com algum interesse na área; seleção de um conjunto representativo de objetos; seleção de participantes e execução do *Q-Sort*; estatística e verificação dos escores e; análise e interpretação das classificações (SWEEDEN, 2006).

O Método Q pode, então, ajudar a analisar se existe concordância entre as opiniões dos respondentes, como e porque isso ocorre. A comparação de opiniões convergentes, complementares ou, às vezes, contraditórias pode ser extremamente valiosa para a pesquisa e para a tomada de decisões em relação ao Turismo (FAIRWEATHER *et al.*, 1998).

2.4.1.1 Vantagens e desvantagens do Método Q

O Método Q é diferente de outros métodos usados em estudos brasileiros que têm a percepção como foco de análise. No Brasil, técnicas de análise da percepção indireta através de objetos de arte, imprensa e literatura (BLEY, 1990; DEL RIO, 1999; LIMA, 1999; WANDERLEY e MENÊZES, 1999), entrevistas por questionários abertos ou fechados (PETROSILLO *et al.*, 2007), elaboração de mapas mentais (BERTIN, 2003) e técnicas de análise de preferência visual (HABRON, 1998; MARENZI, 1996) são métodos bastante conhecidos e usados. No entanto, tais métodos, diferentemente do *Q-Sort*, que permite uma análise objetiva e sistemática dos resultados, abrem espaço para interpretações subjetivas por parte dos pesquisadores sobre os pontos de vista de turistas, moradores, empreendedores os quais são valiosos para a compreensão do funcionamento e da estrutura do Turismo. Mas, segundo Bigras e Dessen (2002) é preciso destacar que o Método Q apresenta tanto qualidades como limitações, as quais são descritas a seguir.

- a) Vantagens do Método Q - A possibilidade da diminuição de problemas atribuídos a respostas de certos respondentes é uma das vantagens deste método. Algumas vezes em questionários, é observada a tendência de uma pessoa em responder da mesma maneira a diferentes tipos de perguntas, o que influencia na validade dos resultados. Ou seja, muitas vezes, segundo Bigras e Dessen (2002) essa pessoa responde a todas as perguntas, assinalando sempre a mesma variável por reação defensiva, pois simplesmente hesita em assumir uma posição em relação à pesquisa, conseqüentemente rejeitando o questionário. De acordo com Pasquali (1997, citado por BIGRAS e DESSEN, 2002)⁷, trata-se do “problema de tendência central”. Outro caso que ocorre neste sentido é o que se refere à “desejabilidade social”, apontado por Bigras e Dessen (2002), em que o sujeito responde às perguntas conforme a percepção que possui de si mesmo e ao que ele percebe ser socialmente valorizado. Já o processo do *Q-Sort* força os respondentes

⁷ PASQUALI, L. **Psicometria: Teoria e Aplicações**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

a distribuírem, de modo uniforme, os objetos sobre uma escala de valores. Os 16 objetos (FIGURA 1) que devem ser agrupados em cada uma das sete categorias que variam de “mais gosto” para “menos gosto”. De acordo com Fairweather (1990) e Bigras e Dessen (2002) o esforço do respondente para distorcer as respostas e enganar o avaliador é consideravelmente reduzido pelo procedimento de escolha forçada do *Q-Sort*. Pois, para classificar os 16 objetos, o respondente deve ler o conjunto de objetos uma primeira vez, depois rever os objetos restantes para, então, classificar cada um deles. Ao contrário do questionário, que necessita uma única leitura para uma resposta em geral direta e rápida, o *Q-Sort* pode requerer várias decisões para alocar um objeto em relação aos demais, o que aumenta a validade do processo de avaliação. Outra vantagem que o Método Q traz para o pesquisador é a redução do “apriorismo”, em que o pesquisador, ao elaborar o questionário, pode tender a avaliar a percepção de um sujeito em relação a suas teorias. De acordo com Bigras e Dessen (2002), no questionário, é o pesquisador quem agrupa os objetos ou variáveis, define pesos e escalas em relação a suas hipóteses. O *Q-Sort*, quando oferece um conjunto de objetos a ser classificado segundo as referências individuais de um entrevistado, favorece a comunicação de suas percepções. Ou seja, é o entrevistado quem decide sobre a importância de cada objeto em relação aos outros e sua organização na pirâmide. Esta organização é, então, comparada a dos outros entrevistados para verificar as semelhanças e diferenças de pontos de vista. Portanto, não é o pesquisador responsável pela elaboração de um *Q-Sort* que decide, *a priori*, as classificações, mas sim o entrevistado, a partir de seu ponto de vista (BIGRAS e DESSEN, 2002).

- b) Desvantagens do Método Q - A principal desvantagem do Método Q é o esforço considerável despendido pelo respondente. É preciso algum tempo para completar adequadamente um *Q-Sort* com um número considerável de objetos. Além disso, se o objeto a ser classificado for uma afirmação como, por exemplo, “o Rio Nhundiaquara”, por se tratar de uma linguagem verbal, o *Q-Sort* requer que o respondente saiba ler, embora esta exigência não seja diferente da maioria dos outros métodos

de avaliação. Esta limitação do método é, provavelmente, mais problemática no Brasil, onde os pesquisadores estão envolvidos com frequência com amostras de pessoas de níveis sócio-econômicos e/ou escolaridade baixos. Entretanto, essa desvantagem pode ser driblada com o uso de objetos como figuras ou fotografias, que não exigem a leitura verbal e sim visual. Outra desvantagem do método, de acordo com Bigras e Dessen (2002) refere-se à dificuldade da distribuição dos objetos, pois exigem uma capacidade cognitiva do respondente em imaginar diversas possibilidades de categorização para o mesmo objeto. Ainda conforme os autores citados, o *Q-Sort* não é um instrumento de fácil utilização mesmo para avaliadores treinados. A maioria dos respondentes necessita de assistência, o que pode ser um desafio para os pesquisadores. No entanto, as vantagens desta limitação compensam as suas desvantagens. Porém, quando o pesquisador que elabora um *Q-Sort* não está suficientemente consciente dos limites do método, ele pode contribuir para aumentar as suas desvantagens. Além disso, não se deve fazer manipulação subsequente ao conjunto de objetos, como sua subtração ou acréscimo, pois este procedimento pode alterar a validade do *Q-Sort*. Estes devem, portanto, apresentar uma forte validade e devem, evidentemente, ser representativos de um dado contexto cultural (FAIRWEATHER *et al.*, 1998). Assim, independente da dificuldade da tarefa, tanto a validade de conteúdo quanto a representatividade devem ser asseguradas desde o início do processo de avaliação.

2.4.1.2 Exemplos de aplicações do Método Q no estudo da percepção do turismo

Ao longo da pesquisa sobre este método, o mesmo mostrou-se pouco conhecido entre os pesquisadores que trabalham com o estudo da percepção de turistas, residentes e empreendedores do turismo.

Entre os centros de Estudos de Turismo que existem ao redor do mundo um deles se destacou pela aplicação do Método Q em suas pesquisas de percepção de visitantes e locais. Localizado na Lincoln University em Canterbury, Nova Zelândia, representado principalmente pelos pesquisadores Fairwether e Swaffield, este

centro produziu cerca de seis pesquisas publicadas em relação ao uso do Método Q na avaliação da percepção.

A seguir serão apresentados de forma resumida quatro estudos selecionados como exemplos que ajudam a construir um conhecimento da estrutura do Turismo e contribuem para a tomada de decisões acerca deste fenômeno nas localidades em que as pesquisas foram realizadas.

- a) Experiência dos visitantes em Kaikoura - Este estudo foi elaborado pelo Centro de Pesquisa em Turismo e Educação da Lincoln University em 1998 e buscou entender a relação entre os visitantes e as representações de paisagem. O estudo examinou a maneira com que os indivíduos representam suas experiências subjetivas em relação à paisagem através da ordenação individual de fotografias; explanação verbal das escolhas dos respondentes; e o significado social e cultural dessas representações. A seleção de fotografias foi baseada em quatro principais categorias derivadas de estudos anteriores de percepção de paisagem. Foram entrevistadas 38 pessoas de maneira não-randômica, com aproximadamente a mesma proporção entre homens e mulheres, estrangeiros e visitantes neozelandeses. Cada visitante ordenou as fotografias em nove colunas que variavam de “gosto” para “não gosto” e todos os *Q-Sorts* foram analisados para identificar cinco fatores ou tipos de experiência. Cada fator identifica as fotografias preferidas ou menos preferidas e também aquelas que não se identificam a eles, normalmente localizadas na zona neutra da pirâmide. Os resultados mostraram que cada fator incluiu um grupo com características semelhantes e que a “naturalidade” das paisagens é um componente importante das experiências mais preferidas pelos grupos. Os pesquisadores descobriram ainda que diferentes setores de mercado possuem padrões diferentes de preferências e que alguns visitantes reagiram negativamente a fotografias que apresentavam manifestações de turismo, que demonstra que os planejadores devem tomar cuidado com a gestão da atividade (FAIRWEATHER *et al.*, 1998)
- b) Experiências de visitantes e residentes de Westland, Nova Zelândia - Neste estudo buscou-se entender a percepção de visitantes e residentes em relação a experiência da paisagem e da infra-estrutura do turismo na

localidade de Westland. Foram entrevistadas 111 pessoas de maneira não-randômica com proporções iguais de homens e mulheres, incluindo estrangeiros, visitantes neozelandeses e residentes. Cada respondente teve de ordenar dois Q-Sorts, ou seja, as fotografias foram divididas em duas categorias que foram ordenadas separadamente. A primeira categoria foi de “paisagens e infra-estrutura geral” e a segunda de “infra-estrutura turística”. Entre diversos resultados obtidos com a pesquisa, destaca-se que existe um forte consenso em relação ao meio ambiente entre residentes, estrangeiros e visitantes neozelandeses. Os resultados buscam o entendimento da paisagem de Westland e mostram como os visitantes provenientes da Nova Zelândia ou do exterior compartilham e distinguem opiniões. Além disso, o estudo mostra que existe um claro desejo que as infra-estruturas turísticas possuam uma integração visual ao ambiente, buscando minimizar os impactos negativos da atividade (FAIRWEATHER *et al.*, 2001).

- c) Visões de visitantes e residentes sobre a gestão ambiental em Christchurch, Nova Zelândia - Este estudo, realizado em 2003, buscou entender a visão de locais e visitantes em relação à gestão ambiental em Christchurch, Nova Zelândia. Um total de 63 pessoas foi entrevistado, de maneira não-randômica com proporções iguais de homens e mulheres, incluindo residentes, visitantes estrangeiros e neozelandeses. Cada sujeito foi convidado a ordenar em nove colunas fotografias que representassem para elas uma “boa gestão ambiental” até uma “má gestão ambiental”. Todos os Q-Sorts foram analisados para gerar três fatores ou visões sobre a gestão ambiental. A atitude dos sujeitos, crenças e expectativas durante o Q-Sort foram gravadas para servir de apoio a interpretação dos três fatores. O fator 1, “cidade bonita” define como uma boa gestão ambiental, aquela em que foi pensada para a utilização e bem-estar públicos. O fator 2, “natureza intocada” define a gestão ambiental em termos de preservação de sítios para a observação da natureza na cidade. Por sua vez, o fator 3, “limpo e verde”, define como uma boa gestão ambiental aquela que conserva a saúde, a qualidade da água e vegetação. Houve algum grau de sobreposição, indicado por um número de fotografias em consenso. Algumas

distinções entre os fatores podem ser atribuídas ao conhecimento e experiências individuais de cada sujeito que são carregadas em cada fator (FAIRWEATHER *et al.*, 2003).

- d) Mapeamento de ambivalência - Este trabalho realizado nos Estados Unidos, especificamente do Estado de Ohio, elaborado em 2007, buscou compreender como ocorre o efeito NIMBY (*not in my back yard* – rejeição a atividades próximas ao domicílio) entre os moradores e as trilhas para ciclismo que existem junto às ferrovias no município de Delaware. A proposta foi medir o efeito NIMBY entre os residentes para verificar a relação entre a proximidade do local de moradia com as trilhas e a percepção em relação a elas. Com esses resultados foi possível mapear, utilizando o PPGIS, o efeito NIMBY. O estudo demonstrou que os residentes que habitavam áreas mais próximas as trilhas possuíam o efeito NIMBY mais acentuado (HAWTHORNE *et al.*, 2008).

Entretanto, apesar de serem poucos os estudos com a utilização do *Q-Sort* no Turismo, este método, de acordo com seus autores, se apresentou adequado e satisfatório no alcance dos objetivos e gerou uma riqueza de resultados fundamentados. Além disso, o método contribui para a qualidade em processos de tomada de decisões de planejamento ou para uma gestão sustentável das localidades turísticas. Esta perspectiva abre, portanto, um caminho para um campo de pesquisa das ciências humanas, em particular na pesquisa do Turismo.

3 MATERIAL E MÉTODO

3.1 ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado no município de Morretes, situado na região litorânea do Estado do Paraná, num remanescente de Floresta Atlântica, a qual é considerada uma das grandes prioridades para a conservação da biodiversidade em todo o continente americano.

O município possui área total de 685 km², localiza-se a 86 km de Curitiba, capital paranaense, e a 38 km de Paranaguá, pólo econômico da região litorânea. A fronteira oriental de Morretes fica a cerca de 35 km do mar. Seus limites a oeste são os municípios de São José dos Pinhais, Piraquara e Quatro Barras; a norte Campina Grande do Sul; a nordeste Antonina e Baía de Paranaguá; a leste Paranaguá e a sul e sudeste Guaratuba (FIGURA 2). Todas as divisas municipais são formadas por acidentes geográficos, ao norte e oeste pelos espigões das Serras dos "Orgãos", da "Graciosa", do "Marumbi" e da "Farinha Seca"; no sudeste pelas Serras da "Igreja", das "Canavieiras" e da "Prata". No sudeste está o rio Arraial, numa altitude de cerca de 800 m que forma o limite do Município. Com Antonina e Paranaguá as fronteiras são os rios "Sapetanduva" e "Jacareí" (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

3.1.1 Aspectos ecológico-ambientais de Morretes

A Serra do Mar ocupa uma grande porção da área de estudo e é o elemento que predomina na paisagem de Morretes. A serra ocupa uma área da floresta tropical úmida, caracterizada por um relevo acidentado, uma vegetação densa, elevadas temperaturas e por chuvas torrenciais. Dessa forma, o relevo, a vegetação, o clima e a hidrografia são os componentes que contribuem para a identidade da paisagem da área de estudo (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008)

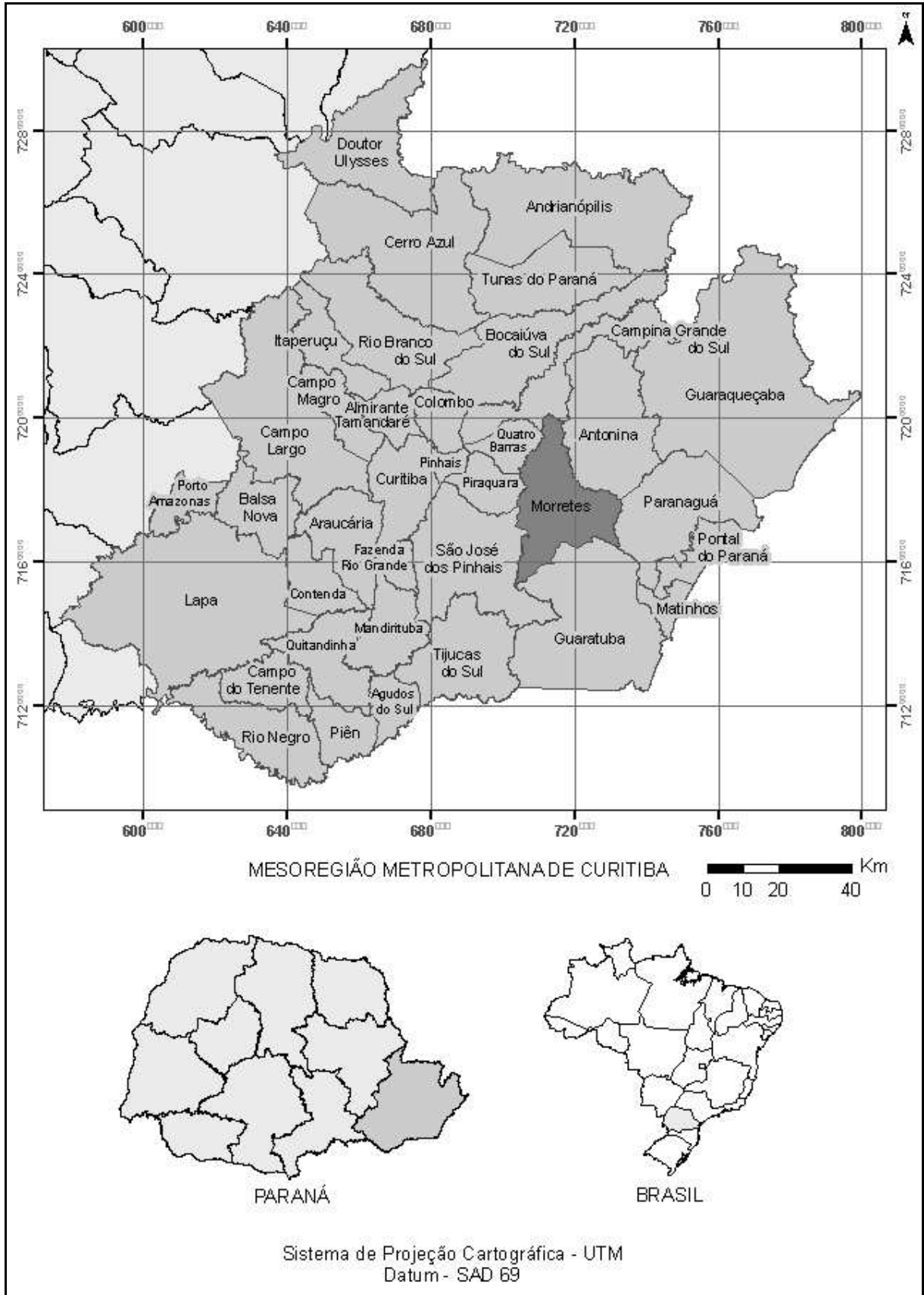


FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO
FONTE: GRISE, M. M. (2009).

3.1.1.1 Relevô

A Serra do Mar constitui a zona limítrofe entre a Planície Litorânea e o Primeiro Planalto Paranaense e é repartida por falhas transversais em blocos elevados e rebaixados. A serra não constitui apenas o degrau que separa a região litorânea dos planaltos, mas constitui um divisor assimétrico e sua divisão em blocos dá origem a diversos maciços que recebem denominações locais, tais como Serra do Capivari Grande, Serra da Virgem Maria, Serra dos Órgãos, Serra da Graciosa, Serra da Farinha Seca, Serra do Marumbi, Serra da Igreja e Serra da Canaveira. Essas serras são constituídas de colinas arredondadas, de vertentes convexas, são geralmente alongadas, orientando-se segundo a direção NE-SW ou segundo a direção NE-SE (PARANÁ CIDADE/ SEDU, 2008).

3.1.1.2 Vegetação

A área de estudo é coberta por formações da Floresta Ombrófila Densa, divididas em Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas (de 5 a 50 m de altitude); Floresta Ombrófila Densa Sub-Montana (de 50 a 500 m); Floresta Ombrófila Densa Montana (de 500 a 1200 m); e Floresta Ombrófila Densa Alto-Montana (de 1200 a 1400 m). Acima de 1400 m, na cumeada das montanhas, situam-se os Refúgios Ecológicos de acordo com o PARANÁ CIDADE/SEDU (2008).

Apesar do grande potencial botânico do município devido à presença da Serra do Mar, a arborização de vias é bastante precária no perímetro urbano, caracterizando-se por poucas vias arborizadas, restando os miolos de quadras com um potencial de áreas verdes significativo, com grandes massas verdes localizadas e distribuídas em vários pontos. Entretanto, na área central e no setor histórico apresentam-se problemas de manutenção e de incompatibilidade da arborização com a dimensão de via, de passeio e com a fiação elétrica (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

3.1.1.3 Clima

Morretes está localizada na região climática tipo Cfa, de acordo com a classificação de Köppen, com clima subtropical úmido, mesotérmico, de verões

quentes e geadas pouco freqüentes, não apresentando estação seca. A média das temperaturas dos meses mais quentes é superior a 22° C e a dos mais frios é inferior a 18° C (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

Os ventos e o relevo influenciam de maneira significativa nos índices pluviométricos da área de estudo, os quais registraram diferenças significativas quando medidos em sopés de serra, escarpas, topos de morro ou reversos. Entretanto, a média da distribuição de chuvas é a maior de todo o Estado e tem tendência de concentração nos meses de verão, sendo que a precipitação média anual da região é de 2.000 a 2.500 mm, chegando a 3.500 mm na porção que abrange a área de estudo. A umidade relativa do ar varia de 80 a 85% (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

3.1.1.4 Hidrografia

De acordo com o PARANÁ CIDADE/SEDU (2008), o município de Morretes fica dentro da bacia hidrográfica do Rio Nhundiaquara, constituída pelos rios Nhundiaquara, Cachoeira e Ipiranga, tidos como principais. O município é banhado pelos rios Nhundiaquara, Pinto e Marumbi e divide-se nas sub-bacias dos rios Mãe Catira, Sagrado, Marumbi, Pinto e Saquarema.

A problemática da hidrografia decorre da ocupação territorial das margens dos rios. A ação antrópica ao longo da bacia se dá tanto por ocupação de populações e suas atividades em áreas de APP (Área de Preservação Permanente), quanto pela presença de grandes infra-estruturas lineares como a Rede Ferroviária, a Linha de distribuição de energia elétrica, a Rodovia BR-277, as quais induzem o aumento da ocupação. Estas ocupações próximas aos rios proporcionam inundações periódicas no perímetro urbano, causando malefício à população e ao ambiente (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

3.1.2. Aspectos histórico-culturais de Morretes

O município, que no século XVII se chamava “Povoado de Menino Deus dos Três Morretes”, teve importância no desenvolvimento econômico do Estado do Paraná, a princípio com o processo de exploração de minérios. Já no século XVIII, após a fundação oficial do povoado em 1733, muitas famílias importantes de

Paranaguá se fixaram na região, e instalaram diversas casas de comércio, até que o desenvolvimento local incomodou a vizinha Paranaguá. A Câmara de Paranaguá resolveu, em 1780, mandar fechar as casa de negócios da cidade. Este evento causou o primeiro ato coletivo de bravura de Morretes, o qual conseguiu reabrir seu comércio e prosperar, impulsionados também pelo ciclo da erva-mate. De acordo com PARANÁ CIDADE/ SEDU (2008), pela Lei Provincial de São Paulo nº 16, de 1º de março de 1841, Morretes foi elevado à categoria de Município, sendo desmembrado de Antonina e instalado a 5 de julho de 1841.

Em 22 de Abril de 1877, foi fundada a Colônia Nova Itália, por imigrantes italianos retirantes da Colônia Alexandra em Paranaguá, dando início à evolução de diversos núcleos: América, Rio do Pinto, Anhaia, Rio Sagrado, Sesmária, Sítio Grande, Turvo, Zulmira, Ipiranga. Estes imigrantes se juntaram às famílias sírias, japonesas e portuguesas e construíram importantes engenhos de cachaça que alavancaram a economia após o declínio das riquezas geradas pela erva-mate. As heranças deixadas pelo próspero desenvolvimento econômico advindos da mineração, da erva-mate e da cachaça permanecem imprimidas na paisagem através de prédios históricos, caminhos coloniais e cultura. Atualmente, pode-se dizer que Morretes vive o ciclo econômico do Turismo. Esta atividade, além de ser responsável por 60% do PIB municipal, se apropria e valoriza a História da região, a qual se torna um dos principais motivos para a atração de turistas e geração de renda para a cidade (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

3.1.3 Aspectos sócio-econômicos de Morretes

De acordo com o Censo Demográfico de 2000, Morretes possuía 15.275 habitantes, sendo que menos da metade da população, aproximadamente 47%, residiam na área urbana. Numa contagem realizada pelo IBGE, em 2007, a população de Morretes aumentou 6%, totalizando 16.198 habitantes. Numa projeção para o ano de 2010, a população deverá evoluir para 16.754 habitantes, sendo que os números evidenciam uma pequena predominância de habitantes do gênero masculino entre jovens e crianças (IBGE, 2009).

Considerando o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de Morretes e seus índices componentes – esperança de vida ao nascer, taxa de frequência escolar (pessoas de 7 a 22 anos), taxa de alfabetização de adultos e renda *per*

capita – observa-se que o melhor desempenho no município está associado à área da educação. Entretanto, se comparado à média dos índices dos municípios paranaenses, Morretes está aquém do ideal, apresentando situações socialmente desfavoráveis (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

Em relação à saúde, o município de Morretes, segundo dados de dezembro de 2007 do Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde, possui um hospital geral, seis postos de saúde e sete consultórios isolados, sendo destes, seis privados (IPARDES, 2008).

De acordo com o Plano Diretor de 2008 (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008), para atender a educação do município, existem 32 estabelecimentos de ensino pré-escolar, fundamental e médio. Dos 337 alunos matriculados do pré-escolar, 328 freqüentam estabelecimentos municipais e 9 estabelecimentos particulares. No ensino fundamental estão matriculados 2.958 alunos, sendo que 2.920 freqüentam escolas da esfera pública e 38 alunos estão em escolas particulares, sendo que somente o município oferece ensino fundamental na área rural.

Morretes é conhecida como "Capital Agrícola" da região litorânea, sendo que as principais culturas são o maracujá e o pepino. Com relação à área ocupada, a banana se destaca. A pecuária apresenta rebanhos de bubalinos e bovinos. A criação de peixes também é importante (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

Embora a atividade agrícola seja bastante presente no município, o setor secundário se destaca principalmente pelo comércio e serviços, dedicados principalmente à atividade turística, já que as indústrias não são significativas economicamente no município. O setor de serviços é responsável por 62,76% da arrecadação tributária, através do Imposto Sobre Serviço (ISS), e por 55,8% do PIB municipal (IBGE, 2004). Estes valores equivalem a pouco mais do que a soma das percentagens dos setores de agropecuária e indústria. Por consequência, grande parte da população se ocupa no setor de serviços (42,5%), seguido pelo setor de agropecuária (27,8%). Sendo que a taxa de desemprego da população economicamente ativa de Morretes é 8,9%. O rendimento mensal dos morretenses é de ½ a 1 salário mínimo para 50,12% deles; 13,48% recebem de 3 a 5 salários mínimos e 4,37% têm rendimentos acima de 10 salários mínimos.

3.1.4 Aspectos da infra-estrutura de Morretes

De acordo com o PARANÁ CIDADE/SEDU (2008), 98,12% dos domicílios de Morretes são atendidos por água tratada. A SANEPAR capta a água do Rio Iporanga, a 130 m acima do nível do mar. O sistema de abastecimento está composto por redes de distribuição e reservatórios em América de Cima. Apesar dos bons níveis de acesso à água tratada, a área urbana de Morretes apresenta rede de esgoto muito deficitária (9,17%), limitando-se à área central, ocasionando problemas de contaminação.

Em relação à limpeza urbana, o município possui cinco tipos de coletas de resíduos: coleta de lixo comum (cozinha), coleta de lixo reciclável (em toda a extensão do município), coleta de lixo vegetal (galhos, folhas), coleta de calça (restos de construção) e coleta de lixo hospitalar (postos de saúde, consultórios odontológicos e hospital). De acordo com o PARANÁ CIDADE/SEDU (2008), atualmente em Morretes são geradas diariamente aproximadamente 8,5 toneladas de resíduos sólidos domiciliares e semanalmente cerca de 300 kg de resíduos dos equipamentos de saúde são gerados. Estes resíduos são depositados num aterro e no depósito de resíduos vegetais.

O município de Morretes é atendido por linhas de telefonia fixa e móvel. Estas são operadas pela Brasil Telecom, TIM e Claro que atendem a área urbana e parte da área rural. A operadora Vivo possui maior abrangência tanto na área urbana como rural. Entretanto, em alguns trechos da BR- 277 e da PR-411, não há sinal para nenhuma destas linhas (IPARDES, 2006).

O consumo de energia em 2007 foi 22.071 mwh para 6.054 pontos de consumo (residências e comércio). Morretes é atendido pela Usina Hidrelétrica Marumbi, a qual produz somente parte da energia necessária ao município, o restante da demanda é suprida pela Usina Hidrelétrica Governador Parigot de Souza (IPARDES, 2006).

3.1.5 Aspectos turísticos de Morretes

O município possui um nível de atratividade natural e cultural que se destaca devido aos componentes de sua paisagem. Estão inseridos no município três parques estaduais, o Parque Estadual Pico do Marumbi, da Graciosa e do Pau Oco.

Todos eles fazem parte da Área de Interesse Turístico do Marumbi e contribuem para a conservação da paisagem do Município. Além dos recursos naturais, Morretes possui patrimônio cultural construído com a participação das diversas etnias que habitaram a região.

Recebendo mais de 140 mil turistas ao ano (PARANÁ TURISMO/ SETU 2006), Morretes conta com uma rede de equipamentos turísticos que oferecem serviços de hospedagem, alimentação, entretenimento e outros.

3.1.5.1 Equipamentos turísticos

Consideram-se equipamentos turísticos, os estabelecimentos de serviços destinados aos turistas, como meios de hospedagem, de alimentação, de entretenimento e outros serviços (BOULLÓN, 2002).

3.1.5.1.1 Hospedagem

Segundo o Inventário Turístico Municipal de 2005, o município conta com 02 hotéis com 64 leitos, 16 pousadas com 456 leitos, 03 *campings* com capacidade para 310 pessoas.

3.1.5.1.2 Alimentação

Morretes possui 21 restaurantes com capacidade de atendimento para 3.086 pessoas. Possui variedades de pratos como o barreado, frutos do mar, carnes, lanches, doces típicos, bananas desidratadas, *bananas-chips* (doce e salgada), *aipim-chips*, compotas diversas, doces diversos, licores, cachaças e pinga de banana (SETU, 2005).

3.1.5.1.3 Entretenimento

Morretes possui o Cine-Teatro, o qual foi o primeiro teatro do Paraná onde durante quase um século, os cidadãos assistiram filmes e peças teatrais, apresentadas por companhias famosas, das quais faziam parte atores de grande

popularidade e artistas da música erudita internacional. Localiza-se no centro histórico da cidade, na Rua XV de Novembro (SETU, 2005).

3.1.5.1.4 Outros serviços

Morretes possui uma operadora de turismo, dois postos de informações turísticas (na estação ferroviária e na Secretaria de Turismo), nove lojas de artesanato, duas empresas de transporte turístico, um módulo policial e dezesseis unidades de saúde (SETU, 2005).

3.1.5.2 Atrativos turísticos

São considerados atrativos turísticos os recursos naturais ou artificiais capazes de motivar a viagem e atrair turistas para o destino (BOULLÓN, 2002). Em Morretes podem ser encontrados os seguintes atrativos turísticos:

3.1.5.2.1 Atrativos de sítios-naturais

De acordo com Boullón (2002), são atrativos que se encontram em ambientes naturais tais como unidades de conservação, montanhas e morros, rios, quedas d'água e caminhos coloniais. São eles:

- a) Parque Estadual do Pico Marumbi - Unidade de proteção integral, criada pelo decreto n. 7 300 de 24/09/1990, possui uma área de 2.342,41 ha. Localiza-se apenas no município de Morretes (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- b) Parque Estadual da Graciosa - Esta Unidade de Proteção Integral foi criada pelo decreto n. 7 302 de 24/10/1990. Localiza-se no município de Morretes, com área de 1.189,58 ha (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- c) Parque Estadual do Pau Oco - Unidade de proteção integral, localizada no município de Morretes, foi criada pelo decreto n. 4 266 de 21/11/1994 e sua área abrange 905,58 ha (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- d) Parque Estadual Roberto Ribas Lange - Localizado nos municípios de Morretes e Antonina. Esta unidade de proteção integral foi criada pelo

decreto n. 4 267 de 21/11/1994 e abrange uma área de 2698,69 ha (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);

- e) Parque Estadual do Pico Paraná - Unidade de proteção integral abrange parte dos municípios de Antonina, Morretes e Campina Grande do Sul, foi criada pelo decreto n. 5769 de 05/06/2002 e totaliza 4.333,83 há (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- f) Área de Especial Interesse Turístico do Marumbi – Está localizada nos municípios de Antonina, Campina Grande do Sul, Morretes, Piraquara, Quatro Barras e São José dos Pinhais. Esta unidade de uso sustentável foi criada pela lei n. 7.919 de 22/10/1984, com o objetivo de preservar e valorizar os elementos naturais e culturais da área, disciplinando e controlando a ocupação do solo, proteger os recursos naturais renováveis, as paisagens, as localidades e os acidentes geográficos naturais adequados ao repouso e à prática de atividades recreativas, desportivas ou de lazer. Ocupa 66.732 ha, e compreende grande parte da Serra do Mar (ITCF, 1987);
- g) Conjunto Marumbi - Localizado na APA da Serra do Mar e é formado por oito picos: Olimpo ou Marumbi (1.547 m); Boa Vista (1.500 m); Gigante (1.487 m); Ponta do Tigre (1.400 m); Esfinge (1.378 m); Torre dos Sinos (1.280 m); Abrolhos (1.200 m); e Facãozinho (1.100 m) (SETUR, 2005);
- h) Morro do Sete - Localiza-se no Parque Estadual Roberto Ribas Lange, a 27 km do centro de Morretes pela Estrada da Graciosa. Possui 1.450 m de altitude (SETUR, 2005);
- i) Rio Nhundiaquara - Nasce da junção dos rios São João e Mãe Catira. O Nhundiaquara, que corta o Município em sentido de Oeste para Leste, nasce na junção dos rios São João e Mãe Catira. Este Rio recebe, como afluentes, o Ipiranga, o Marumbi, o do Pinto, o Passa Sete, o Sagrado, o Saquarema e o Jacareí, recebendo ainda os ribeirões Santa Cruz, Ponte Alta, Monjolo, etc. Além de aurífero, foi a primeira via natural que ligava o litoral paranaense ao planalto. O Nhundiaquara é navegável em aproximadamente 12 km (de Porto de Cima a Barreiros) e permite a prática de esportes como canoagem, pescarias e bóia-cross (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);

- j) Rio Marumbi - Localiza-se no bairro de América de Baixo e é muito visitado por turistas e moradores para passar o dia nos finais de semana. Possui infra-estrutura em mau estado de conservação;
- k) Salto dos Macacos - Localiza-se na AEIT do Marumbi. É uma cachoeira com 70 m de altura com uma seqüência de quatro piscinas naturais. Em seguida forma-se uma outra queda, o Salto Redondo, com 30 m de altura formando no seu topo um mirante natural com vista para o conjunto Marumbi (SETUR, 2005);
- l) Salto da Fortuna - Localiza-se no Parque Estadual do Pau Oco. É uma cachoeira de 50 m de altura com uma grande piscina natural em sua base. Ao longo da trilha o visitante pode observar uma capela histórica e parte do Caminho do Arraial, primeira ligação entre o litoral e o planalto (SETUR, 2005);
- m) Caminho Colonial da Graciosa - Caminho estabelecido por índios que habitavam a região e que desciam a serra para mariscar no litoral e retornavam na época do pinhão. Foi construído em duas etapas: a da Serra do Mar, entre 1646 e 1653 e até o Atuba, entre 1848 e 1870. Em 1653 o caminho foi abandonado, utilizando-se o do Itupava, porém, sua utilização consolidou-se com a emancipação da província em 1872 (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- n) Caminho Colonial do Anhaia ou do Arraial - Caminho histórico do Anhaia, antes denominado Caminho do Arraial, fica a sudoeste da cidade, com estrada que percorre 500 metros ao lado da linha ferroviária, margeando os rios Marumbi e do Pinto, onde existem trovadores, violeiros e grupos fandangueiros (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- o) Caminho Colonial do Itupava - Por quase 250 anos o Caminho do Itupava foi a principal via de comunicação entre o litoral e o planalto curitibano. Com a extensão de aproximadamente 55 km, o caminho partia do Largo do Bittencourt onde hoje se localiza o Círculo Militar do Paraná em Curitiba, passando pela Borda do Campo, em Quatro Barras, e atravessando a íngreme Serra do Mar até chegar a Porto de Cima, em Morretes. Tropas desciam carregadas de erva-mate, fumo, carne seca, couros e cereais, entre outros. Na subida eram transportados produtos

como açúcar, sal, ferragens, tecidos e álcool. Após abertura da Estrada da Graciosa se iniciou o declínio do Caminho, tendo se extinguido quase por completo após a abertura da ferrovia Curitiba-Paranaguá, em 1885. Entretanto, o caminho foi restaurado para a prática de esportes como o *trekking* e montanhismo (SETUR, 2005).

3.1.5.2.2 Atrativos de manifestações histórico-culturais

Segundo Boullón (2002), consideram-se atrativos de manifestações histórico-culturais os casarios históricos, ferrovia, museus, ruínas, lugares e prédios históricos. Em Morretes são encontrados os seguintes atrativos:

- a) Recanto Cascatinha - Localiza-se no Vilarejo Marumbi, a 8 km do centro de Morretes. Recanto formado por um bosque às margens do Rio Marumbi onde ainda funciona um dos mais antigos engenhos de cachaça (SETUR, 2005);
- b) Igreja de São Sebastião do Porto de Cima - Tombada pelo Estado do Paraná, a igreja está situada na praça central de Porto de Cima, em torno da qual estão dispostas as poucas casas dos habitantes do lugarejo. De origem portuguesa, foi construída na primeira metade do século XIX e inaugurada em 1850. A arquitetura, com características coloniais, foi bastante modificada e está rodeada de edificações do século XIX e XX. Internamente, sua ornamentação é rica. Foi tombada e restaurada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná em 1963 e encontra-se no povoado de Porto de Cima (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- c) Igreja Matriz de Nossa Senhora do Porto - Localiza-se no Largo da Matriz, no centro histórico da cidade, num dos pontos de maior visibilidade da cidade, portanto destaca-se na paisagem urbana. Em 1812 iniciou-se a construção da igreja, para substituir uma primitiva capela. Inaugurada em 1850, possui em seu interior uma Via-Sacra a óleo executada pelo pintor morretense Theodoro de Bona. Em frente à igreja está instalado um sino vindo de Portugal, com o brasão do Império, fundido no ano de 1854, além de uma cruz que data da

passagem do século e um relógio em sua torre que funciona desde a fundação da igreja (SETUR, 2005);

- d) Igreja de São Benedito - Foi construída por escravos em 1765 ou que a data de sua fundação foi em 1863, com sua torre edificada somente 53 anos mais tarde, em 1916. Seu estilo é colonial e seu acervo artístico e histórico ainda permanece bem conservado. Internamente, o maior interesse está no altar-mor, com um grupo de imagens de diferentes épocas, sobressaindo-se entre todas, a do padroeiro, São Benedito. É tombada pelo Patrimônio Histórico e localiza-se na confluência das ruas Conselheiro Sinimbu e Fernando Amaro, no centro histórico da cidade (SETUR, 2005);
- e) Casa Rocha Pombo - A casa em que Rocha Pombo, historiador, nasceu é uma moradia simples, de um pavimento, construída em alvenaria mista (pedra e tijolos) em meio a uma área ajardinada com duas frentes, uma para o Largo Dr. José Pereira e outra para o Rio Nhundiaquara. Em seu jardim encontra-se uma maquete da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi em escala 1:5000. Atualmente a casa encontra-se fechada e aguarda restauro já aprovado (SETUR, 2005);
- f) Marco Zero - Em 31 de dezembro de 1733, oficialmente, fixou-se o Marco Zero de Morretes, localizado às margens do rio Nhundiaquara, na Rua General Carneiro, no centro histórico da cidade (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- g) Estação Ferroviária - Datada de 1885, encontra-se em bom estado de conservação. Embora já tenha sofrido diversas reformas, não apresenta vestígios de arquitetura moderna e hoje possui sanitários, lanchonetes e barracas com produtos artesanais. Localiza-se na Praça Rocha Pombo, no centro histórico da cidade (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- h) Ferrovia Paranaguá-Curitiba - A obra da ferrovia iniciou-se em 1880 e sua construção durou somente cinco anos. Com a extensão de 110 Km, a ferrovia conta com 13 túneis, 30 pontes e vários viadutos de grande vão, destacando-se a ponte São João, a mais importante, com altura de 55 metros sobre o fundo da grota. O ponto mais elevado da linha encontra-se na entrada do túnel de Roça Nova, onde a linha atinge 955 metros sobre o nível do mar, e o mais baixo, na Estação do Porto D.

Pedro II, em Paranaguá, com 4,66 m. Na estação do Marumbi passa a linha férrea ao lado do Pico do mesmo nome, com 1.539 metros e do morro do Leão, com 1564 metros, vencendo o degrau entre o litoral paranaense e o primeiro planalto do interior, onde está Curitiba, a cerca de 900 metros de altitude (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);

- i) Casa Dona Siroba - é uma casa de uso misto, em que o espaço da esquina é aproveitado para um restaurante, com aberturas de portas para as duas ruas. O sótão habitável e o contorno curvo de concordância com o térreo denunciam influência da imigração portuguesa. A técnica empregada é alvenaria de tijolos com cobertura em telhas cerâmicas. Os vãos de portas e janelas, fechados por esquadrias de madeira arrematadas por bandeiras envidraçadas são encimados por arcos abatidos (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

3.1.5.2.3 Atrativos de folclore

Boullón (2002) considera atrativos de Folclore as comidas e bebidas típicas, músicas, danças e artesanato. Em Morretes são encontrados:

- a) Barreado - é o símbolo de fartura, festa e alegria. Trata-se do prato típico do litoral paranaense, constituído de carne cozida no chão em panela de barro vedada com farinha de mandioca. Originou-se dos mutirões de pescadores e com o decorrer do tempo foi adotado como prato do período carnavalesco. Atualmente o Barreado é servido na maioria dos restaurantes de Morretes (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- b) Cachaça - Morretes já viveu diversos ciclos econômicos: os ciclos do ouro, da cana-de-açúcar e da erva-mate. Aos poucos, as pequenas plantações de cana de açúcar que proporcionavam o açúcar mascavo, a rapadura, mantinham a incipiente economia do local. Uma vez suprida a demanda artesanal, os engenhos da cachaça passaram a se expandir e denominaram sua cachaça como “Morreteana”. Após o declínio do cultivo da cana, porém, alguns descendentes dos “engenheiros” decidiram retomar a tradição partindo do conhecimento e, em alguns casos, dos equipamentos dos ancestrais ou baseados na moderna tecnologia, mantendo a qualidade. Atualmente, a tendência é a

implantação de pequenas unidades de produção de cachaça artesanal, mas com a aplicação de tecnologias, sem que se perca a qualidade. Para tanto, partindo da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Morretes, os empreendedores se agruparam para consolidar as bases do renascimento da “Morreteana”, com fundamentos empresariais mais sólidos (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008).

3.1.5.2.4 Atrativos de eventos programados

De acordo com Boullón (2002), são considerados atrativos de eventos programados os festivais e festas religiosas ou profanas. Em Morretes podem ser encontrados os seguintes atrativos de eventos programados:

- a) Dia de Corpus Christi - é tradição em Morretes a celebração de Corpus Christi. Todos os anos as ruas são enfeitadas pela comunidade com tapetes e de serragem para a procissão passar (SETUR, 2005);
- b) Festa de São João Batista - é realizada no bairro de Ponte Alta, próximo ao centro de Morretes. Trata-se da realização de novenas e no dia 23 de junho, dia de São João Batista, é celebrada missa em homenagem ao padroeiro. À meia-noite é formada a procissão luminosa pelos devotos, com destino a um riacho onde é realizado o ritual da benção da água (PARANÁ CIDADE/SEDU, 2008);
- c) Festa Feira - a Festa Feira Agrícola e Artesanal de Morretes nasceu da união de agricultores com o poder público, a qual proporciona que os agricultores e artesãos do município exponham seus produtos e com o objetivo de criar mecanismos de divulgação de diversas formas de manifestação da cultura do Município. A festa ocorre durante 9 dias no mês de julho (SETUR, 2005).

3.1.5.6 Atrativos de esportes

Foram considerados atrativos de esportes as atividades esportivas que motivam a visita a Morretes, são eles:

- a) *Bóia-cross* - localiza-se em Porto de Cima, vilarejo antigo de Morretes, a uma distância de 6 km do centro da cidade. É um esporte que consiste

na descida do Rio Ipiranga e Nhundiaquara em cima de câmaras de ar (bóias de pneu). O bóia-cross é uma diversão para os que gostam de aventura sem competição. A atividade geralmente é feita em grupos. O *bóia-cross* permite contato direto com a natureza, em clima de ajuda mútua para se chegar ao final. É praticado de barriga para cima, deitando-se sobre a bóia com o pé na extremidade frontal da bóia e a cabeça na parte final da bóia, com parte do corpo dentro da água (SETUR, 2005);

- b) Cicloturismo - caracteriza-se por um passeio de bicicleta, no qual se percorre 32 Km em estradas de terra, passando por sete vilarejos (Central, Ponte Alta, América de Cima, América de Baixo, Marumbi, Pantanal e Anhaia), transpondo obstáculos como rios e pontes (SETUR, 2005).

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar o objetivo da pesquisa, os procedimentos metodológicos empregados abrangem diversas etapas de trabalho, conforme o fluxograma apresentado na FIGURA 3.

3.2.1 Divisão de Morretes em regiões turísticas

Para a identificação das paisagens turísticas, foi necessário entender como é estrutura da atividade turística na área de estudo.

Utilizando mapa físico-administrativo do município e entrevista informal com funcionários da Secretaria Municipal de Turismo, buscou-se entender a estrutura da atividade turística na área de acordo com suas características paisagísticas (corredores da paisagem) e turísticas (oferta turística). De acordo com Kozel *et al.* (2007): “a estrutura (...) pode ser diferenciada de acordo com seus aspectos funcionais, valorativos e sócio-culturais, mas também por meio de aspectos do mundo vivido dos seus moradores, ou de valores estéticos e artísticos”.

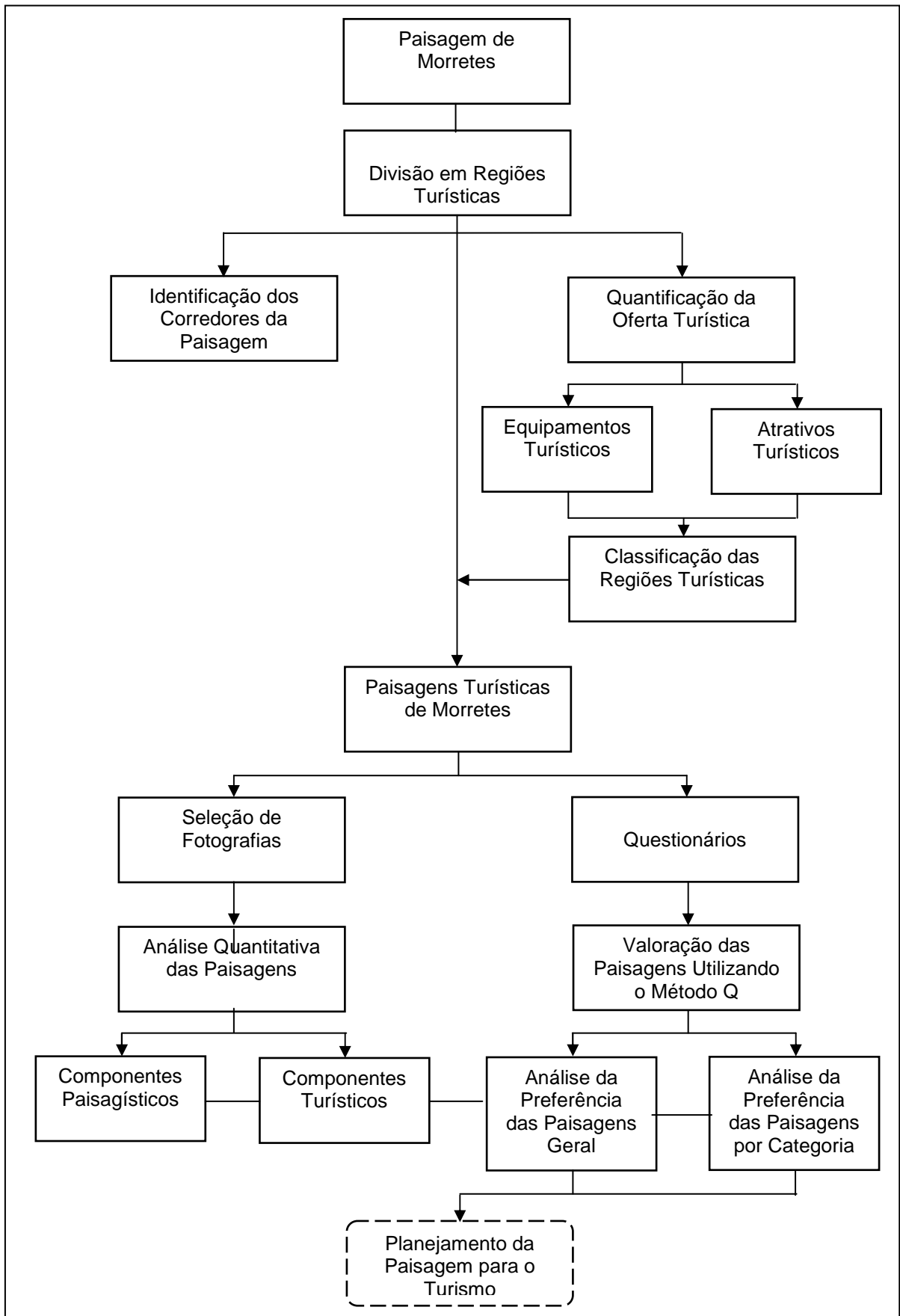


FIGURA 3 – FLUXOGRAMA DA METODOLOGIA
 FONTE: A autora (2009).

3.2.1.1 Identificação dos corredores da paisagem

De acordo com Marenzi (2004), os corredores da paisagem são considerados os traçados do sistema viário e do sistema hidrográfico.

3.2.1.2 Quantificação da oferta turística

A quantificação da oferta turística da área de estudo atribui objetividade à divisão do município em regiões, contribuindo para o entendimento da estrutura da atividade turística na paisagem de Morretes, pois se pode afirmar que onde existe oferta turística, existem atividade turística e turistas. A quantificação se deu de duas formas: a primeira de acordo com os equipamentos turísticos e a segunda de acordo com os atrativos turísticos.

- a) Equipamentos turísticos - utilizando a classificação de Boullón (2002), foram quantificados os equipamentos de hospedagem (hotéis, pousadas e campings), de alimentação (restaurantes, lanchonetes e quiosques), de entretenimento (teatros e cinemas) e outros serviços (iate clubes, agências e operadores de viagens, postos de informação, comércio, locais para eventos, empresas de transporte turístico, módulos policiais, de bombeiros, estacionamentos e unidades de saúde).
- b) Atrativos turísticos - também de acordo com a classificação de Boullón (2002), os atrativos turísticos se apresentam divididos em sítios naturais (montanhas e morros, rios, quedas d'água, unidades de conservação e caminhos coloniais), manifestações histórico-culturais (casarios históricos, ferrovia, museus, lugares históricos, ruínas), folclore (comidas e bebidas típicas e artesanato), eventos programados (festivais e festas religiosas e profanas) e esportes (*bóia-cross* e cicloturismo).

3.2.1.3 Classificação das regiões turísticas

Após a quantificação da oferta, se estabeleceu uma classificação das regiões turísticas de acordo com a intensidade da atividade turística (baixa, média e alta intensidade) obtida através de uma pontuação apresentada na TABELA 1. Em que as regiões de baixa intensidade possuem pontuação de 0 a 2 pontos; média

intensidade entre 3 e 5 pontos; e alta intensidade de 6 a 8 pontos. As regiões que não possuíam equipamentos ou atrativos foram excluídas do estudo. A partir da identificação das regiões que possuíam turismo, encontraram-se as paisagens turísticas da área de estudo a serem analisadas.

TABELA 1 – VALORAÇÃO DE ACORDO COM A OFERTA

Variáveis		Pontuação
Número de equipamentos turísticos	não há	0
	até 10	1
	entre 11 e 20	2
	entre 21 e 30	3
	mais de 31	4
Número de atrativos turísticos	não há	0
	até 5	1
	entre 6 e 10	2
	entre 11 e 15	3
	mais de 16	4

FONTE: A autora (2008).

3.2.2 Seleção das fotografias

Para o processo de seleção das paisagens, as cenas da área de estudo deveriam ser fotografadas em abundância para garantir uma quantidade satisfatória para a escolha.

As fotografias deveriam ser representativas das paisagens turísticas identificadas e seu número deveria ser reduzido ao máximo para facilitar e dinamizar as entrevistas, tendo em vista que se o tempo da entrevista for menor, o entrevistado teria, teoricamente, maior aceitação do questionário e maior zelo em respondê-lo.

Seguindo a recomendação de FAIWEATHER *et al.* (2001), as fotografias, ou substitutos da paisagem, foram selecionadas com a preocupação de que tivessem semelhanças em perspectivas, planos de fundo e que os aspectos climáticos, como nebulosidade, não influenciassem na percepção dos entrevistados.

Além disso, ficou estabelecido que os componentes e elementos que apareceriam nas paisagens selecionadas deveriam ser diferentes em cada uma delas. Isto deveria contribuir para a justificativa da preferência das paisagens de

acordo com a análise quantitativa de seus componentes e elementos paisagísticos e turísticos.

3.2.3 Análise quantitativa das paisagens

Baseado em Hardt (2000), foi estabelecido que as fotografias selecionadas deveriam possuir o tamanho padrão de 10 x 15 cm, divididas em quadrículas de medida 0,4 x 0,4 cm, totalizando 900 quadrículas por fotografia, conforme apresentado na FIGURA 4.

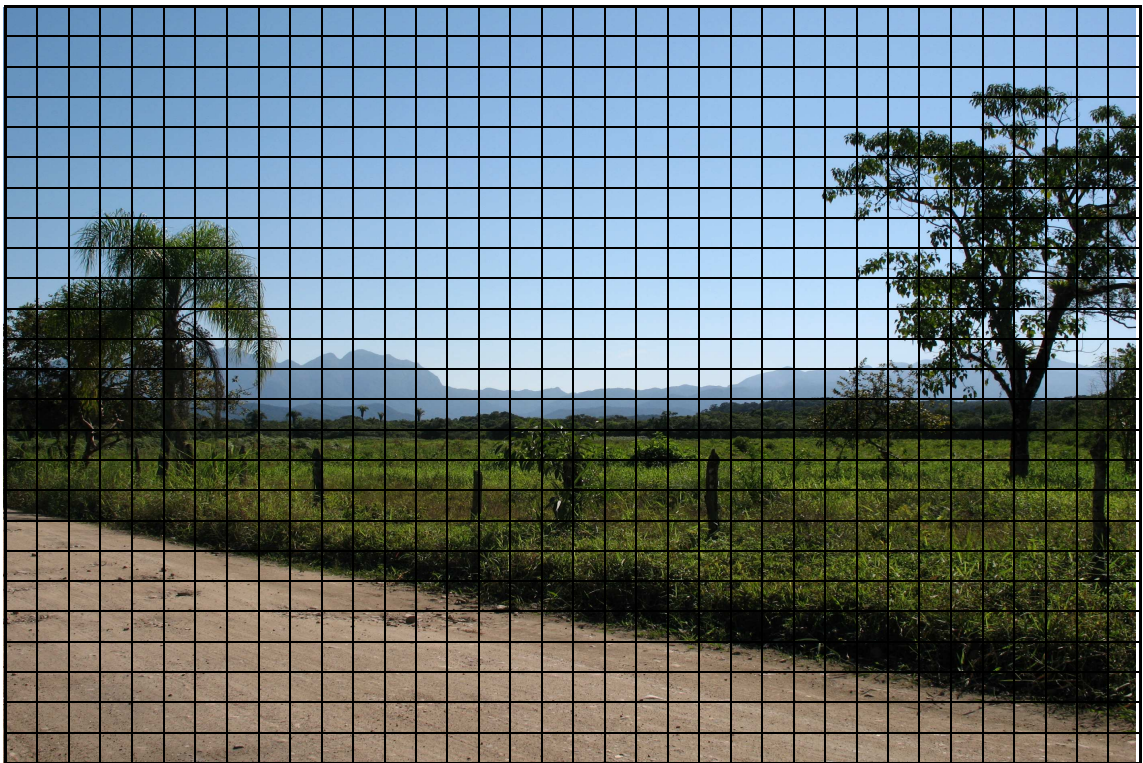


FIGURA 4 – EXEMPLO DE GRADE DE QUADRÍCULAS
FONTE: A autora (2008).

A quantificação dos componentes da paisagem foi realizada através da verificação de cada quadrícula das paisagens selecionadas, extraindo uma porcentagem de cada componente, sendo eles paisagísticos e turísticos.

3.2.3.1 Componentes paisagísticos

- a) Naturais - relevo (plano ou acidentado), céu, fauna, solo vegetação (rasteira/herbácea ou arbórea) e água;

- b) Antrópicos - edificações (estilo antigo, estilo moderno ou sinalização comercial); infra-estrutura (sinalização turística, estradas asfaltadas, ruas/calçadas de paralelepípedos, pontes, postes, orelhões, lixeiras ou bancos); e elementos móveis (pessoas, automóveis, ou barcos).

3.2.3.2 Componentes turísticos

- a) Naturais - céu, fauna, solo, vegetação e atrativos de sítios naturais (rio ou montanha);
- b) Antrópicos - atrativos de Manifestações Histórico-Culturais (casario ou coreto), edificações diversas, equipamentos (comércio/restaurante, sinalização comercial ou centro de visitantes), infra-estrutura (sinalização turística, estradas asfaltadas, ruas/calçadas de paralelepípedo, pontes, postes, lixeira, orelhões ou bancos), e elementos móveis (pessoas, automóveis, ou barcos).

3.2.4 Questionários

Foi estabelecido que as entrevistas deveriam ser realizadas em três categorias de sujeitos: residentes, turistas e profissionais das áreas de Turismo ou de Paisagem. Estas categorias foram estabelecidas com o objetivo de verificar se existiam padrões de preferências entre pessoas que possuem diferentes níveis de familiaridade com a paisagem ou com os conhecimentos teóricos sobre paisagem ou turismo.

Para os residentes e turistas, os questionários foram aplicados no centro histórico de Morretes de maneira aleatória na tentativa de abranger a maior variedade de perfis de participantes. Quanto às entrevistas com profissionais das áreas de turismo ou de paisagem, foram selecionados professores acadêmicos de acordo com suas áreas de atuação. A maioria das entrevistas foi de forma pessoal, em seus gabinetes e o restante via e-mail.

Após o consentimento do sujeito em ser entrevistado e antes de o pesquisador solicitar a elaboração do *Q-sort*, algumas informações relevantes a respeito dos entrevistados foram levantadas com a finalidade de delinear seu perfil.

As informações extraídas foram (APÊNDICE 1):

- a) Gênero - feminino ou masculino;

- b) Faixa etária - até 18 anos, de 19 a 30 anos, de 31 a 45, de 46 a 60 anos ou acima de 61;
- c) Local de residência - Morretes, Curitiba e RMC, interior do Paraná, outros Estados ou outros Países;
- d) Nível de escolaridade - 1º grau, 2º grau, graduação ou pós-graduação;
- e) Renda média mensal individual - até R\$ 500,00, de R\$ 501,00 a R\$ 1500,00, de R\$ 1501,00 a 3000,00 ou acima de R\$ 3001,00;
- f) Gasto médio diário individual - até R\$ 15,00, de R\$ 15,01 a R\$ 30,00, de R\$ 30,01 a R\$ 50,00 ou mais de R\$ 50,01;
- g) Tempo de permanência - até ½ dia, o dia todo, 2 dias ou 3 dias ou mais;
- h) Familiaridade com a paisagem - se os entrevistados já haviam visitado Morretes outras vezes ou se aquela era a primeira visita;
- i) Motivação da Viagem - patrimônio natural, patrimônio cultural, esportes, gastronomia ou outros;
- j) Elementos do Turismo - após receber os substitutos os entrevistados apontaram a paisagem em que mais viram elementos do turismo em sua opinião;
- k) Ordem de preferência - sob o estímulo “qual paisagem de Morretes eu gosto”, os entrevistados ordenaram as paisagens de acordo com sua preferência (de 1ª a 9ª posição);
- l) Motivo da escolha das paisagens - bom estado de conservação das paisagens, mau estado de conservação das paisagens, presença de natureza, presença de cultura ou outro.

Para cada categoria as perguntas foram adequadas no intuito de extrair as informações mais relevantes a cada uma delas. Para os turistas foram aplicadas todas as perguntas do questionário (APÊNDICE 1). Para os residentes e profissionais, foram excluídas as perguntas referentes a gasto médio diário por pessoa, tempo de permanência e principal motivação para a visita ao município, pois estas não se adéquam a seu perfil. Além disso, para os profissionais foram adicionadas perguntas como formação acadêmica e área de atuação e a pergunta sobre a motivação para a visita foi modificada para “qual seria a motivação da visita”, em caso hipotético, portanto (APÊNDICE 2).

O número de amostras (entrevistados) foi determinado pela predominância de uma mesma resposta, ou seja, os questionários foram tabulados ao final de cada dia de coleta e, havendo permanência no padrão de respostas, encerraram-se as coletas.

Os dados coletados pelos questionários foram compilados e tabulados no programa Windows Excel 97-2003.

3.2.5 Valoração das paisagens utilizando o Método Q

Conforme a ordem de preferência atribuída às paisagens por cada entrevistado, sob o estímulo “qual paisagem de Morretes eu gosto”, elaborou-se então a alocação de cada paisagem na pirâmide do Método Q⁸, resultando no chamado Q-Sort (FAIRWEATHER *et al.*, 1998).

Sabe-se que cada coluna da pirâmide possui um valor que varia de -2 a +2, sendo que cada paisagem teve um valor atribuído por cada entrevistado no Q-Sort (FIGURA 5). A soma dos valores de todos os Q-Sorts gerou um escore para cada uma das paisagens selecionadas. Desta forma, foi possível extrair a valoração de cada paisagem.

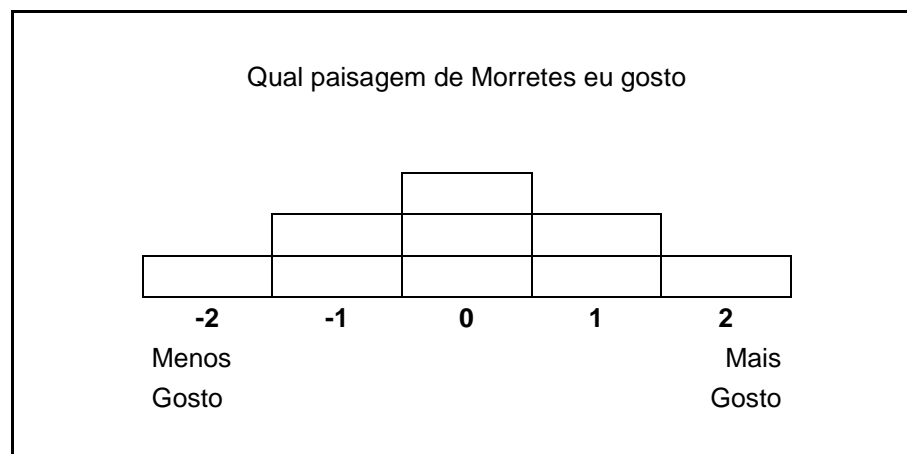


FIGURA 5 – Q-SORT - QUAL PAISAGEM DE MORRETES EU GOSTO
 FONTE: A autora (2008).

⁸ O entendimento do entrevistado em relação à pesquisa foi facilitado substituindo a solicitação da alocação das paisagens na pirâmide do Método Q por uma ordem de preferência. A alocação das paisagens na pirâmide do método foi elaborada posteriormente pela pesquisadora baseada na preferência ordenada por cada entrevistado.

3.2.5.1 Análise da preferência das paisagens

Em seguida à verificação da valoração das paisagens, elaborou-se a análise das preferências utilizando os resultados das quantificações de seus componentes paisagísticos e turísticos. Foram feitas análises da preferência geral e por categoria de entrevistado.

- a) Geral: utilizou-se a valoração de todos os entrevistados sem distinção;
- b) Por Categoria: analisaram-se as valorações de acordo com a preferência dos residentes, turistas e profissionais. Foram feitas correlações entre as preferências de paisagens consensuais e distintas entre as categorias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES TURÍSTICAS DE MORRETES

Conforme a metodologia, as regiões de Morretes foram estabelecidas de acordo com os componentes paisagísticos, identificando os corredores que existiam na paisagem, e os componentes turísticos, quantificando a oferta. Dessa forma, se estabeleceram as seguintes regiões (FIGURA 6):

- a) São João/Graciosa ao Norte (cor laranja);
- b) Sede ao Centro (cor vermelha);
- c) América ao Oeste (cor roxa);
- d) Barreiros a Leste (cor amarela);
- e) Rio Sagrado a Sudoeste (cor azul);
- f) Sambaqui ao Sudeste (cor verde).

4.1.1 Identificação dos corredores da paisagem

De acordo com Marenzi (2004), os corredores da paisagem são considerados os traçados do sistema viário e do sistema hidrográfico. Sendo o sistema viário a BR-277, a PR-408, PR-411, a Ferrovia Paranaguá-Curitiba, a estrada de terra sentido Candonga e o sistema hidrográfico do Rio Nhundiaquara. Também foi utilizado a delimitação do perímetro urbano da área de estudo, estabelecido pelo PARANÁ CIDADE/SEDU (2008).

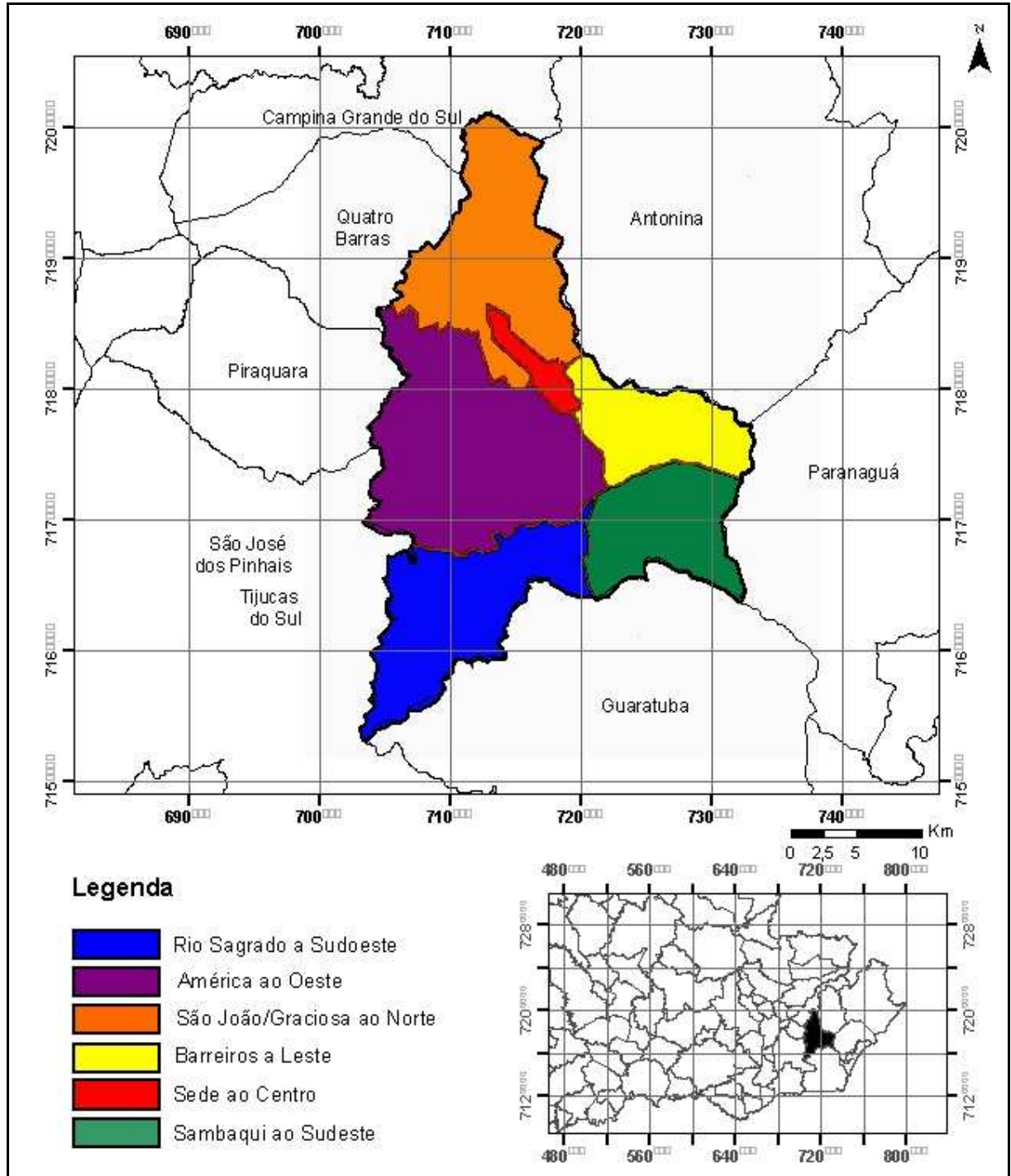


FIGURA 6 – REGIÕES TURÍSTICAS DE MORRETES
 FONTE: GRISE, M. M. (2009b).

4.1.2 Quantificação da oferta turística

4.1.2.1 Equipamentos turísticos

O número total de equipamentos turísticos em Morretes é de 77 estabelecimentos citados pelo inventário municipal de 2005 (SETU, 2005). Nestes estão incluídos 21 equipamentos de hospedagem (2 hotéis, 16 pousadas e 3 campings), 22 equipamentos de alimentação (21 restaurantes e 1 lanchonete), 1 equipamento de entretenimento (Cine-Teatro) e 32 equipamentos de outros serviços (1 late-Clube, 1 operadora de viagens, 2 postos de informação, 9 lojas de artesanato, 2 empresas de transporte turístico, 1 módulo policial, 1 corpo de bombeiros e 22 unidades de saúde).

4.1.2.2 Atrativos turísticos

A segunda forma de avaliar a oferta foi de acordo com os atrativos turísticos, que totalizam 33 cadastrados no inventário. Em Morretes eles se apresentam divididos em sítios naturais (17), manifestações histórico-culturais (9), folclore (2), eventos programados (3) e esportes (2).

No caso de atrativos que ocorriam em mais de uma região, o atrativo deveria ser atribuído a todas as regiões em que ocorria. Por exemplo, o Rio Nhundiaquara, que corta o município, foi computado como atrativo de São João/Graciosa, Sede e Barreiros. Dessa forma, a soma dos atrativos das regiões não equivale ao número real de atrativos que Morretes possui.

4.1.3 Classificação das regiões turísticas

De acordo com a quantificação da oferta, as regiões turísticas seriam classificadas como de baixa, média e alta intensidade turística, de acordo com o número de equipamentos e atrativos que cada região possui. Verificou-se que a paisagem que possui a maior ocorrência de equipamentos e atrativos em Morretes foi a Sede, com alta intensidade turística; seguida pelas regiões São João/Graciosa e América com média intensidade; e Barreiros, com baixa intensidade em relação às outras regiões do município (TABELA 2).

TABELA 2 – INTENSIDADE TURÍSTICA

Regiões	Número de Equipamentos	Número de Atrativos	Pontuação	Nível de Intensidade
São João/Graciosa	5	16	5	Média
Sede	61	14	7	Alta
América	5	11	4	Média
Barreiros	2	1	2	Baixa

FONTE: A autora (2008).

As regiões de Rio Sagrado e Sambaqui possuíam apenas 2 equipamentos de outros serviços cada uma (unidades de saúde). Acredita-se que tais equipamentos não sejam capazes de atrair ou atender por si só a uma demanda turística e devem ser excluídas do estudo. Mesmo considerando o valor paisagístico da área excluída, o município foi recortado devido à inexistência de equipamentos e infra-estrutura turística na porção sul, a qual também não favoreceu a identificação de atrativos turísticos em potencial.

4.2 ANÁLISE QUANTITATIVA DAS PAISAGENS

Para o processo de seleção dos substitutos (fotografias), foram fotografadas ao todo 437 cenas (paisagens) das regiões turísticas identificadas. As selecionadas foram as paisagens que melhor representaram estas regiões através dos componentes paisagísticos e turísticos que se apresentaram em cada uma delas. Foram escolhidas nove fotografias, levando em consideração também as semelhanças de perspectivas, planos de fundo e aspectos climáticos. A identificação de cada paisagem foi feita através de numeração atribuída de maneira aleatória. Dessa forma, as paisagens selecionadas foram:

4.2.1 Paisagem 1

Localiza-se na Sede, região com alta intensidade turística. Visualmente a paisagem apresenta em primeiro plano uma grande porção de rua e calçada em paralelepípedo; em segundo plano casario histórico em mal estado de conservação, orelhão, lixeira, poste, fiação elétrica, discreta arborização e; como plano de fundo, vegetação arbórea com céu (FIGURA 7).



FIGURA 7 – PAISAGEM 1
 FONTE: A autora (2008).

A quantificação dos componentes paisagísticos revelou que a paisagem 1 apresenta a predominância de relevo plano, 90% (TABELA 3). Também predomina a edificação de estilo antigo com 38%. O segundo lugar em predominância, a infraestrutura apresenta 31% com calçadas ou ruas de paralelepípedo, orelhão, lixeira e poste. Aproximadamente 31% da paisagem são tomados por componentes naturais, sendo 20% de vegetação (rasteira e arbórea) e céu com 11%.

TABELA 3 – PAISAGEM 1 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes / Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	813	90
	Céu		97	11
	Vegetação	rasteira/herbácea	1	0
		arbórea	178	20
Sub-total Componente Natural			276	31
Antrópicos	Edificação	estilo antigo	346	39
		ruas/ calçadas de paralelepípedos	243	27
	Infra-Estrutura	postes	22	2
		orelhões	10	1
		lixeiras	3	0
	Sub-total Componente Antrópico			624
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Em relação a componentes turísticos na paisagem, o casario representa o atrativo cultural, representado por 38% (TABELA 4). A infra-estrutura permanece com 31%. Não há atrativo natural ou equipamento na paisagem. Os componentes vegetação e céu permanecem com os mesmo valores. Dessa forma, podemos afirmar que os componentes do Turismo totalizam 71%, soma do atrativo cultural e infra-estrutura.

TABELA 4 – PAISAGEM 1 - COMPONENTES TURÍSTICOS

		Componentes / Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Céu		97	11
	Vegetação		179	20
	Sub-total de Componente Natural		276	31
Antrópicos	Atrativo Cultural	casario	346	38
		ruas/ calçadas de paralelepípedos	243	27
	Infra-Estrutura	postes	22	2
		orelhões	10	1
		lixeiros	3	0
	Sub-total de Componentes Antrópicos		624	69
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

4.2.2 Paisagem 2

Esta paisagem está localizada na Sede, apresenta alta intensidade de atividade turística e ícones importantes da paisagem de Morretes. Em primeiro plano aparece o Rio Nhundiaquara com alguns afloramentos rochosos e elementos móveis (barco). Em segundo plano, vê-se a Ponte Velha, casarios históricos, vegetação e edificação diversa. O Conjunto Marumbi e o céu formam o plano de fundo (FIGURA 8).



FIGURA 8 – PAISAGEM 2
 FONTE: A autora (2008).

A paisagem 2 apresenta uma grande diversidade de elementos com porcentagens equilibradas (TABELA 5). Apresenta o elemento água com maior pontuação (33%) seguido pelos elementos céu (22%) e vegetação (21%). Logo após as edificações aparecem (12%), representadas pelos casarios e beirais. A infraestrutura (6%) é representada pela ponte e o solo participa com 6%.

TABELA 5 – PAISAGEM 2 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	348	39
		acidentado	357	40
	Céu		195	22
	Solo		49	5
	Vegetação	rasteira/herbácea	37	4
		arbórea	155	17
Água		299	33	
Sub-Total Componente Natural			735	82
Antrópicos	Edificação	estilo antigo	101	11
		estilo moderno	6	0
		pontes	55	6
		bancos	1	0
		barcos	2	0
Sub-total Componente Antrópico			165	18
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Com relação aos componentes turísticos, o elemento atrativo natural, composto pelo Rio Nhundiaquara e pelo Conjunto Marumbi, representaram 37% da paisagem (TABELA 6). Alterou-se o valor da edificação, pois os casarios representam o atrativo cultural com 11%. O elemento vegetação teve seu valor diminuído para 18% em relação à paisagem 1. Os elementos céu, solo, infraestrutura e elementos móveis permaneceram com as mesmas porcentagens. Ao todo, a paisagem possui 54% de componentes do turismo, que equivale à soma de atrativos, naturais e culturais, e infra-estrutura.

TABELA 6 – PAISAGEM 2- COMPONENTES TURÍSTICOS

Componentes / Elementos		Número	Porcentagem	
Naturais	Céu	195	22	
	Solo	49	5	
	Vegetação	159	18	
	Atrativo Natural	rio montanha	299 33	33 4
	Sub-total de Componentes Naturais	735	82	
Antrópicos	Atrativo Cultural	casario	101 11	
	Edificação Diversa		6 0	
	Infra-Estrutura	ponte	55	7
		bancos	1	0
		barcos	2	0
Sub-total de Componentes Antrópicos	165	18		
Total		900	100	

FONTE: A autora (2008).

4.2.3 Paisagem 3

Localizada em Barreiros, a paisagem 3 apresenta baixa intensidade turística. Nela aparecem o Rio Nhundiaquara, quase em sua foz na Bahia de Antonina, elementos móveis (barcos) e algumas estacas em primeiro plano. Em segundo plano observam-se um barracão, um atracadouro, solo exposto, vegetação, poste e mais barcos. As montanhas, vegetação e céu formam o plano de fundo (FIGURA 9).



FIGURA 9 – PAISAGEM 3
 FONTE: A autora (2008).

A maior porcentagem que esta paisagem apresenta é a do elemento água, representado por 28% (TABELA 7). Em segundo lugar aparece o céu com 25%. Os elementos móveis aparecem com bastante representatividade, 24%. A vegetação está presente em 19% da paisagem. Os outros componentes, solo, edificações e infra-estrutura, apresentam porcentagens menos representativas, abaixo dos 2%.

TABELA 7 – PAISAGEM 3 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes / Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	618	69
		acidentado	53	6
	Céu		229	25
	Solo		12	1
	Vegetação	rasteira/herbácea	23	3
		arbórea	145	16
	Água		252	28
Sub-total Componente Natural			661	73
Antrópicos	Infra-Estrutura	estilo moderno	13	1
		postes	14	2
	Elementos Móveis	barcos	212	24
	Sub-total Componente Antrópico			239
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Os componentes turísticos na paisagem 3 totalizam 31% e são representados pelo atrativo natural, Rio Nhundiaquara e montanhas ao fundo, com 29%; e pela infra-estrutura dos postes, com 2% (TABELA 8). A vegetação diminuiu para 18% em relação aos componentes paisagísticos (TABELA 7). Os valores de céu, solo, edificações e elementos móveis não tiveram suas porcentagens alteradas.

TABELA 8 – PAISAGEM 3 - COMPONENTES TURÍSTICOS

Componentes / Elementos		Número	Porcentagem	
Naturais	Céu	229	25	
	Solo	12	1	
	Vegetação	158	18	
	Atrativo Natural	rio	252	28
		montanha	10	1
Subtotal de Componente Natural		661	73	
Antrópicos	Edificação Diversa	13	1	
	Infra-Estutura	postes	14	2
	Elementos Móveis	barcos	212	24
	Sub-total de Componente Antrópico		239	27
Total		900	100	

FONTE: A autora (2008).

4.2.4 Paisagem 4

Está localizada no distrito de Porto de Cima, na Sede, apresenta alta intensidade turística. Em primeiro plano aparece grama, algumas edificações, turistas, um coqueiro e a Igreja de Nossa Senhora do Porto (FIGURA 10). Em segundo plano podem ser observadas edificações diversas, veículos e vegetação arbórea. Como plano de fundo, o Conjunto Marumbi e o céu. Assim como na paisagem 2, esta apresenta ícones importantes da paisagem de Morretes, a Igreja, o Conjunto Marumbi e turistas.



FIGURA 10 – PAISAGEM 4
 FONTE: A autora (2008).

O elemento mais representativo da paisagem 4 é vegetação com 52% (TABELA 9). Céu aparece com 26%, seguido por edificação com 15%. Os elementos móveis dos componentes antrópicos, representado pelas pessoas e os automóveis na paisagem, representa 5%. Com 2% aparece a infra-estrutura (calçada). Fauna, solo e água não estão presentes na paisagem.

TABELA 9 – PAISAGEM 4- COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	252	28
		Acidentado	413	46
	Céu		235	26
	Vegetação	rasteira/herbácea	187	21
		arbórea	285	32
Sub-Total Componente Natural			707	79
Antrópicos	Edificação	estilo antigo	124	14
		estilo moderno	14	2
	Infra-Estrutura	ruas/ calçadas de paralelepípedos	14	2
	Elementos Móveis	Pessoas	38	4
		veículos	3	0
Sub-total Componente Antrópico			193	21
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Na paisagem 4, os componentes turísticos são o atrativo natural, Conjunto Marumbi, com 11%; atrativo cultural, Igreja de Nossa Senhora do Porto, com 14%; e pela infra-estrutura, calçada, com 2% (TABELA 10). Os componentes turísticos totalizam, portanto, 27%. Os elementos vegetação e edificação diminuíram para 41% e 2% respectivamente em relação aos componentes paisagísticos.

TABELA 10 – PAISAGEM 4 - COMPONENTES TURÍSTICOS

Componentes/Elementos		Número	Porcentagem	
Naturais	Céu	235	26	
	Vegetação	371	41	
	Atrativo Natural	montanha	101	11
	Subtotal de Componente Natural	707	78	
Antrópicos	Atrativo Cultural	Igreja	124	14
	Edificação Diversa		14	2
	Infra-Estrutura	ruas/ calçadas de paralelepípedos	14	2
	Elementos Móveis	pessoas	38	4
		veículos	3	0
Sub-total de Componente Antrópico		193	22	
Total		900	100	

FONTE: A autora (2008).

4.2.5 Paisagem 5

Localiza-se em América, com média intensidade turística. A paisagem 5 é constituída, em sua maioria, por vegetação arbórea e rasteira para pasto (FIGURA 11). Aparecem alguns animais de criação, cerca e morro com vegetação desmatada. Como plano de fundo tem-se o céu com algumas nuvens.



FIGURA 11 – PAISAGEM 5
 FONTE: A autora (2008).

A paisagem 5 apresenta predomínio do elemento vegetação, 69% (TABELA 11). Céu aparece com 31% na paisagem. Fauna, com 1%, e infra-estrutura. Dessa forma, os componentes naturais aparecem em toda a paisagem, 100%.

Na paisagem 5 não há componentes turísticos em si. A infra-estrutura presente nesta paisagem através de cercas, não deve ser considerada turística, pois não foi instalada para gerar ou facilitar o fluxo turístico na região.

TABELA 11 – PAISAGEM 5 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	324	36
		acidentado	300	33
	Céu		276	31
	Fauna		5	1
	Vegetação	rasteira/herbácea	360	40
		arbórea	258	29
Sub-Total Componente Natural			899	100
Antrópicos	Infra-Estrutura	postes	1	0
	Sub-total Componente Antrópico			1
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

4.2.6 Paisagem 6

Localiza-se em Porto de Cima, Sede, apresentando alta intensidade turística. Na paisagem 6, há uma predominância visual do elemento infra-estrutura, representada pela calçada, sinalização, centro de visitantes, bancos, lixeiras (com lixo) e poste em primeiro plano (FIGURA 12). Em segundo plano aparece a ponte, árvores e veículo. E ao fundo o céu.



FIGURA 12 – PAISAGEM 6
FONTE: A autora (2008).

O elemento céu é o mais representativo na paisagem 6, aparecendo com 43% (TABELA 12). Em segundo lugar aparece o componente vegetação com 28%, seguido pelo edificação com 16%. O elemento infra-estrutura, representado pela estrada, calçada, bancos, poste, ponte, sinalização e lixeira aparece com 16%. Os elementos móveis com 1%.

TABELA 12 – PAISAGEM 6 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	357	40
		acidentado	154	17
	Céu		389	43
	Vegetação	rasteira/herbácea	54	6
		arbórea	201	22
Sub-Total Componente Natural			644	71
Antrópicos	Edificação	estilo moderno	145	16
		sinalização turística	33	4
		ruas/ calçadas de paralelepípedos	58	6
	Infra-Estrutura	pontes	5	1
		postes	7	1
		lixeiros	2	0
	Elementos Móveis	veículos	6	1
		Sub-total Componente Antrópico		
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Quanto aos componentes turísticos, na paisagem 6, o elemento equipamento aparece com 15%, representado apenas pelo centro de visitantes (TABELA 13). O elemento infra-estrutura permanece com 12% em relação aos componentes paisagísticos. Não há atrativo natural ou cultural na paisagem. Dessa forma, os componentes de turismo totalizam 26%.

TABELA 13 – PAISAGEM 6- COMPONENTES TURÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Céu		389	43
	Vegetação		255	28
	Subtotal de Componente Natural			644
Antrópicos	Edificação Diversa		14	2
	Equipamento	centro de visitantes	131	15
		sinalização turística	33	4
		ruas/ calçadas de paralelepípedos	58	6
	Infra-Estrutura	pontes	5	1
		postes	7	1
		lixeiros	2	0
	Elementos Móveis	veículos	6	1
Sub-total de Componente Antrópico			256	29
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

4.2.7 Paisagem 7

Localiza-se na Reta do Porto, Sede, apresentando alta intensidade turística. A vegetação é o que mais se vê na paisagem (FIGURA 13). Em primeiro plano há vegetação rasteira, em segundo um cultivo agrícola e no plano de fundo o Conjunto Marumbi e o céu.

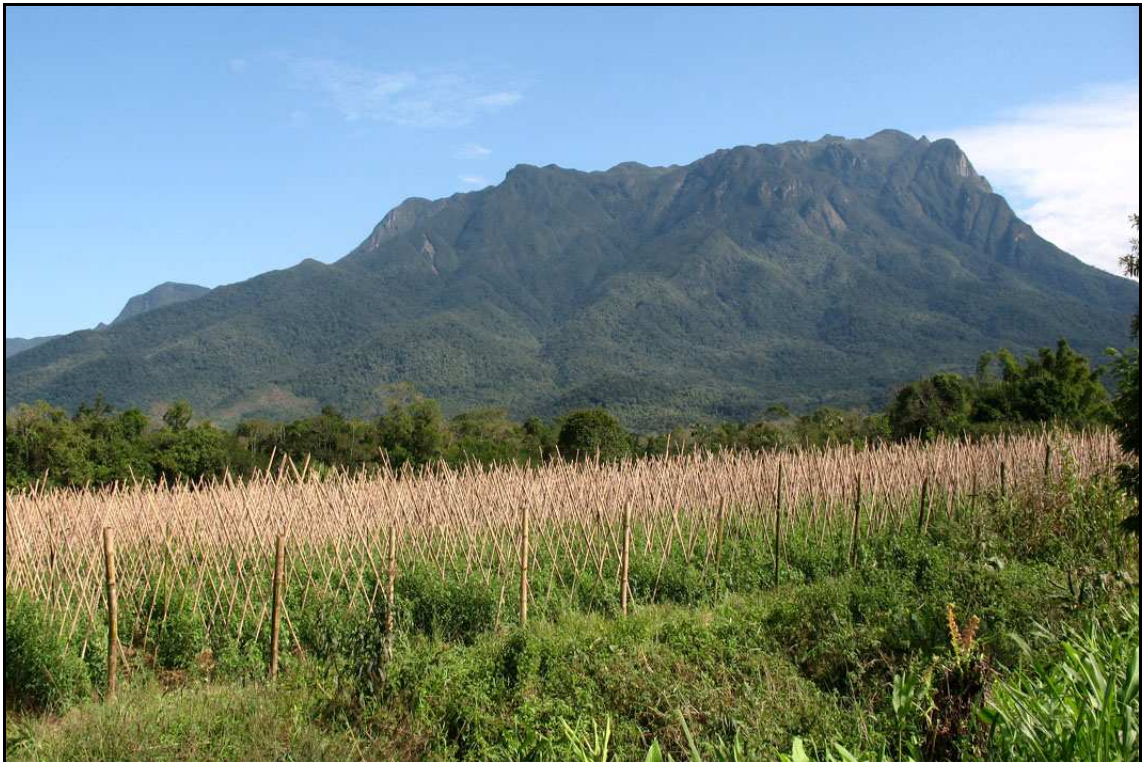


FIGURA 13 – PAISAGEM 7
FONTE: A autora (2008).

Na paisagem 7 existe pouca diversidade de componentes, tais como céu, vegetação e cultivo agrícola (TABELA 14). A vegetação predomina na paisagem, com 56%, em seguida aparece o céu, com 27%. O cultivo agrícola aparece apenas nesta paisagem com 17%.

TABELA 14 – PAISAGEM 7 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes/Elemento	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	324	36
		acidentado	328	36
	Céu		248	27
	Vegetação	rasteira/herbácea	186	21
		arbórea	314	35
Sub-Total Componente Natural			748	83
Antrópicos	Cultivo Agrícola		152	17
	Sub-total Componente Antrópico		152	17
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Na análise dos componentes turísticos, o céu permaneceu com a mesma porcentagem de 27% (TABELA 15) comparado aos componentes paisagísticos. A vegetação diminuiu para 29%, em detrimento do atrativo natural, representado pelo Conjunto Marumbi, com 27%. O cultivo agrícola também permaneceu com o mesmo valor, 17%.

TABELA 15 – PAISAGEM 7 - COMPONENTES TURÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Céu		248	28
	Vegetação		260	29
	Atrativo Natural	montanha	240	27
	Sub-total de Componente Natural			748
Antrópicos	Cultivo Agrícola		152	17
	Sub-total de Componente Antrópico		152	17
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

4.2.8 Paisagem 8

Localizada em São João, a paisagem 8 possui média intensidade turística. Assim como nas paisagens 1 e 6, esta apresenta grande representatividade de infraestrutura com estrada asfaltada, poste e calçadas em primeiro plano. Em segundo plano, os elementos equipamentos se destacam, representados por lanchonetes e restaurantes e sinalização comercial. A vegetação e o relevo também são bastante significativos na paisagem (FIGURA 14).



FIGURA 14 – PAISAGEM 8
 FONTE: A autora (2008).

O céu predomina na paisagem 8, com 48% (TABELA 16). Com 20% aparece a infra-estrutura, representada pela estrada, principalmente. A vegetação surge com 19% e as edificações com 13%.

TABELA 16 – PAISAGEM 8 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	216	24
		acidentado	251	28
	Céu	433	48	
	Vegetação	rasteira/herbácea	6	1
		arbórea	165	18
Sub-total Componente Natural			604	67
Antrópicos	Edificação	estilo moderno	100	11
		sinalização comercial	13	1
	Infra-Estrutura	estradas asfaltadas	158	18
		pontes	1	0
		postes	22	2
	Elementos Móveis	veículos	2	0
	Sub-total Componente Antrópico			296
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Em relação aos componentes turísticos na paisagem 8, o elemento equipamento, representado pelos restaurantes, aparece com 12% na paisagem e o atrativo natural, Conjunto Marumbi, com 6%. A porcentagem da infra-estrutura não se alterou em relação aos componentes paisagísticos e, portanto, o valor total dos componentes do turismo fica em 39%. O valor da vegetação diminui para 13% e edificações para 0%.

TABELA 17 – PAISAGEM 8 - COMPONENTES TURÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais		Céu	433	48
		Vegetação	115	13
		Atrativo Natural montanha	56	6
		Sub-total de Componente Natural	604	67
Antrópicos		Edificação Diversa	3	0
	Equipamento	comércio/ restaurante	97	11
		sinalização comercial	13	1
		estradas asfaltadas	158	18
	Infra-Estrutura	pontes	1	0
		postes	22	3
		Elementos Móveis veículos	2	0
		Sub-total de Componente Antrópico	296	33
	Total	900	100	

FONTE: A autora (2008).

4.2.9 Paisagem 9

A última paisagem está localizada no centro histórico da Sede e apresenta alta intensidade turística. Há uma diversidade de elementos e componentes na paisagem. Em primeiro plano aparecem rua e calçada de paralelepípedos, vegetação rasteira. Em segundo plano podem ser observados vegetação arbórea, coreto e lojas de artesanato. Aparecem ainda pessoas e veículos, bancos, postes, lixeiras, sinalização. O céu aparece como plano de fundo (FIGURA 15).



FIGURA 15 – PAISAGEM 9
 FONTE: A autora (2008).

O elemento que predomina na paisagem 9 é a vegetação (arbórea), que aparece com 59% (TABELA 18). A infra-estrutura (rua e calçada de paralelepípedos) ocupa 20% da paisagem, seguida pelo elemento edificação (comércio), com 14%. O céu aparece com 5% e elementos móveis (veículos e pessoas) com 1%.

TABELA 18 – PAISAGEM 9 - COMPONENTES PAISAGÍSTICOS

		Componentes/Elementos	Número	Porcentagem
Naturais	Relevo	plano	853	95
	Céu		47	5
	Vegetação	rasteira/herbácea	222	25
		Arbórea	305	34
Sub-total Componente Natural			574	64
Antrópicos	Edificação	estilo antigo	117	13
		estilo moderno	7	1
	Infra-Estrutura	ruas/ calçadas de paralelepípedos	173	19
		Postes	7	1
		Bancos	10	1
	Elementos Móveis	Pessoas	1	0
		Veículos	11	1
Sub-total Componente Antrópico			326	36
Total			900	100

FONTE: A autora (2008).

Quanto aos componentes turísticos na paisagem, o atrativo cultural surge com 7% e equipamento com 6%, fazendo o valor de edificação diminuir para 1% em relação aos componentes paisagísticos. Somados com a percentagem da infraestrutura, os componentes turísticos representam 34% da paisagem (TABELA 19). Os valores de céu, vegetação e elementos móveis permanecem os mesmos comparados a quantificação dos componentes paisagísticos.

TABELA 19 – PAISAGEM 9 - COMPONENTES TURÍSTICOS

Componentes/Elementos		Número	Porcentagem	
Naturais	Céu	47	5	
	Vegetação	527	59	
	Sub-total de Componente Natural	574	64	
Antrópicos	Atrativo Cultural	Casario	16	2
		Coreto	51	6
	Edificação Diversa	7	1	
	Equipamento	comércio/ restaurante	50	6
		ruas/ calçadas de paralelepípedos	173	19
	Infra-Estrutura	Postes	7	1
		Bancos	10	1
		Pessoas	1	0
	Elementos Móveis	Veículos	11	1
Sub-total de Componente Antrópico		326	36	
Total		900	100	

FONTE: A autora (2008).

4.2.10 Comparações entre os componentes das paisagens

4.2.10.1 Componentes naturais e antrópicos

A paisagem 1 é a única que apresenta maior percentagem concentrada nos componentes antrópicos (GRÁFICO 1). Esta paisagem obteve 69% de componentes antrópicos e 31% de naturais. Em todas as outras paisagens avaliadas há o predomínio dos componentes naturais, sendo que na paisagem 5 a presença de componentes antrópicos é quase nula. As paisagens 7 e 2 apresentam mais de 80% de componentes naturais, com 83% e 82%, respectivamente. A seguir, as paisagens 4, 3 e 6 apresentam percentagem entre 70% e 80%, com 79%, 73% e 72% nesta ordem. E as paisagens 8 e 9 estão na faixa de 60 a 70%, com 67% e 64% de componentes naturais.

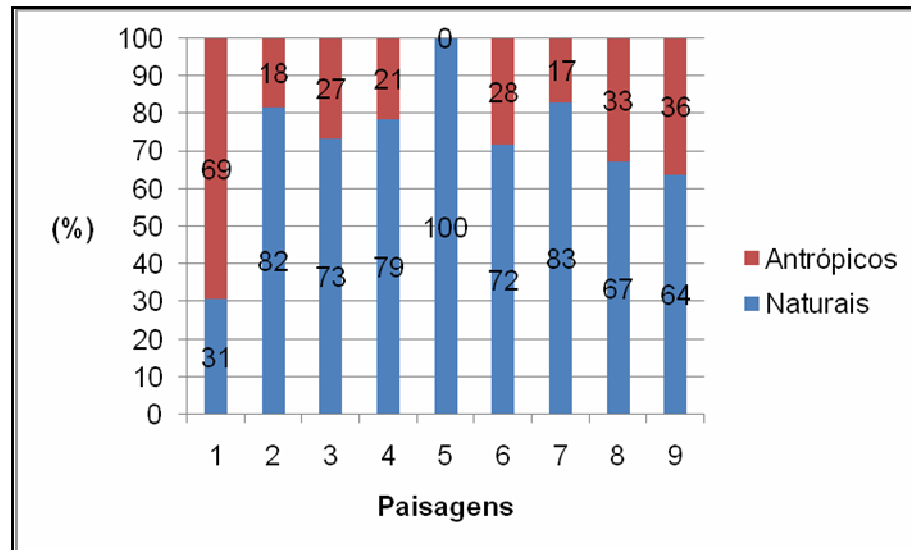


GRÁFICO 1 – COMPARAÇÃO ENTRE OS COMPONENTES PAISAGÍSTICOS
 FONTE: A autora (2008).

4.2.10.2 Elementos Paisagísticos

Os elementos da paisagem, dos componentes naturais e antrópicos, que apresentaram maior relevância para a comparação foram o relevo, o céu, a vegetação, a água, a infra-estrutura e a edificação. Os elementos solo e fauna foram excluídos da análise por não apresentarem percentagens significativas nas paisagens analisadas (TABELA 20).

TABELA 20 – COMPARAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS PAISAGÍSTICOS

Paisagem	Componentes (%)								
	Naturais					Antrópicos			
	Relevo		Céu	Água	Vegetação	Edificação	Infra-Estrutura	Cultivo Agrícola	Elementos Móveis
Plano	Acidentado								
1	90	-	11	-	20	38	31	-	-
2	39	40	22	33	21	12	6	-	-
3	69	6	25	28	19	1	2	-	24
4	28	46	26	-	52	15	2	-	5
5	36	33	31	-	69	-	-	-	-
6	40	17	43	-	28	16	12	-	1
7	36	36	28	-	56	-	-	17	-
8	24	28	48	-	19	13	20	-	-
9	95	-	5	-	59	14	21	-	1

FONTE: A autora (2008).

Para a quantificação do elemento relevo, utilizou-se a classificação em plano e acidentado. Considerou-se relevo plano, quando não houve sinais perceptíveis de

alteração do nível da paisagem; e relevo acidentado, quando houve ondulação na paisagem.

Para a quantificação do relevo na paisagem foi considerado o “plano de fundo” que geralmente encontrou-se o céu. Assim, a soma do elemento relevo e do elemento céu resulta em 100%. Dessa forma, as quantificações dos elementos relevo e céu foram realizadas ao mesmo tempo. Através da quantificação dos componentes relevo e céu, pode-se notar que as paisagens 1 e 9 possuem semelhança. O relevo apresenta-se plano em exclusividade, restando pouca porcentagem do componente céu: 11% na paisagem 1 e 5% na paisagem 9.

Nas paisagens 3 e 6, o relevo plano aparece com vantagem sobre o acidentado. Na primeira paisagem há uma larga vantagem: 69% do plano contra 6% do acidentado, restando 25% de céu. Na paisagem 6 o relevo plano aparece com 40% e o acidentado com 17%, tendo a maior porcentagem concentrada no elemento céu com 43%.

Nas paisagens 2, 5, 7 e 8 nota-se um equilíbrio entre as proporções de relevo plano e acidentado, apresentando, porém diferenças nas proporções do elemento céu. Na paisagem 2, o componente céu aparece com 22%; na paisagem 5, com 31%; na paisagem 7, 28%; e na paisagem 8, 48%, sendo o elemento mais representativo desta paisagem. Na paisagem 4, por sua vez, há a predominância da porcentagem de relevo acidentado sobre o plano. O relevo plano aparece com 28%, enquanto que o acidentado aparece com 46%, restando 26% para o componente céu.

O elemento água se apresenta em apenas duas paisagens, nas quais apresenta porcentagens bastante significativas. Na paisagem 2, o elemento aparece com 33% e na paisagem 3, com 28%.

Observa-se que nas paisagens analisadas há dois padrões de presença de vegetação. O primeiro padrão, quando se apresenta mais do que 50%, nas paisagens 4, 5, 7 e 9. O elemento vegetação apresenta maior porcentagem na paisagem 5, com 69%. A paisagem 9 aparece em seguida com 59%. Apesar da paisagem 7 apresentar visualmente bastante vegetação, aparece em terceiro com 56%. Após esta última, a paisagem 4 aparece com 52% de vegetação. O segundo padrão, quando a vegetação se apresenta entre 18 e 28%, nas paisagens 1, 2, 3, 6 e 8. Na paisagem 6, a vegetação ocorre em 28%. Em seguida aparece a paisagem 2

com 21%. Depois a paisagem 1, com 20%, seguida de perto pela paisagem 8 e 3, com 19% e 19%, respectivamente.

Apenas na paisagem 7 não ocorre nenhum dos elementos edificação e infraestrutura, sendo que na paisagem 5 a porcentagem de infra-estrutura é quase nula (menos de 1%). Na paisagem 1, os dois elementos ocorrem com bastante representatividade, 38% de edificação e 31% de infra-estrutura. Outras paisagens em que estes componentes ocorrem com representatividade são a 6, a 8 e a 9. A paisagem 6 apresenta 16% de edificação e 12% de infra-estrutura. A paisagem 9 vem em seguida com 14% de edificação e 21% de infra-estrutura e depois a paisagem 8, com 13% de edificação e 20% de infra-estrutura. As paisagens com menor ocorrência destes componentes são a 2, a 3 e a 4. Na paisagem 2, os elementos aparecem em 12% e 6%, de edificação e infra-estrutura respectivamente. Na paisagem 4, ocorrem 15% de edificação e 2% de infra-estrutura. Na paisagem 3, os elementos aparecem com menos de 2%: 1% de edificação e 2% de infra-estrutura.

A paisagem 7 é a única que apresenta o elemento cultivo agrícola, com 17%.

Os elementos móveis aparecem com significativa porcentagem na paisagem 3, com 24%. Na paisagem 4, os elementos móveis aparecem com 5%. Em seguida aparecem as paisagens 9, 6, 2 e 8, com porcentagens inferiores a 2%. Estes elementos não ocorrem nas paisagens 1 e 5.

4.2.10.3 Elementos Turísticos

Os componentes naturais e antrópicos turísticos na paisagem representados pelo atrativo natural, atrativo cultural, equipamento e infra-estrutura, possuem relevantes destaques nas paisagens de Morretes (GRÁFICO 2).

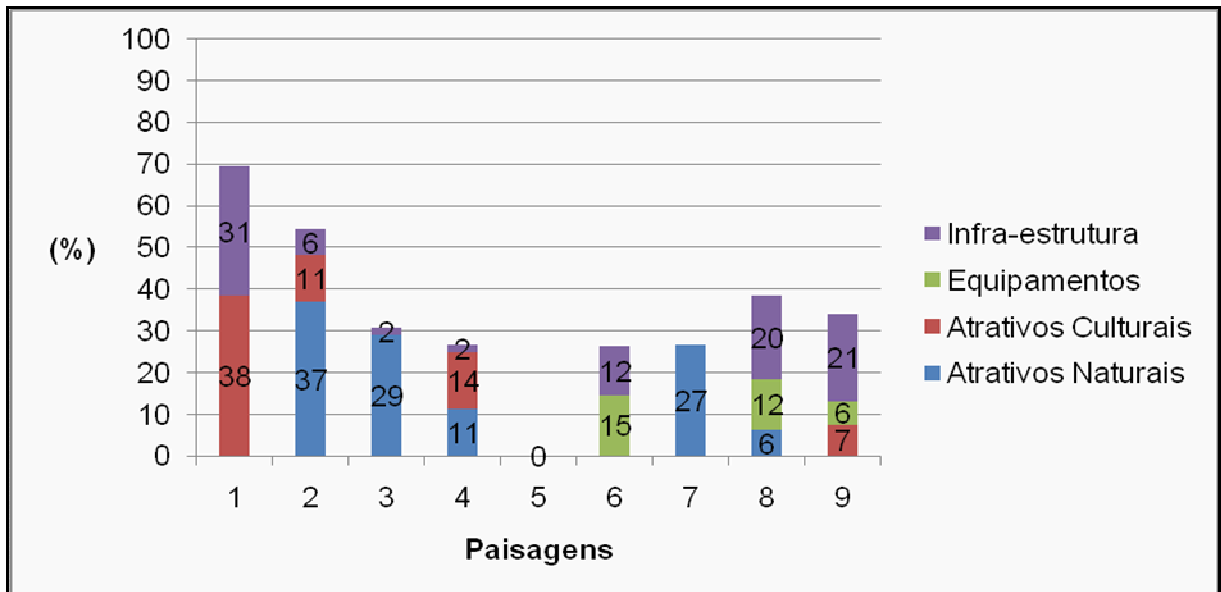


GRÁFICO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE ELEMENTOS TURÍSTICOS
 FONTE: A autora (2008).

Os atrativos natural e cultural não aparecem nas paisagens 5 e 6. A maior presença de atrativos está na paisagem 2, com 48%, divididos em 37% de naturais e 11% de culturais. Em segundo lugar está a paisagem 1, com apenas atrativo cultural, 38%. Em seguida, vêm as paisagens 3 e 7, com 29% e 27%, respectivamente, com apenas atrativos naturais em ambas. A paisagem 4 aparece com 25% de atrativos, divididos em 14% de culturais e 11% de naturais. Na paisagem 9, estão presentes 7% de atrativos culturais e na paisagem 8, estão presentes 6% de atrativos naturais.

Somando-se as porcentagens de atrativo natural e atrativo cultural de cada paisagem, observou-se que a paisagem 2 apresenta maior porcentagem de atrativos.(48%). A segunda maior porcentagem é da paisagem 1, com 38%, seguida pela paisagem 3, com 29,11%; da paisagem 7, com 27%; e da 4, com 25%. As paisagens 8 e 9 possuem menor porcentagem, com 6% e 7%, respectivamente. As paisagens 5 e 6 não possuem atrativo.

Os equipamentos e infra-estrutura não aparecem na paisagem 7. A maior porcentagem de equipamento ocorre na paisagem 6, com 15%. Em seguida, na paisagem 8 com 12%. Na paisagem 9 ele aparece com 6%. As porcentagens de infra-estrutura são as mesmas da quantificação de componentes da paisagem (TABELAS 18 e 19). A soma dos dois componentes apresenta-se com maior relevância na paisagem 8 com 42%. Seguido pela paisagem 1, com 31%, apenas infra-estrutura. Nas paisagens 6 e 9 as porcentagens estão equilibradas com 26% e

27%, respectivamente, alterando a proporção entre equipamentos e infra-estrutura. Nas paisagens 2, 3, 4 e 5, as porcentagens são baixas e representam apenas o elemento infra-estrutura.

Numa comparação geral entre os componentes turísticos na paisagem de Morretes, pôde-se observar que a soma destes revelou que as paisagens possuem predominância de componentes turísticos. A paisagem 1 aparece em primeiro lugar, com 69%, constituída por atrativos culturais e infra-estrutura. A paisagem 2 vem em segundo lugar, com 54%, representada pelos atrativos naturais, culturais e infra-estrutura. Em terceiro, aparece a paisagem 8, com 38%, dividida em atrativos naturais, equipamentos e infra-estrutura. A seguinte é a paisagem 9, com 34% de atrativos culturais, equipamentos e infra-estrutura. A paisagem 3 possui 31% de componentes do turismo, com predominância de atrativos naturais. Estes últimos representam totalmente os componentes turísticos na paisagem 7, que surge na sequência, com 27%. Na sétima posição aparece a paisagem 4, com 27%, dividida entre atrativos naturais, culturais e infra-estrutura. Logo após, a paisagem 6 vem com 26%, representada por equipamentos e infra-estrutura.

4.3 VALORAÇÃO DAS PAISAGENS UTILIZANDO O MÉTODO Q

A aplicação dos questionários ocorreu entre os meses de agosto e outubro de 2008, especificamente nos dias 23/08, 31/08, 11/09, 18/09, 27/09 e 02/10. Foram entrevistadas 222 pessoas. Entretanto, 15 questionários tiveram de ser descartados devido à ortografia ilegível ou pela presença de mais de uma alternativa assinalada, o que tornou inviável o aproveitamento dos mesmos para a pesquisa. Dos 207 questionários válidos foram extraídos o perfil e a preferência de paisagem dos entrevistados.

4.3.1 Perfil dos Entrevistados

As informações extraídas dos questionários referem-se à categoria, gênero, faixa etária, local de residência, nível de escolaridade, familiaridade com a paisagem, renda média mensal individual, gasto médio diário por pessoa, tempo de permanência e principal motivação para a visita ao município.

4.3.1.1 Categoria

A categoria dos entrevistados foi classificada em: turistas, residentes e profissionais. E de acordo com a metodologia adotada (ITEM 3.2.4, p. 47), o questionário sofreu algumas modificações por categorias.

Foram entrevistados 130 turistas (63%), 53 residentes (26%) e 24 profissionais (11%). Sendo 13 profissionais (professores universitários) da área de atuação Turismo, 7 de Paisagem e 4 de outras áreas, como geomorfologia, sociologia e urbanismo.

TABELA 21 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS - CATEGORIA

Categorias		Sujeitos	%
Turistas		130	63%
Residentes		53	26%
Profissionais	Paisagem	7	
	Turismo	13	24
	Outros	4	
Total		207	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.2 Gênero

Com uma diferença de aproximadamente 4%, o gênero dos entrevistados mostrou-se equilibrado. Foram 108 homens e 99 mulheres, com um total de 52% e 48% respectivamente.

TABELA 22 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS – GÊNERO

Gênero	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Masculino	108	52	65	50	30	57	13	54
Feminino	99	48	65	50	23	43	11	46
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.3 Faixa Etária

A maioria dos entrevistados, 37%, possui entre 31 a 45 anos. Em seguida, 26% estão na faixa de 19 a 30 anos e 19% estão na de 45 a 60. Na faixa de até 18

anos estão 12% e na faixa de acima de 61 anos estão 6% dos entrevistados (TABELA 23).

TABELA 23 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS - FAIXA ETÁRIA

	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Até 18 anos	25	12	9	7	17	32	-	-
De 19 a 30 anos	54	26	32	25	20	38	2	8
De 31 a 45 anos	76	37	56	43	12	23	8	33
De 46 a 60 anos	39	19	22	17	5	9	12	50
61 anos ou mais	13	6	11	8	-	-	2	8
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.4 Local de Residência

A residência fixa dos entrevistados é Curitiba e Região Metropolitana (40%); Morretes com 26% dos entrevistados; seguidos pelos visitantes de outros Estados do Brasil com 25%. Os residentes no interior do Paraná são 8% e outros países somam 1% da amostra.

TABELA 24 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS - LOCAL DE RESIDÊNCIA

	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Morretes	53	26	-	-	53	100	-	-
Curitiba e RMC	83	40	63	48	-	-	20	83
Interior do Paraná	17	8	17	13	-	-	-	-
Outros Estados	51	25	47	36	-	-	4	17
Outros países	3	1	3	2	-	-	0	0
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.5 Nível de Escolaridade

Grande parte dos entrevistados (40%) possui o Ensino Médio. Em segundo lugar aparecem os entrevistados com nível de pós-graduação (31%), com graduação (18%) e dos entrevistados com o Ensino Fundamental (12%) (TABELA 25).

TABELA 25 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS - NÍVEL DE ESCOLARIDADE

	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ensino Fundamental	25	12	14	11	11	21	-	-
Ensino Médio	82	40	44	34	38	72	-	-
Graduação	36	17	33	25	3	6	-	-
Pós-Graduação	64	31	39	30	1	2	24	100
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.6 Renda Média Mensal Individual

Os entrevistados que ganham mais de R\$ 3001,00 aparecem em primeiro lugar (30%). Empatados, com 26% aparecem os entrevistados que possuem uma renda média individual de até R\$ 500,00 e de R\$ 501,00 a R\$ 1500,00. Em último lugar, com renda média de R\$ 1501,00 a R\$ 3000,00, estão 18% dos entrevistados.

TABELA 26 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS - RENDA MÉDIA MENSAL INDIVIDUAL

	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Até R\$ 500,00	53	26	19	15	34	64	-	-
De R\$ 501,00 a R\$ 1500,00	53	26	36	28	17	32	-	-
De R\$ 1501,00 a R\$ 3000,00	37	18	34	26	2	4	1	4
Acima de R\$ 3001,00	64	31	41	32	-	-	23	96
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.7 Gasto Médio Diário Individual

Em relação a quanto os turistas gastaram no dia em que foram entrevistados, observou-se que 34% gastaram de R\$15,00 a R\$30,00. Em segundo lugar, 27%, gastaram mais de R\$50,01; seguido por 26%, que gastaram de R\$30,01 a R\$50,00 e 13%, até R\$15,00 (TABELA 27).

TABELA 27 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS – GASTO MÉDIO DIÁRIO INDIVIDUAL

	Geral		Turistas	
	Nº	%	Nº	%
Até R\$ 15,00	17	13	17	13
Entre R\$ 15,01 e R\$ 30,00	44	34	44	34
Entre R\$ 30,01 e R\$ 50,00	34	26	34	26
Acima de R\$ 50,01	35	27	35	27
Total	130	100	130	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.8 Tempo de Permanência

No que diz respeito ao tempo que os turistas passaram em Morretes no dia da entrevista, 47% disseram que passariam apenas ½ dia no município. Os que permaneceriam o dia inteiro foram 43%, em segundo lugar. Uma pequena parte dos entrevistados permaneceriam mais de 2 dias no município, 10%.

TABELA 28 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS – TEMPO DE PERMANÊNCIA

	Geral		Turistas	
	Nº	%	Nº	%
Até 1/2 dia	61	47	61	47
1 dia	56	43	56	43
2 dias	5	4	5	4
3 dias ou mais	8	6	8	6
Total	130	100	130	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.9 Familiaridade com a Paisagem

Quando perguntados se já haviam visitado Morretes, a maioria dos turistas disse que sim, cerca de 73%. Somando os resultados dos profissionais e todos os residentes, pode-se afirmar que a grande maioria possuía familiaridade com a paisagem, 84% dos entrevistados, contra 16%, que disseram que aquela era a primeira visita ao município (TABELA 29).

TABELA 29 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS – FAMILIARIDADE

	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Já Conhece	174	84	98	75	53	100	23	96
Não conhecia	33	16	32	25	0	0	1	4
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.10 Motivação da Viagem

A principal motivação da visita, para os entrevistados, foi o patrimônio natural do município (38%). Em segundo lugar aparece o patrimônio histórico, com 21%; seguido de perto pela gastronomia, com 19%. Outros motivos aparece com um índice percentual importante, 19%, sendo citado pelos entrevistados principalmente como trabalho, descanso e combinação de patrimônio natural e histórico, dando a mesma importância às duas alternativas. Esportes aparece com apenas 3%.

TABELA 30 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS – MOTIVAÇÃO DA VIAGEM

	Geral		Turistas		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Patrimônio Natural	59	38	45	35	14	58
Patrimônio Histórico	33	21	30	23	3	13
Esportes	4	3	4	3	0	0
Gastronomia	30	19	24	18	6	25
Outros	28	18	27	21	1	4
Total	207	100	130	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.11 Elementos do Turismo

Os entrevistados foram convidados a opinar sobre qual paisagem apresentada possuía mais elementos do turismo. Quase metade dos entrevistados, 47%, afirmaram que a Paisagem 2 possuía mais elementos do turismo. Em segundo lugar, 31%, a Paisagem 9 foi citada. Em terceiro lugar, apareceu a Paisagem 4, com 10%. O restante das paisagens possuiu porcentagens menores do que 3% (TABELA 31).

TABELA 31 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS – ELEMENTOS DO TURISMO

	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Paisagem 1	6	3	5	4	1	2	0	0
Paisagem 2	97	47	67	52	23	43	7	29
Paisagem 3	4	2	3	2	0	0	1	4
Paisagem 4	20	10	14	11	2	4	4	17
Paisagem 5	3	1	3	2	0	0	0	0
Paisagem 6	2	1	1	1	0	0	1	4
Paisagem 7	5	2	2	2	2	4	1	4
Paisagem 8	6	3	2	2	3	6	1	4
Paisagem 9	64	31	33	25	22	42	9	38
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.1.12 Motivo da Escolha das Paisagens

Para a maioria dos entrevistados, o motivo de escolha das paisagens preferidas foi a presença de natureza na paisagem, 58%. O segundo maior motivo foi o bom estado de conservação da paisagem, com 26%; seguido pela presença de cultura, 9%. Com 7% aparecem outros motivos, que, pela descrição dos entrevistados seriam, em sua maioria a combinação de natureza e cultura, atribuindo o mesmo valor aos dois componentes da paisagem. Inexpressivamente aparece o mau estado de conservação, com 1%.

TABELA 32 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS – MOTIVO DA ESCOLHA DAS PAISAGENS

	Geral		Turistas		Residentes		Profissionais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Bom estado de conservação	53	26	25	19	23	43	6	25
Mau estado de conservação	3	1	2	2	1	2	0	0
Presença de Natureza	119	57	82	63	27	51	10	42
Presença de Cultura	18	9	15	12	2	4	1	4
Outro	13	6	6	5	0	0	7	29
Total	207	100	130	100	53	100	24	100

FONTE: A autora (2008).

4.3.2 Preferência das Paisagens – Análise Geral

Como resultado da pesquisa pode-se observar a Figura 16, que apresenta os escores finais e a posição de cada paisagem na pirâmide. A paisagem 2 foi eleita como a preferida com escore final de 217 pontos, seguida da paisagem 9 com 96 pontos, paisagem 4 com 73 pontos, paisagem 7 com 64 pontos, paisagem 3 com 16 pontos, paisagem 8 com -52 pontos, paisagem 5 com -84 pontos, paisagem 6 com -149 pontos e paisagem 1 com -176 pontos (ITEM 2.4.1, p. 21).

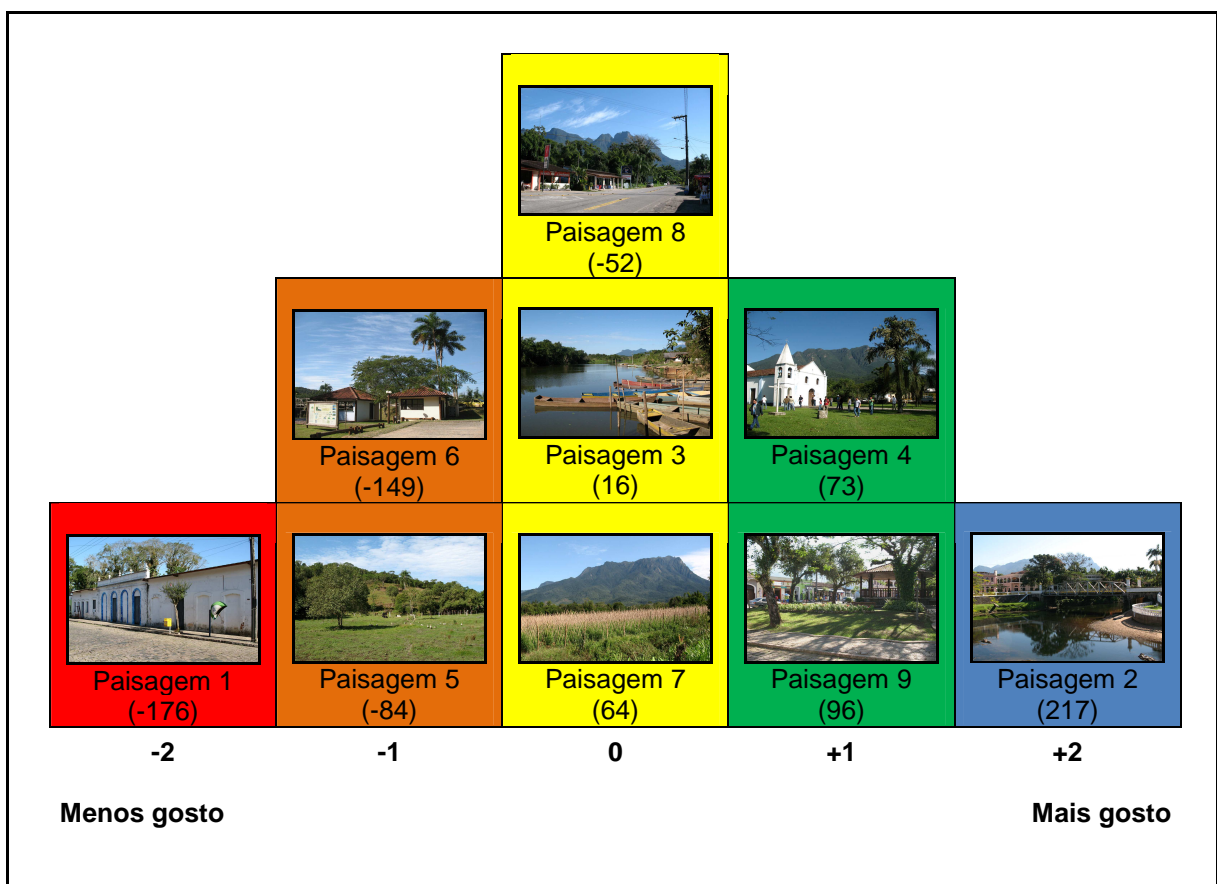


FIGURA 16 – VALORAÇÃO DAS PAISAGENS – Q-SORT GERAL
 FONTE: A autora (2009).

A análise da preferência das paisagens realizou-se através da divisão das paisagens em três grupos. As paisagens de valoração alta são as que se situam nas colunas de valor +2 e +1; as paisagens com valoração intermediária são as situadas na coluna central com valor 0 e; as paisagens de valoração baixa são as situadas nas colunas com valor -1 e -2.

4.3.2.1 Paisagens com Valoração Alta

São aquelas que são mais apreciadas pelos entrevistados, que possuem qualidade visual mais alta na opinião do público. Nessas paisagens o planejamento deve ser no sentido de conservar e proteger suas características.

I) Paisagem 2 - Posição (+2) do Q-Sort

A paisagem 2 (FIGURA 8) é a que teve maior valoração, resultando num escore de 217 pontos (FIGURA 16), conforme o Método Q (FAIRWEATHER *et al.*, 1998). O valor máximo, +2, foi atribuído à paisagem 2 por 39% dos entrevistados.

A paisagem 2 possui a terceira maior porcentagem de componentes naturais (82%) entre as paisagens selecionadas, perdendo para as paisagens 5 (100%) e 7 (83%). Isto contraria a tendência apontada por Zube e Pitt (1981), os quais afirmam que estudos de percepção demonstraram que as paisagens com recursos naturais são consideradas mais belas do que as com alguma interferência antrópica.

Com relação aos elementos dos componentes naturais, as percentagens de relevo plano (39%) e acidentado (40%) se apresentam equilibradas, embora a presença da montanha ao fundo contribua para a alta valoração da paisagem. De acordo com Canteras (1992), a presença de relevo acidentado possui uma importante relação com a qualidade da paisagem. Na opinião de Tuan (1980), as montanhas são um forte elemento estético na paisagem e para Pires (1996), quanto mais irregular o relevo maior valor visual é agregado à paisagem.

O elemento água aparece com bastante representatividade na paisagem 2 (33%) em relação aos outros elementos. Este elemento é considerado por Tuan (1980) muito importante para o ser humano, não apenas no sentido biológico, mas pelo lado apreciativo. O autor afirma também que o encantamento do ser humano pela água deve ser algo herdado dos antepassados que procuravam se estabelecer próximos a rios, lagos e praias apropriados para a obtenção de alimentos, fixação, reprodução, aprendizado e desenvolvimento de habilidades manuais. A alta valoração da paisagem 2 contribui para confirmar as afirmações de Tuan e corrobora com os resultados de Oliveira (2003), a qual verificou, em seu estudo sobre a paisagem de Paranaguá (PR), que as paisagens com presença da água ganharam a nota máxima na preferência dos entrevistados.

Na paisagem 2, o elemento vegetação, com 21%, contribui para sua boa valoração. Concordando com este resultado, Hardt (2000) também verificou que a vegetação mostrou-se um elemento de incremento da qualidade paisagística, quando estudou a qualidade da paisagem urbana de Curitiba (PR). Além disso, na paisagem 2 a vegetação também aparece ao redor do rio e, segundo Yázigi (2003), rios rodeados por vegetação são fonte intensa de atração das pessoas.

Quanto aos componentes antrópicos, que equivalem a 18% na paisagem 2, o elemento edificação participa com 12% e infra-estrutura com 6%. Entretanto, as edificações são predominantemente de arquitetura antiga, casario colonial, os quais não interferem negativamente na percepção dos entrevistados, pois estão em harmonia com a paisagem local. Neste sentido, Silva (2004) cita que o estilo arquitetônico colonial, pela sua singeleza, provoca um olhar romântico sobre o passado e a idéia de a paisagem estar esquecida no tempo provoca a imagem de um lugar primitivo, livre dos avanços da civilização industrial e tecnológica, da agitação das grandes cidades, cujo cenário é capaz de transportar as pessoas a outro tempo.

Por sua vez, a infra-estrutura também está em harmonia com a paisagem, sendo representada por uma ponte antiga, a qual pode ser considerada na classificação de Boullón (2002) como um marco na paisagem, pois atua como um artefato urbano destacado na paisagem que serve também como ponto de referência ao observador, capaz de aumentar a preferência pela paisagem.

Com relação aos componentes turísticos, o que chama a atenção para a paisagem 2 é o fato desta possuir a maior porcentagem de atrativos turísticos, que equivale a 48%. O Rio Nhundiaquara e o Conjunto Marumbi representam os atrativos naturais, com 37% e os atrativos culturais (casario colonial) representam 11% da paisagem. A quantidade significativa do elemento atrativo na paisagem pode estar contribuindo para a preferência dos entrevistados. Boullón (2002) afirma que os atrativos são a matéria-prima para a atividade turística e que devem permanecer intactos, sofrendo intervenções apenas para manter sua integridade física. Pires (1996), neste sentido, também afirma que as culturas passadas e presentes são atrativos e contribuem para o turismo. As afirmações dos autores indicam a importância do elemento atrativo para a motivação da visita a Morretes (destino turístico) e indicam a relevância de sua presença para a preferência das paisagens.

Outra característica analisada nas paisagens de Morretes, além de seus componentes, é a diversidade. A paisagem 2 apresenta uma variedade de componentes paisagísticos e turísticos, razão pela qual é considerada diversa. Segundo Canteras (1992) e Pires (1996) a diversidade expressa uma variedade paisagística que existe num espaço e, então, uma paisagem variada possui mais valor que uma paisagem homogênea por possuir partes diferentes, com elementos visuais distintos e ausência de monotonia. Dessa forma, os resultados obtidos com a valoração da paisagem 2 podem estar expressando uma atratividade por conta da diversidade paisagística existente. Boullón (2002) diz ainda, que a diversidade de elementos inserida numa paisagem aberta (caso da paisagem 2) é a característica de maior interesse para o turismo, pois permite apreciar a paisagem e seus elementos em relação à profundidade e à distância.

II) Paisagem 9 - Posição (+1) do Q-Sort

A paisagem 9 (FIGURA 15) recebeu a segunda maior valoração, que, de acordo com o Método Q (FAIRWEATHER *et al.*, 1998), somou 96 pontos no escore final (FIGURA 16), sendo que 36% dos entrevistados atribuíram a ela o valor +1.

Em relação aos componentes paisagísticos, a paisagem 9 tem a segunda menor porcentagem de componentes naturais (64%), perdendo apenas para a paisagem 1 (31%), a qual recebeu menor valoração. A paisagem 9 recebeu alta valoração embora estudos apontem que a presença de recursos naturais na paisagem seja mais preferida pelas pessoas do que a presença de interferência humana (ZUBE E PITT, 1981; ZUBE *et al.*, 1982). Isto pode ser um indício de que a paisagem 9 possui componentes antrópicos em harmonia com a paisagem natural, não gera impactos visuais negativos.

Isolando o elemento relevo, a paisagem 9 é a que possui maior porcentagem de relevo plano (95%). Este fato contradiz os resultados obtidos por Pires (1996), o qual verificou que as paisagens com ausência ou escassez de irregularidade no relevo foram classificadas como de qualidade visual baixa. Assim, acredita-se que a paisagem 9 apresenta outros elementos que neutralizam a ausência de relevo acidentado e justificam a sua alta valoração. Um desses elementos é a vegetação, que na paisagem 9 aparece com a segunda maior porcentagem (59%), perdendo apenas para a paisagem 5 (69%). Conforme os estudos de Pires (1993 e 1996),

Hardt (2000), Leal (2002), Oliveira (2003) e Kischlat (2004), a presença do elemento vegetação nas paisagens contribuiu para a boa valoração das mesmas. Além disso, na paisagem 9, o elemento ocorre numa praça bem conservada e, de acordo com Silva (2004), a natureza controlada e domesticada oferece conforto necessário para que as pessoas consigam desfrutar das paisagens naturais.

Quanto aos componentes antrópicos (36%), a paisagem 9 possui 14% de edificação, representada pelo casario colonial e pelo coreto. O elemento infraestrutura presente na paisagem 9 aparece com 21% (segunda maior porcentagem do elemento em relação às outras paisagens), representado pela rua e calçada em paralelepípedo. Estes elementos são predominantemente de estilo antigo e, assim como na paisagem 2, nota-se que quando estes elementos se apresentam retratando a época colonial, não interferem negativamente na paisagem, pelo contrário, são reconhecidos como atração turística (SILVA, 2004).

Em relação aos componentes turísticos, a paisagem 9 aparece com 34%, constituídos por atrativo cultural (7%), equipamento (6%) e infra-estrutura (21%). O atrativo cultural está representado pelo coreto, o qual pode ser considerado como um marco na paisagem e, de acordo com Boullón (2002), é algo que possui contraste na paisagem, se destacando dos outros elementos por sua singularidade. Por sua vez, a singularidade, conforme Pires (1996), se manifesta por ocorrências na paisagem que se tornam pontos de atração visual devido a seu caráter de exclusividade. Os equipamentos (lanchonete e lojas de artesanato), por sua vez, apesar da baixa porcentagem, se integram à paisagem 9 e contribuem para sua valoração, pois, segundo Boullón (2002), sua presença é que dá vida a qualquer local turístico.

A paisagem 9 também mostra uma praça, em primeiro plano, classificada por Boullón (2002) como logradouro. Segundo o autor, as praças são espaços públicos relativamente pequenos (em relação ao tamanho total da cidade), mas muito importantes para a formação da imagem turística da mesma. Destaca ainda que, se a praça possuir locais para sentar, as pessoas podem parar e admirar a paisagem do entorno com muito mais atenção, indicando um senso de funcionalidade à paisagem.

Outro aspecto em relação à paisagem 9 é o apontado por Silva (2004) quando diz que a paisagem urbana com um aspecto geral harmonioso de espaços pitorescos, de construções bem conservadas, de ruas arborizadas, de praças e

generosos jardins, é um exemplo de uma das idealizações de cidade que freqüentemente são utilizadas pela publicidade para influenciar pessoas. Sendo assim, contextualizando a idéia da autora para a paisagem 9, pode-se afirmar que a paisagem representa um espaço ideal valorizado pelo público e talvez essa imagem tenha contribuído para a alta valoração.

Com relação à diversidade, da mesma forma que a paisagem 2, a paisagem 9 apresenta uma combinação de componentes naturais e antrópicos variados, fato que, de acordo com Canteras (1992) contribui para a boa valoração da paisagem. No entanto, ao contrário da paisagem 2, a paisagem 9 possui um campo visual fechado e, conforme Boullón (2002), apresenta maior nível de detalhamento.

III) Paisagem 4 - Posição +1 do Q-Sort

A paisagem 4 (FIGURA 10) obteve a terceira maior valoração de acordo com o Método Q (FAIRWEATHER *et al.*, 1998). Esta paisagem somou 73 pontos (FIGURA 16) e 31% dos entrevistados atribuíram valor +1 a ela.

A paisagem 4 possui a quarta maior porcentagem de componentes naturais (79%), ficando atrás da paisagem 5 (100%), paisagem 7 (83%) e paisagem 2 (82%). Analisando o elemento relevo, a paisagem 4 possui a maior porcentagem de relevo acidentado (46%) em relação às outras paisagens, enquanto que o relevo plano apresenta 28%. A montanha no plano de fundo contribui para a boa valoração da paisagem, pois as paisagens com maior irregularidade na topografia são mais bem valoradas (TUAN, 1980; CANTERAS, 1992; PIRES, 1996 e OLIVEIRA, 2003).

A vegetação na paisagem 4 é um elemento que também contribui para sua boa valoração. Este elemento é representado por 52% de ocupação na paisagem. Segundo Boullón (2002), a vegetação atua como cobertura da topografia ou do relevo e pode representar o principal elemento visual de uma paisagem. Parte da vegetação que ocorre na paisagem é gramínea e, assim como na paisagem 9, a natureza controlada e domesticada proporciona o desfrute da paisagem natural com mais conforto (SILVA, 2004). Isto também pode estar contribuindo para a alta valoração da paisagem 4.

Os componentes antrópicos da paisagem 4 (21%) são constituídos por edificação, infra-estrutura e elementos móveis. O elemento edificação apresenta uma porcentagem alta em relação ao total de componentes antrópicos (15%), sendo

representada principalmente pela igreja. O elemento infra-estrutura (2%) refere-se à calçada em direção à igreja. Na paisagem 4, ambos elementos, assim como nas paisagens 2 e 9, são de arquitetura antiga e não causam interferência negativa, pelo contrário, se harmonizam e valorizam a paisagem, conforme Pires (1996), Boullón (2002) e Silva (2004).

No caso dos elementos móveis (5%), que possui a segunda maior porcentagem entre as paisagens, é representado pelas pessoas que participam da cena, mostra-se um dado interessante. A paisagem 4 é a única que revelou a manifestação da atividade turística através de uma concentração de pessoas (turistas). A presença da concentração de pessoas parece não interferir negativamente na percepção dos entrevistados, pois a paisagem obteve alta valoração. Isto, no entanto, contradiz o estudo de Hawthorne *et al.* (2007), no qual foi constatado, utilizando o mesmo Método Q, que residentes tendem a rejeitar paisagens com presença evidente de turismo.

Quanto aos componentes turísticos, a paisagem 4 possui 27% constituídos de atrativo natural (11%), atrativo cultural (14%) e infra-estrutura (2%). O atrativo natural se apresenta como o Conjunto Marumbi ao fundo e contribui para a alta valoração da paisagem. Neste sentido Silva (2004) afirma que as paisagens turísticas são mais valorizadas quando associadas a situações geográficas naturais específicas, como montanhas, constituindo aspectos pitorescos e mais facilmente identificados na paisagem. Por sua vez, o atrativo cultural, expresso na paisagem através da Igreja de Nossa Senhora do Porto, pode ser considerado um marco na paisagem, segundo Boullón (2002), pois se trata de um ponto de referência singular para o observador e contribui também para a alta valoração da paisagem 4.

E, assim como as paisagens 2 e 9, a paisagem 4 apresenta variação e diferenciação de elementos, sendo considerada uma paisagem diversificada e, portanto, de acordo com Canteras (1992), Pires (1996) e Boullón (2002), uma paisagem de maior qualidade visual, o que contribui, também, para sua alta valoração.

4.3.2.2 Paisagens com Valoração Intermediária

São paisagens com características que não são apreciadas nem rejeitadas pelos entrevistados, estão numa posição neutra na preferência do público. São

paisagens que devem ser planejadas para que suas características positivas sejam conservadas e para que as negativas sejam melhoradas.

I) Paisagem 7 - Posição (0) do Q-Sort

A paisagem 7 (FIGURA 13), de acordo com o Método Q, apresentou uma valoração intermediária, com escore final de 64 pontos (FIGURA 16), situando-se na coluna central da pirâmide. O valor 0 (zero) foi atribuído a esta paisagem por 34% dos entrevistados.

Em relação aos componentes naturais, a paisagem 7 possui a segunda maior porcentagem (83%), ficando atrás apenas da paisagem 5 (100%). Este resultado caminha contra a tendência (já citada neste estudo) que aponta para uma forte aceitação das pessoas a respeito das paisagens que possuem predominância de componentes naturais em relação aos antrópicos (CANTERAS, 1992; PIRES, 1993 e 1996; MARENZI, 1996; HARDT, 2000; OLIVEIRA, 2003).

Isolando o elemento relevo, nota-se um equilíbrio nas porcentagens de plano e acidentado, ambos com 36%, porém as montanhas aparecem ao fundo sem qualquer obstrução visual. De acordo com Tuan (1980), Canteras (1992) e Pires (1996), a presença de irregularidade e singularidade na topografia deveria ser motivo para uma alta valoração. No entanto isto não acontece na paisagem 7. Tuan (1980) afirma que, apesar de ser um forte elemento estético da paisagem, as montanhas possuem um caráter desafiador ao controle humano sobre o ambiente e, elevadas acima da planície habitada, são consideradas remotas, difíceis de aproximar e perigosas.

O elemento vegetação, que na paisagem 7 aparece com a terceira maior porcentagem de vegetação (56%) também deveria ter sido motivo para a boa valoração da paisagem, como afirmam Ulrich (1986), Kaplan e Herbert (1987), Oliveira (2003), entre outros.

Além disso, os componentes naturais são enriquecidos pela presença de componentes antrópicos, representados pelo cultivo agrícola (17%), o qual é considerado uma expressão da cultura local e faz parte da personalidade do lugar, não interferindo negativamente na paisagem (MENDONÇA, 1996).

A combinação entre relevo acidentado, vegetação e a presença de cultura na paisagem 7 torna a discussão sobre sua valoração neutra um desafio, tendo em

vista que em muitos estudos a combinação de vegetação abundante e relevo acidentado contribuíram para uma alta qualidade visual das paisagens (CANTERAS, 1992; PIRES, 1993 e 1996; MARENZI, 1996; HARDT, 2000; BOULLÓN, 2002; OLIVEIRA, 2003).

Dessa forma, a presença destes três elementos na paisagem 7 pode ter sido neutralizada na preferência das pessoas devido à escassez da diversidade de elementos em relação às paisagens que obtiveram maior valoração. A paisagem 7 não possui complexidade e variedade de elementos na cena, portanto, é considerada uma paisagem monótona. Ao contrário das paisagens diversificadas, as paisagens monótonas, segundo Boullón (2002), são integradas por poucos elementos, sendo difícil reconhecer características que sejam capazes de diferenciá-las das demais, destacando que as paisagens monótonas podem provocar tédio em turistas comuns (que não são aventureiros).

Em relação aos componentes turísticos, a paisagem 7 apresenta o atrativo natural (27%), representado pelo Conjunto Marumbi. Embora esta cadeia montanhosa seja um marco na paisagem de Morretes, apresentando singularidade, a presença deste atrativo, no ambiente natural, não é suficiente para uma boa valoração. A ausência de elementos, como equipamento e infra-estrutura, que podem proporcionar a aproximação e o desfrute do atrativo pelo observador pode também, neste caso, estar contribuindo para a neutralização de seus elementos paisagísticos, obtendo, portanto valoração intermediária. Neste sentido, Antrop (2000) verificou em seu estudo que as pessoas em geral preferem paisagens que possuam um uso claro, que proporcionem acessibilidade e liberdade para seus movimentos. Cavalcanti *et al.* (2000), por sua vez, constatou que a população valoriza o ambiente modificado, o qual de alguma forma ela possa usar. Este resultado pode estar indicando uma tendência à preferência de paisagens que possuam um grau de interferência humana, o qual não interfira visualmente na paisagem, porém, proporcione seu acesso, movimento e desfrute.

II) Paisagem 3 - Posição (0) do Q-Sort

Segundo o Método Q, a paisagem 3 (FIGURA 9) apresentou uma valoração intermediária, com escore final de 16 pontos (FIGURA 16), situando-se na coluna

central da pirâmide. O valor 0 (zero) foi o mais escolhido, 38% dos entrevistados, para a valoração desta paisagem.

A paisagem 3 apresenta predominância de componentes naturais (73%) em relação aos componentes antrópicos (27%). Assim como na paisagem 7, a paisagem 3 não obteve maior valoração devido à predominância de componentes naturais, indo, mais uma vez, contra os estudos de qualidade da paisagem, que apontam uma tendência pela preferência de recursos naturais (ZUBE e PITT, 1981).

Ao analisar o elemento relevo, nota-se que o plano predomina (69%) em relação ao relevo acidentado (6%). Sabe-se que o relevo acidentado geralmente é preferido pelo público em relação ao relevo plano, segundo Tuan (1980), Pires (1996) e Oliveira (2003). A predominância de relevo plano na paisagem 3 pode estar contribuindo, então, para sua valoração intermediária.

Na paisagem 3 o elemento água aparece em 28% da paisagem. De acordo com Tuan (1980), Pires (1996) e Burmil *et al.* (1999), a água é um dos elementos visuais mais importantes e mais atrativos da paisagem. Corroborando com esta idéia, Yázigi (2002) afirmou que estudos desenvolvidos em diversos países do mundo apontaram que a preferência das pessoas é por paisagens que apresentaram o elemento água, com exceção de alguns povos da África, que preferiram montanhas e campos. Este autor ainda afirma que rios rodeados por vegetação são intensa fonte de atração das pessoas, entretanto aparenta não ser fundamental para sua boa valoração, já que a paisagem 3 recebeu uma valoração intermediária.

Isto pode ter acontecido devido a pouca presença do elemento vegetação (19%), a mais baixa porcentagem do componente em relação às demais paisagens, pois, de acordo com Purcell e Lamb (1998), a vegetação é um elemento que contribui muito para a boa valoração das paisagens. E segundo Boullón (2002), a vegetação pode representar o principal elemento visual de uma paisagem. Dessa forma, paisagens com escassez de vegetação são menos preferidas àquelas que possuem o elemento em maior quantidade.

Há ainda a presença de solo exposto (1%) na paisagem 3, em decorrência da atividade humana. A porcentagem pode ser irrelevante quantitativamente, porém visualmente representa uma intervenção negativa. Kischlat (2004), neste sentido, considerou em sua pesquisa a exposição do solo provocada pela ação do homem como uma interferência negativa à paisagem.

Quanto aos componentes antrópicos, o que chama a atenção para a paisagem 3 é a quantidade de elementos móveis (24%), que se apresenta em maior porcentagem que o restante das paisagens analisadas. Devido à sua porcentagem se equilibrar com as porcentagens dos outros elementos, pode-se dizer que os elementos móveis (barcos) contribuíram para a valoração intermediária tanto quanto os outros elementos. Lynch (1997) destaca a importância dos elementos móveis na paisagem, quando diz que a presença humana e de seus artefatos criam um vínculo com o observador. Antrop (2000) afirma, ainda, que o movimento de elementos na paisagem é apreciado, pois expressa a vida.

Na paisagem 3, os elementos edificação (1%) e infra-estrutura (2%) possuem pouca representatividade. No estudo de Kischlat (2004), as edificações (residências, muros, postes) foram consideradas como interferências humanas negativas à paisagem. Além disso, visualmente observa-se uma falta de conservação destes elementos e até mesmo dos elementos móveis, o que pode estar contribuindo para a valoração intermediária da paisagem 3. Marenzi (1996) em seu estudo constatou detração visual (valoração baixa) em paisagens que possuíam o maior grau de naturalidade. No mesmo sentido, Hardt (2000), verificou que as paisagens com falta de tratamento dos espaços foram as menos preferidas pelo público. Concordando, Antrop (2000) afirma que a presença da aparente falta de manutenção dos elementos da paisagem costuma ser rejeitada pelas pessoas.

Quanto aos componentes turísticos, a paisagem 3 apresenta 29% de atrativos naturais, constituídos pelo Rio Nhundiaquara e pelas montanhas ao fundo. Esta porcentagem de atrativos naturais é a segunda maior, ficando atrás apenas da paisagem 2, a qual obteve a maior valoração. No entanto, assim como na paisagem 7, a paisagem 3 não possui o elemento equipamento e infra-estrutura importantes para provocar o sentido de liberdade de movimento, o uso e o desfrute da paisagem, valorizados pelo público (ANTROP, 2000; CAVALCANTI *et al.*, 2000), o que pode estar também contribuindo para sua valoração intermediária.

III) Paisagem 8 - Posição (0) do Q-Sort

A paisagem 8 (FIGURA 14), de acordo com o Método Q, foi considerada uma paisagem intermediária, localizando-se na coluna central da pirâmide. Recebeu

-52 pontos (FIGURA 16) e 44% dos entrevistados atribuíram valor 0 (zero) à paisagem.

Em relação aos componentes naturais, a paisagem 8 possui a terceira menor porcentagem (67%), ficando atrás da paisagem 1 (31%) e da paisagem 9 (64%). Assim como observado nas análises das demais paisagens, a maior porcentagem de componentes naturais não parece ser relevante para a preferência do público, contrariando a tendência dos estudos de Canteras (1992), Pires (1996), Marenzi (1996), Hardt (2000) e Oliveira (2003).

Entre os componentes naturais, a paisagem 8 apresenta porcentagens equilibradas entre relevo plano (24%) e relevo acidentado (28%). Uma cadeia montanhosa se revela ao fundo obstruída visualmente por vegetação e infraestrutura. A presença de relevo na paisagem, conforme afirmado por Tuan (1980), Canteras (1992), Pires (1993), Boullón (2002) e Oliveira (2003) tem a capacidade de atrair as pessoas e contribuir para a qualidade visual da paisagem. A presença do relevo acidentado na paisagem 8 pode ter influenciado positivamente a preferência dos entrevistados.

O que chama a atenção para a paisagem 8 é o fato de possuir a maior porcentagem do elemento céu (48%) entre todas as paisagens e entre seus próprios componentes. O elemento céu, entre as paisagens selecionadas para a pesquisa, apresentou condições climáticas semelhantes e parece não ter influenciado de maneira negativa ou positiva a preferência dos entrevistados, comportando-se, portanto, de maneira neutra. No trabalho de Kischlat (2004), o céu teve o mesmo comportamento. Em seu estudo, tendo em vista que a participação do céu variou bastante de uma foto para outra, ele foi considerado um elemento que não influenciou nos cálculos da integridade paisagística. Assim, o elemento céu parece não apresentar, neste caso, importância quantitativa para as análises das paisagens.

O elemento vegetação, na paisagem 8, apresenta uma das porcentagens mais baixas (19%) em comparação às demais paisagens, assim como na paisagem 3, a qual também foi classificada com valoração intermediária. Sabe-se que a quantidade do elemento vegetação contribui de maneira positiva para a valoração da qualidade visual (CANTERAS, 1992; PIRES, 1993 e 1996; MARENZI, 1996; HARDT, 2000; BOULLÓN, 2002; OLIVEIRA, 2003). Dessa forma, a escassez do elemento

vegetação pode estar ajudando a obtenção da valoração intermediária da paisagem 8.

Com relação aos componentes antrópicos (33%), os elementos edificação (13%) e infra-estrutura (20%) apresentam interferência na paisagem. Ao contrário das paisagens 2, 9 e 4 (que possuem significativas percentagens destes elementos) na paisagem 8, a edificação e infra-estrutura se apresentam com arquitetura moderna, fugindo ao padrão das paisagens anteriores.

A arquitetura de estilo antigo, inserida na paisagem natural, de acordo com Bley (1990) e Silva (2004), pode ser considerada um elemento que confere singularidade e tipicidade à paisagem e, portanto, acrescenta valor. No entanto, a paisagem 8 apresenta edificações modernas, sem rigor estético, as quais contrastam com os elementos naturais do entorno, criando uma desarmonia visual. E, a infra-estrutura se apresenta, predominantemente, como estrada asfaltada de traçado retilíneo, com um sentido rígido e inflexível. Conforme Kischlat (2004), as pessoas tendem preferir estradas sinuosas, que passam a idéia de mistério e movimento à paisagem. Nos estudos de Oliveira (2003) e Kischlat (2004) as paisagens que apresentaram edificações e infra-estruturas marcantes tiveram as piores classificações de acordo com a preferência dos entrevistados. Assim como nestes estudos, as edificações e infra-estrutura podem estar contribuindo para a valoração intermediária da paisagem.

Abordando os componentes turísticos da paisagem 8 (39%), o atrativo natural (6%) é representado pela montanha e possui um apelo visual positivo (PIRES, 1996). Os equipamentos (12%), representado pelos restaurantes e lanchonetes e a infra-estrutura (20%), pela estrada, como se afirmou anteriormente constituem um aspecto negativo na paisagem. Boullón (2002), quando se refere aos equipamentos, diz que as construções, levantadas inicialmente de maneira improvisada para atender a demanda, não possuem critério paisagístico algum e podem contribuir para a degradação da paisagem, diminuindo sua atratividade. Hardt (2000) também afirmou que as paisagens com falta de tratamento estético foram as menos valoradas em sua pesquisa. E Silva (2004) diz que a necessidade de atender à demanda turística da paisagem pode comprometer seus atributos paisagísticos. A falta de preocupação estética das edificações e a rigidez da infra-estrutura na paisagem 8 podem estar indicando um fator de rejeição à preferência dos entrevistados, contribuindo para a valoração intermediária que recebeu.

4.3.2.3 Paisagens com Valoração Baixa

São as paisagens que foram rejeitadas pelos entrevistados. É nestas paisagens que o planejamento deve atuar mais fortemente, no sentido de melhorar suas características, pois a qualidade visual dessas paisagens é mínima.

I) Paisagem 5 - Posição (-1) do Q-Sort

A paisagem 5 (FIGURA 11), considerada a terceira com menor valoração, apresenta 33% das escolhas dos entrevistados atribuídos ao valor -1, resultando em -84 pontos em seu escore final (FIGURA 16), de acordo com o Método Q (FAIRWEATHER *et al.*, 1998).

Esta paisagem é constituída de 100% de elementos naturais (a cerca ou divisória do terreno não obteve porcentagem significativa). Contrariando mais uma vez, estudos de qualidade visual paisagística (CANTERAS, 1992; PIRES, 1993 e 1996; MARENZI, 1996; HARDT, 2000; FAIRWEATHER, 2000; OLIVEIRA, 2003), a paisagem 5 possui a maior porcentagem de componentes naturais e vegetação (69%), porém obteve menor valoração.

Pode-se justificar esta contradição, analisando os resultados de Kischlat (2004), os quais demonstraram que as pastagens foram consideradas como interferência humana negativa à paisagem. Já Ulrich (1986) afirmou que a baixa preferência por paisagens naturais geralmente está associada a fatores de baixa complexidade (que não prendem a atenção do observador), a desordem e ausência de ponto focal. Aplicando a afirmação de Ulrich (1986) à paisagem 5, pode-se notar que a vegetação arbórea apresenta-se espalhada desordenadamente na paisagem, formando vazios ocupados por vegetação rasteira. Apresenta ainda ausência de elementos nítidos na paisagem que conformem um ponto de referência, confirmando a idéia do autor e contribuindo para justificar a baixa valoração da paisagem 5.

A fauna aparece apenas na paisagem 5, com menos de 1%, entretanto visualmente podem ter influenciado negativamente na percepção dos entrevistados devido a seu tamanho reduzido, pois, de acordo com Antrop (2000), os elementos que aparecem na paisagem e que fogem à escala humana (muito pequenos ou muito grandes) não são apreciados pelo observador.

Além disso, a paisagem 5 apresenta pouca profundidade e poucos componentes, assim, pode ser considerada uma paisagem fechada e monótona. Embora se observe melhor os detalhes numa paisagem fechada do que numa paisagem aberta, Boullón (2002) afirma que neste caso pode-se ter uma visão parcial da paisagem, limitado a visão e a apreciação. As paisagens monótonas tendem a ser menos preferidas, pois não apresentam uma combinação variada de elementos e permitem, na maioria dos casos, uma diferenciação das demais paisagens, e a singularidade fica comprometida (CANTERAS, 1992; PIRES, 1996; BOULLÓN, 2002). Isto pode estar contribuindo para a baixa valoração da paisagem 5.

Outro aspecto que pode estar contribuindo para a baixa valoração da paisagem 5 é a ausência de componentes turísticos na paisagem. A falta de atrativo (motivação para as pessoas conhecerem a paisagem), a falta de a infra-estrutura (ajuda à demanda ao acesso e desfrute da paisagem) e a falta de equipamento (atendimento das necessidades da demanda) pode inibir a visitação e diminuir a atratividade da paisagem para as pessoas comuns.

II) Paisagem 6 - Posição (-1) do Q-Sort

A paisagem 6 (FIGURA 12), de acordo com o Método Q (FAIRWEATHER *et al.*, 1998) considerada a segunda paisagem menos valorada, recebeu -149 pontos (FIGURA 16), sendo que a maior porcentagem de entrevistados, 46%, atribuiu o valor -1 à paisagem 6.

Com a análise dos componentes paisagísticos, observa-se que a paisagem 6 possui predominância dos elementos naturais (72%), e contrariando novamente os estudos que constaram maior qualidade visual às paisagens com mais recursos naturais em relação aos antrópicos (CANTERAS, 1992; PIRES, 1996; MARENZI, 1996; HARDT, 2000; OLIVEIRA, 2003) a paisagem 6 recebeu menos valoração.

Analisando o elemento relevo, na paisagem 6 há a predominância do relevo plano (40%) em relação ao acidentado (17%). Tuan (1980), Pires (1996) e Oliveira (2003) verificaram em seus estudos que as paisagens que possuíam relevo acentuado possuíam maior qualidade visual. Isto pode estar indicando que a predominância de relevo plano contribuiu para a baixa valoração.

A vegetação da paisagem 6 aparece com 28%, uma porcentagem intermediária comparada às outras paisagens. É representada por árvores ao fundo e grama aparada, proporcionando na visão de Silva (2004), um aspecto de conforto ao visitante e acesso ao ambiente natural.

Quanto aos componentes antrópicos, assim como na paisagem 8, as edificações e infra-estruturas possuem arquitetura de estilo moderno, que foge do padrão típico da paisagem de Morretes (BLEY, 1990) e faz com a que esta perca sua identidade, apresentando interferências visuais negativas na paisagem. Este resultado corrobora com os estudos de Oliveira (2003) e Kischlat (2004), nos quais as paisagens menos valoradas foram as que apresentaram edificações e infra-estruturas em desarmonia com as paisagens avaliadas.

Em relação aos componentes turísticos, a paisagem 6 apresenta 15% de equipamento, representada pelo centro de visitantes e 12% de infra-estrutura, representada pelos bancos, lixeiras, sinalização, poste e ponte. Ao contrário da paisagem 8, onde os equipamentos são propriedade privada e não houve, a princípio, preocupação estética na sua construção, a paisagem 6 apresenta uma estrutura pública criada para atender a demanda turística já existente no local. Pode-se afirmar que houve um processo de planejamento para sua instalação, entretanto, faltou um critério que determinasse a adequação da construção com a identidade do lugar coerente com a singularidade e tipicidade da paisagem, apontado por Boullón (2002) como um aspecto de muita importância para a valorização visual da paisagem. Bley (1990) também afirma que a paisagem de Morretes é percebida como um conjunto, um todo coerente.

Além disso, o centro de visitantes encontra-se desativado (e, portanto, sem utilização oficial), pois se localiza em área de preservação permanente, na beira do Rio Nhundiaquara. E para quem não conhece a paisagem, sua utilidade não é facilmente percebida. Neste sentido, Antrop (2000) diz que as paisagens mais preferidas são aquelas que possuem seu potencial de uso bem claro, e, no contrário, produzem um sentimento de inutilização.

III) Paisagem 1 - posição (-2) do *q-sort*

A paisagem 1 (FIGURA 7), de acordo com o Método Q (FAIRWEATHER *et al.*, 1998), considerada a paisagem menos valorada, recebeu -176 pontos (FIGURA 16), correspondendo a 36% dos entrevistados que atribuíram valor -2 à paisagem.

Com relação aos componentes paisagísticos, observa-se que na paisagem 1 que nos elementos naturais há uma predominância do relevo plano (90%) e nos elementos antrópicos há predominância das edificações e infra-estrutura, com (69%).

Isolando o componente relevo, as paisagens que apresentam maior porcentagem de relevo plano são as paisagens 1 e a paisagem 9. Embora a paisagem 1 tenha ficado entre as piores e a paisagem 9 entre as melhores. Isso pode estar indicando que na paisagem 9 tenha outros elementos naturais no contexto dos componentes paisagísticos com maior valoração neutralizando a alta porcentagem do elemento relevo plano e fazendo com que este não seja o maior responsável pela colocação desta paisagem nas mais bem valoradas. Caso esta preferência, de maior valoração nas paisagens de relevo plano, venha se confirmar pode não estar exprimindo as comprovações de Oliveira (2003), pois geralmente as paisagens que apresentam relevo acidentado são as mais bem valoradas do que as de relevo plano (CANTERAS, 1992).

O que chama mais a atenção na paisagem 1 é que ela é uma das paisagens com a menor porcentagem de vegetação e a única com porcentagem maior de componentes antrópicos que componentes naturais. De acordo com Zube e Pitt (1981), os estudos de percepção demonstram repetidamente que os recursos naturais da paisagem são considerados mais belos que aqueles marcados pela intervenção antrópica. Acredita-se que este seja um dos principais motivos para a rejeição à paisagem 1, pois a proporção entre os componentes é muito diferente.

Além disso, na paisagem 1 o elemento edificação apresenta falta de conservação da fachada. Esta “falta de tratamento dos espaços”, chamada por Hardt (2000), ou “detração visual”, chamada por Marenzi (1996) é um fator que diminuiu a valoração das paisagens em suas respectivas pesquisas sobre a qualidade da paisagem, mesmo naquelas em que há maior grau de naturalidade.

De acordo com Boullón (2002), “do mesmo modo que uma árvore magnífica perde seu valor estético se estiver cercada por uma lixeira, um edifício, uma igreja,

ou um monumento diminuem sua beleza se o espaço que os circunda não se harmoniza com sua arquitetura ou escala”.

Quanto aos componentes turísticos a paisagem 1 apresenta 38% de atrativo cultural e 31% de infra-estrutura. Esta paisagem apresenta a maior porcentagem de componentes turísticos, concentrados apenas nos dois componentes acima, não tendo maior diversidade de componentes para o turismo. Boullón (2002) afirmou que uma das formas de analisar a paisagem é através da diversidade de componentes que nela se encontra. E também, Gonzalez Bernáldez (1981) afirmou que as paisagens características de uma região, por tanto as que possuem identidade, são determinadas pela associação característica de alguns componentes paisagísticos. Voltando a Boullón (2002), as paisagens homogêneas (caso da paisagem 1), são as que estão integradas por muito poucos elementos e são as que apresentam dificuldade em diferenciá-las ou reconhecê-las e que, por sua monotonia, entediam as pessoas mais facilmente.

4.3.3 Preferência das paisagens – análise por categoria

Como resultado das preferências separadas por categorias, observa-se que a opinião dos residentes diferencia-se da geral nas paisagens com valoração intermediária e baixa (TABELA 33). A opinião dos turistas se diferencia da geral em relação às paisagens de valoração alta e intermediária. E a opinião mais distinta é a dos profissionais, que difere da preferência geral na maioria das paisagens.

TABELA 33 – PREFERÊNCIA DAS PAISAGENS POR CATEGORIA

Valoração		Preferência Geral	Preferência Residentes	Preferência Turistas	Preferência Profissionais
Valoração Alta	+2	P 2	P 2	P 2	P 7
	+1	P 9	P 9	P 7	P 3
		P 4	P 4	P 4	P 4
Valoração Intermediária	0	P 7	P 7	P 9	P 2
		P 3	P 6	P 3	P 9
		P 8	P 8	P 8	P 1
Valoração Baixa	-1	P 5	P 3	P 5	P 8
		P 6	P 5	P 6	P 5
	-2	P 1	P 1	P 1	P 6

FONTE: A autora (2009).

4.3.3.1 Preferências dos residentes

Quando se relaciona a preferência dos residentes com a preferência geral, nota-se um consenso a respeito das colocações da maioria das paisagens, destacando as paisagens de maior valoração (Paisagem 2) e menor valoração (Paisagem 1). Entretanto as valorações das paisagens 6 e 3 divergiram em relação à preferência geral (TABELA 33).

A valoração da paisagem 6 aumentou de -1 para 0 (zero). Sabendo que esta paisagem possui uma marcante presença de edificação em estilo moderno, e recebeu menor valoração dos outros dois grupos, percebe-se que este elemento não interfere negativamente na preferência dos residentes. Isso pode estar corroborando com o resultado do estudo de Zube e Pitt (1981), no qual os residentes não consideravam que as edificações depreciavam a paisagem local. Além disso, por conhecer a paisagem 6, os residentes podem ter atribuído maior valor à paisagem por conseguirem identificar a função da edificação (centro de visitantes), embora esteja desativado. Neste sentido, Antrop (2000) cita que a paisagem é mais apreciada quando seu potencial de uso é claro, conhecendo a razão para a edificação existir na paisagem.

Quanto à paisagem 3, sua valoração migrou do valor 0 (zero) para o valor -1. Pode-se utilizar a afirmação de Bley (1990), que destaca que a atribuição de valor dos residentes à paisagem está intimamente ligada com a solução de problemas de atendimento às necessidades básicas. A paisagem 3 indica, pela quantidade de barcos (elementos móveis), que é utilizada pela população em seu cotidiano. Aproximando a afirmação de Bley para a paisagem 3, é possível afirmar que esta não satisfaz as necessidades da população por falta de infra-estrutura que os atenda. Talvez por isso, a paisagem 3 não agradou aos residentes.

Marion e Machado (1999) afirmam que só quem vivencia a paisagem por meio de um contato direto e contínuo pode alcançar sua melhor compreensão. As relações dos moradores com as paisagens são baseadas na familiaridade com seus elementos e permitem seu melhor entendimento e aproveitamento. Bley (1990) diz que as paisagens são mais valorizadas para os residentes quando estas atendem suas necessidades. Assim, pode-se afirmar que existe uma expectativa dos residentes em relação à paisagem no sentido da sua funcionalidade. E por ter seu

modo de vida afetado por decisões a respeito da paisagem, conhecer a opinião dos residentes torna-se importante para o planejamento.

4.3.3.2 Preferência dos turistas

A preferência dos turistas em relação à preferência geral das paisagens difere na valoração alta e intermediária (TABELA 33). A paisagem 7 recebeu valor 0 (zero) na preferência geral, enquanto que na preferência dos turistas ela aumentou para valor 1. No caso da paisagem 9, esta recebeu valor 1 na preferência geral e na dos turistas, recebeu valor 0. Levando em consideração a afirmação de Tuan (1980) a qual diz que a percepção do visitante “frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros”, pode-se dizer que os turistas preferiram a paisagem 7 em relação a 9 de acordo com seu julgamento estético. Além disso, a diferença da percepção entre os turistas e residentes a respeito da paisagem 7 reside em parte na afirmação de Bley (1990) de que os moradores, em decorrência da familiaridade com o contorno da serra, a ignoram, pois quando as montanhas se tornam acessíveis, perdem sua aparência proibida e a emoção em relação a elas diminui. Ao contrário do que acontece com os turistas, que se impressionam com as montanhas.

Corroborando com a idéia de Tuan (1980), Mendonça (1996) afirma que a avaliação do meio ambiente pelo visitante é puramente estética. O estranho ao meio normalmente julga pela aparência, por um critério formal de beleza. Neste sentido, interpreta-se que a expectativa dos turistas em relação às paisagens seja estética, de apreciação do belo, do que é harmonioso. Por ter sua receita originada da atividade turística, Morretes necessita de planejamento para satisfazer as expectativas dos turistas. Dessa forma, conhecer a preferência dos turistas em relação à paisagem torna-se fundamental para a continuidade do turismo no município.

4.3.3.3 Preferência dos profissionais

Para os profissionais, as paisagens 2, 9 e 8 tiveram seus valores diminuídos em detrimento do aumento dos valores das paisagens 7, 3 e 1 em relação à

preferência geral. Sabe-se que as paisagens 2 e 9 possuem mais componentes antrópicos que as paisagens 7 e 3, que possuem maior nível de naturalidade.

O que chama atenção para a preferência dos profissionais é a contradição de opinião com relação a paisagem 1. Esta paisagem foi rejeitada pelas outras categorias por apresentar maior quantidade de componentes antrópicos com falta de tratamento. Entretanto, os profissionais conseguem enxergar a importância do atrativo cultural na paisagem (38%), atribuindo mais valor a ela do que os residentes e turistas. Isto pode estar indicando que se a paisagem receber tratamento estético, através do restauro, seu valor poderá aumentar em relação à preferência das outras categorias, mesmo apresentando predominância de componentes antrópicos (69%).

De acordo com Kaplan e Herbert (1987), os profissionais possuem uma preocupação com a conservação das paisagens. Paisagens que possuem o maior nível de naturalidade tendem a ser preferidas pela categoria. Dessa forma, o arranjo das paisagens dos profissionais indicou existir uma preferência por paisagens que apresentassem menos interferência humana negativa.

De acordo com Canteras (1992), a percepção das paisagens está relacionada com os fatores inerentes ao próprio indivíduo (capacidade imaginativa e cognitiva), fatores educativos e culturais (padrões e atitudes culturais influenciados pela forma de aprendizagem) e fatores emotivos (familiaridade, conhecimento e afeição). Neste sentido, as preferências por categorias dos entrevistados – residentes, turistas e profissionais – apresentaram características distintas entre si, principalmente a respeito das relações (afeição e expectativa) que estabelecem com as paisagens. Tuan (1980) afirma que o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes da paisagem. Enquanto o residente está imerso na paisagem, o turista está apenas de passagem e, por sua vez, os profissionais possuem um ponto de vista próprio, direcionado por suas linhas de aprendizagem e trabalho.

É importante destacar que os profissionais foram entrevistados pessoalmente em seus gabinetes ou por e-mail, ao contrário dos residentes e turistas que foram entrevistados em Morretes. Isto pode ter influenciado na preferência das paisagens, pois a categoria de profissionais não estavam vivenciando a paisagem no momento da entrevista, embora já conhecessem Morretes.

Os resultados obtidos neste estudo indicam a importância da análise da preferência das paisagens como subsídio ao planejamento da paisagem para o

turismo, revelando que cada categoria possui um tipo de relacionamento com as paisagens, e, portanto, preferências, expectativas e anseios característicos.

5 CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, conclui-se que:

I. Quanto ao método empregado (Método Q):

- a) A área de estudo adotada mostrou-se satisfatória para a aplicação do método de pesquisa por apresentar paisagens distintas, com diversos elementos paisagísticos e turísticos passíveis de ser analisados;
- b) As regiões turísticas identificadas no estudo mostraram-se representativas das diferentes paisagens que o município possui;
- c) A intensidade do turismo nas regiões identificadas foi obtida a partir da quantificação da oferta e deve ser atualizada conforme o novo inventário, que encontra-se em fase de elaboração pela Prefeitura Municipal de Morretes e Universidade Federal do Paraná;
- d) As fotografias utilizadas para substituir as paisagens mostraram-se satisfatórias, pois representaram a realidade do município, contribuindo para a veracidade dos resultados;
- e) O número reduzido de fotografias (bem inferior ao que o método propõe) foi uma estratégia acertada, pois além de contribuir para a boa aceitação dos entrevistados em relação à pesquisa, facilitou a análise dos resultados;
- f) A análise quantitativa dos componentes paisagísticos e turísticos das paisagens selecionadas e a escolha dos elementos a serem quantificados foram satisfatórias e demonstraram a realidade das paisagens da área de estudo;
- g) O questionário elaborado para extrair o perfil dos entrevistados demonstrou que algumas perguntas (gasto médio diário individual, tempo de permanência e motivo da escolha da paisagem) não influenciaram na preferência dos entrevistados pelas paisagens e, portanto, não deveriam ter sido aplicadas;
- h) O Método Q aplicado ao estudo da preferência de paisagem mostrou-se eficiente, pois os entrevistados foram induzidos a comparar as fotografias selecionadas (paisagens) umas com as outras, atribuindo valor a elas. Dessa forma, a valoração pelo Método Q conseguiu extrair

as reais opiniões, impressões e expectativas dos entrevistados em relação à paisagem de Morretes.

II. Quanto aos componentes paisagísticos na análise da preferência por paisagens:

- a) A predominância de elementos antrópicos em relação aos componentes naturais na paisagem foi rejeitada pelos entrevistados;
- b) A predominância de componentes naturais na paisagem por si só não foi suficiente para uma alta valoração;
- c) A combinação harmoniosa e integrada dos componentes naturais (predominantes) com componentes antrópicos determinou a alta valoração das paisagens;
- d) A presença do elemento relevo acidentado por si só não foi suficiente para alta valoração da paisagem, o mesmo deve estar combinado aos outros elementos;
- e) O elemento céu mostrou-se aparentemente sem importância significativa para a análise da preferência das paisagens;
- f) O elemento vegetação por si só também não foi suficiente para a alta valoração das paisagens;
- g) A escassez do elemento vegetação contribuiu para a baixa valoração das paisagens;
- h) O elemento solo exposto, embora não possua relevância qualitativa, interferiu visualmente de maneira negativa na valoração das paisagens;
- i) A presença do elemento fauna não foi representativa para o estudo;
- j) O elemento água comportou-se de maneira inesperada, pois sua presença por si só não foi suficiente para garantir uma alta valoração para a paisagem, para isso ele deve estar combinado a outros elementos;
- k) O elemento edificações contribuiu para a alta valoração da paisagem quando apareceu em estilo antigo, integrado aos componentes naturais;
- l) A presença das edificações influenciou a valoração de maneira positiva quando apresenta um senso claro de funcionalidade e acessibilidade à paisagem;
- m) O estilo moderno das edificações foi rejeitado pelos entrevistados;

- n) As edificações com falta de tratamento (manutenção) ou falta de preocupação estética contribuíram para a valoração baixa das paisagens;
- o) O elemento infra-estrutura contribuiu positivamente para a valoração da paisagem quando apareceu integrada à cena, em estilo antigo;
- p) A presença do elemento infra-estrutura pareceu influenciar positivamente na valoração quando dá um sentido de acesso e liberdade de movimento às paisagens;
- q) As infra-estruturas em estilo moderno contribuíram para a baixa valoração da paisagem;
- r) Os elementos móveis contribuíram de maneira positiva na paisagem quando conferiram um senso de vida e movimento;
- s) A presença de uma concentração de pessoas pareceu não influenciar negativamente na preferência dos entrevistados;
- t) O fator naturalidade por si só não foi suficiente para garantir a alta valoração das paisagens, contrariando a literatura consultada;
- u) O fator singularidade comportou-se da mesma forma que o fator naturalidade;
- v) O fator diversidade mostrou-se determinante para a alta valoração das paisagens;
- w) O fator monotonia contribuiu para diminuir a valoração das paisagens;

III. Quanto aos componentes turísticos na análise da preferência por paisagens:

- a) A intensidade turística obtida pela quantificação da oferta não influenciou positiva ou negativamente a preferência dos entrevistados;
- b) A presença do elemento atrativo turístico (natural e cultural) na paisagem contribuiu para a alta valoração das paisagens;
- c) Alguns atrativos turísticos se comportaram como marcos na paisagem e contribuíram para a alta valoração, pois apresentaram singularidade;
- d) A falta de conservação dos atrativos turísticos contribuiu para a baixa valoração das paisagens;
- e) A presença por si só de atrativo não foi suficiente para a alta valoração das paisagens, para isso, devem estar combinados a outros elementos;

- f) O elemento equipamento turístico, integrado à paisagem e transmitindo um senso claro de funcionalidade, contribuiu para a alta valoração das paisagens. No contrário, contribuiu para a baixa valoração.

IV. Quanto às preferências das paisagens analisadas em categorias de entrevistados:

- a) Os residentes, turistas e profissionais possuem preferências, opiniões e expectativas diferentes em relação à paisagem;
- b) Os residentes preferiram paisagens com um sentido de funcionalidade e que atendem às suas necessidades;
- c) Os turistas ordenaram as paisagens de acordo com um critério estético, preferindo paisagens belas e harmônicas;
- d) Os profissionais mostraram uma preocupação com a conservação das paisagens, dando preferência a presença do fator naturalidade;
- e) Os profissionais valorizaram a presença do atrativo cultural mesmo apresentando detração visual, o qual foi rejeitado pelas outras categorias.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ-AFONSO, R. M. **Estúdio y Valoración del Paisaje: Territorio de Valderejo**. Santander: Universidad de Cantabria, 1990, 136p.
- ANTROP, M. **Background Concepts for Integrated Landscape Analysis**. Agriculture, Ecosystems & Environment, 2000, nº. 77, p. 17-28.
- BAGGIO, R. L. **Investigação sobre a Percepção Subliminar (Sob a ótica da Comunicação)**. Marília, SP: Universidade de Marília, 2005. (Dissertação de Mestrado).
- BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 10ª Ed. Campinas: Papirus, 2001.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 2002.
- BIGRAS, M.; DESSEN, M. A. **O Método Q na Avaliação Psicológica: Utilizando a Família como Ilustração**. *Aval. psicol.*, nov. 2002, vol.1, no.2, p.119-131.
- BIONDI, D. **Notas de Aula**, 2006.
- BLEY, L. **Morretes: Estudo de Paisagem Valorizada**. Rio Claro: UNESP, 1990. (Tese de Doutorado).
- BOLÓS y CAPDEVILA, M. **Manual de Ciencia del Paisaje: Teoría, Métodos e Aplicaciones**. Barcelona: Masson S.A., 1992.
- BOLSON, J. H. G. **A Importância da Paisagem na Atividade Turística**. Revista Turismo, jun 2004. Disponível em: <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>. Acesso em: 29/10/2008.
- BOMBÍN, M. M. E. **El Paisaje**. Madri: Ministério de Obras Públicas y Urbanismo, Centro de Publicaciones, 1987.
- BOULLÓN, R. C. (trad. Josely Vianna Baptista). **Planejamento do Espaço Turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BRUNER, J. S. **An Approach to Social Perception**. Current Trends in Social Psychology. ?: University of Pittsburgh Press, 1951. In: PENNA, A. G. *Percepção e Realidade. Introdução ao Estudo da Atividade Perceptiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.
- BURMIL, S.; DANIEL, T. C.; HETHERINGTON, J. D. **Human Values and Perceptions of Water in Arid Landscapes**. Landscape and Urban Planning, 1999, 44: 99-109.
- CANTERAS, J. C. **Introducción al Paisaje**. Curitiba: UFPR, Universidad de Cantabria, 1992.

CARDENAS, F. T. **Proyectos Turísticos: Localización e Inversión**. México, D.F.: Trillas, 1991.

CAVALCANTI, D. C.; CARDOSO-LEITE, E.; COVRE, T. B.; DEGASPERI, T. H.; FERNANDES, M. R.; OMETTO, R. G.; PAGANI, M. I. **Percepção Ambiental da População do Entorno de um Córrego em Área Urbana em Rio Claro – SP**. In: SOCIEDADE DE ECOLOGIA DO BRASIL (SEB). *I Fórum de Debates. Ecologia da Paisagem e Planejamento Ambiental*. Rio Claro: SEB, 2000. CD-ROM.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

CHORLEY, R. J.; KENNEDY, B. A. **Physical Geography: a System Approach**. Londres: Prentice Hall, 1971.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de Sistemas Ambientais**. São Paulo: Editora Edgar Blüncher Ltda., 1999.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural: O Estado da Arte**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999. p. 92-122.

CORRÊA, R. L. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

_____. **Geografia Cultural: Passado e Futuro. Uma Introdução**. In: CORRÊA, R. L. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999. p. 49-58.

_____. **Apresentando Leituras Sobre Paisagem, Tempo e Cultura**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998. p. 92-122.

COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. (trad. Roberto Cataldo Costa). **Turismo, Princípios e Práticas**. 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

COSTA, N. B. R. da. **Impactos Sócio-ambientais do Turismo em Áreas Litorâneas: Um Estudo de Percepção Ambiental nos Balneários de Praia de Leste, Santa Terezinha e Ipanema – Paraná**. Curitiba: UFPR, 2007 (Dissertação de Mestrado).

CRUZ, R. C. A. da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

_____. **As Paisagens Artificiais Criadas pelo Turismo**. In: Yázigi, E. (org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

DAY, R. H. (trad. Maria Tereza Pereira Maldonado). **Percepção Humana**. Rio de Janeiro: Ed. Livros Técnicos e Científicos, 1972.

DINIZ, A. M. A. **Topofobias e Condutas Defensivas: Uma Análise do Sentimento de Insegurança e Medo de Vitimização em Belo Horizonte**. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.) *Da Percepção e Cognição a Representação*:

Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p. 179-193.

DUIM, R. van der. **Tourismscapes. An Actor-network Perspective**. *Annals of Tourism Research*, Volume 34 , nº 4, p.961-976, 2007.

EKINCI, Y.; RILEY, M. **Validating Quality Dimensions**. *Annals of Tourism Research*, Volume 28, Issue 1, January 2001, pages 202-223.

FAIRWEATHER, J. R. **The Q method and Subjective Perceptions of Food in the 1990's**. Canterbury: Lincoln University, Tourism Research and Education Centre, 1990. (Monograph). Disponível em: <<http://researcharchive.lincoln.ac.nz/dspace/handle/10182/177>> acesso em: 15/05/2008.

FAIRWEATHER, J. R.; SWAFFIELD, S. R.; SIMMONS, D. G. **Understanding Visitor's Experiences in Kaikoura Using Photographs of Landscapes and Q method**. Canterbury: Lincoln University, Tourism Research and Education Centre, Report nº5, 1998. (Monograph). Disponível em: <<http://researcharchive.lincoln.ac.nz/dspace/handle/10182/104>>, acesso em: 15/05/2008.

FAIRWEATHER, J. R.; SWAFFIELD, S. R.; SIMMONS, D. G. **Visitor's and Local's Experiences of Rotorua Using Photographs of Landscapes and Q method**. Canterbury: Lincoln University, Tourism Research and Education Centre, Report nº 13, 2000. (Monograph). Disponível em: <<http://researcharchive.lincoln.ac.nz/dspace/handle/10182/117>>, acesso em: 15/05/2008.

FAIRWEATHER, J. R.; SWAFFIELD, S. R.; NEWTON, B. SIMMONS, D. G. **Visitor's and Local's Experiences of Westland, New Zealand**. Canterbury: Lincoln University, Tourism Research and Education Centre, Report nº 23, 2001. (Monograph). Disponível em: <<http://researcharchive.lincoln.ac.nz/dspace/handle/10182/159>>, acesso em: 15/05/2008.

FAIRWEATHER, J. R.; SWAFFIELD, S. R. **Visitor's and Local's Experiences of Kaikoura, New Zealand: An Interpretative Study Using Photographs of Landscapes and Q method**. *Tourism Management*, Volume 22, Issue 3, June 2001, pages 219-228.

FAIRWEATHER, J. R.; SWAFFIELD, S. R.; MASLIN, C.; SIMMONS, D. G. **Visitor's and Local's Views of Environmental Management in Christchurch, New Zealand**. Canterbury: Lincoln University, Tourism Research and Education Centre, Report nº 33, 2003. (Monograph). Disponível em: <<http://researcharchive.lincoln.ac.nz/dspace/handle/10182/250>>, acesso em: 15/05/2008.

FÁVERO, O. A. **Paisagem e Sustentabilidade na Bacia Hidrográfica do Rio Sorocaba (SP)**. São Paulo: USP, 2007 (Tese de Doutorado).

FORGUS, R. H. (trad. Nilce Pinheiros Mejias). **Percepção: O Processo Básico do Desenvolvimento Cognitivo**. São Paulo: Herder; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1971.

FORMAN, R. T. T.; GODRON, M. **Landscape Ecology**. New York: John Wiley & Sons, 1986.

FRANÇA, J. P. **Gestão dos Espaços Públicos de Lazer, Turismo e Paisagem Urbana/Belém-PA**. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 5. N. 2, 2005.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Boletim Informativo**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 1999. vol. 9.

FUSTER, L. F. **Teoría y Técnica del Turismo**. 4ª Ed. Madrid: Editora Nacional, 1974. Vol. 1.

GOELDNER, C. R.; RICHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. (trad. Roberto Cataldo Costa) **Turismo. Princípios, Práticas e Filosofias**. 8ªed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GÓMEZ OREA, D. **El Medio Físico y la Planificación**. Madrid: Cuadernos del CIFCA, 1978. Vol. I e II.

GONZALEZ-BERNALDEZ, F. **Ecología y Paisaje**. Madrid: H. Blume Ediciones, 1981.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Diretrizes para o Turismo em Áreas Naturais no Paraná**. Curitiba, 2001.

GRIFFITH, J. J. **Análise dos Recursos Visuais do Parque Nacional da Serra da Canastra**. Brasil Florestal, 09(40), 1979. 13-21 p.

GRISE, M. M. **Mapa de Localização da Área de Estudo**. 2009.

_____. **Mapa de Localização das Regiões Turísticas de Morretes**. 2009b.

HARTSHORNE, R. **The Nature of Geography**. Lancaster, Penn: Association of American Geographers, 1939.

HAULOT, A. **Le Tourisme et la Bible**. Paris: Revue de l'Académie Internationale du Tourisme, 1961. In: FUSTER, L. F. **Teoría y Técnica del Turismo**. 4ª ed. Madrid: Editora Nacional, 1974. vol. 1.

HAWTHORNE, T.; KRYGIER, J.; KWAN, M.; **Mapping Ambivalence: Exploring the Geographies of Community Change and Rails-to-rails Development Using Photo-based Q Method and PPGIS**. Geoforum, Volume 39, 2008, pages 1058-1078.

IGNÁCIO, C. F. **Guia para Elaboración del Estúdios del Medio Físico: contenido y metodologia**. 2ª ed. Serie Manuales, 3. Madrid: CEOTMA, 1984.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contagem da População 2007**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografia/GEBIS%20-%20RJ/contagem_2007.pdf>, acesso em: 26/03/2009.

_____. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira** (Série Manuais Técnicos em Geociências – Número 1). Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 1992. 92 p.

_____. **Produto Interno Bruto de Morretes 2004**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>, acesso em: 26/03/2009.

INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E FLORESTAS (ITCF). **Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi – Plano de Gerenciamento**. Curitiba, 1987.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Anuário Estatístico do Estado do Paraná 2006**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/anuario2006>>, acesso em: 25/07/2008.

_____. **Consumo de Energia de Morretes**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=83350&btOK=OK>, acesso em: 26/03/2009.

KAPLAN, R.; HERBERT, E. J. **Cultural and Sub-Cultural Comparisons in Preferences for Natural Settings**. *Landscape and Urban Planning*, 1987, 14: 281-293.

KISCHLAT, E. **Metodologia para Avaliação da Preferência Visual de Recursos Naturais da Paisagem para Fins Turísticos. Estudo de Caso nos Municípios de Benedito Novo e Dr. Pedrinho – SC**. Curitiba: UFPR, 2004. (Dissertação de Mestrado)

KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.) **Da Percepção e Cognição a Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, S. **Mapas Mentais – Uma Forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas**. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.) *Da Percepção e Cognição a Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p. 114-138.

LANDOWSKI, G. S. **O Sensoriamento Remoto Aplicado à Valoração da Paisagem para o Planejamento de Uso e Ocupação do Solo. Um Estudo de Caso em Tibagi – PR**. Curitiba: UFPR, 2003. (Dissertação de Mestrado).

LAURIE, M. **Introducción a la Arquitectura del Paisage**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.

LEAL, C. T. **A Valoração Paisagística Aplicada ao Planejamento Ambiental Urbano. Estudo de Caso do Município de Matinhos – PR**. Curitiba: UFPR, 2002. (Dissertação de Mestrado).

LEMOS, M. J. G. (org) **Turismo: Impactos Socioambientais**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUCAS, O. W. R. **The Design of Forest Landsacpe**. New York: Oxford University Press, 1991.

MACHADO, L. M. C. P. **Paisagem Cultural**. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.) *Da Percepção e Cognição a Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p. 139-157.

MAGRO, T. C. Manejo de Paisagens em Áreas Florestadas. Piracicaba: Série técnica IPEF, 1996, v.10, n.29, p.59-72.

MARENZI, R. C. **Estudo da Valoração da Paisagem e Preferências Paisagísticas no Município da Penha – SC**. Curitiba: UFPR, 1996. (Dissertação de Mestrado)

MARQUES, A. da C. **Planejamento da Paisagem da Floresta Nacional de Três Barras (Três Barras – SC): Subsídios ao Plano de Manejo**. Curitiba: UFPR, 2007 (Dissertação de Mestrado).

MENESES, U. T. B. de. **A Paisagem como Fato Cultural**. In: Yázigi, E. (org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

METHERBE, J. C. **Análise de Sistemas**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1986. p.31-43.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Manual Programa Melhores Práticas para o Ecoturismo**. Fundo Nacional para a Biodiversidade. Brasília, 2002a.CDFS, 250MB.

_____. **Manual Programa Melhores Prática para o Ecoturismo – Termo de Referência para Atividades Turísticas na APA da Serra do Mar**. Brasília: Fundo Nacional para a Biodiversidade, 2002b.CDFS, 250MB.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). **Plano Nacional de Turismo 2007-2010: Uma Viagem de Inclusão**. Brasília: MTUR, 2007.

MOLINA, S. E.; RODRÍGUEZ, S. A. (trad. Carlos Valero). **Planejamento Integral do Turismo – Um Enfoque para a América Latina**. Bauru: EDUSC, 2001.

MORITA, H.; SHIMIZU, T.; LAURINDO, F. J. B. **Modelos para Estruturar e Avaliar Alternativas de Decisão em Tecnologia da Informação**. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1999_A0287.PDF>, acesso em 15/05/2008.

NETTO, A. P.; TRIGO, L. G. G. **Reflexões Sobre um Novo Turismo. Política, Ciência e Sociedade**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2003.

NETTO, A. P. **Filosofia do Turismo. Teoria e Epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

NITSCHKE, L. B. **O Significado do Turismo no Roteiro “Caminhos do Guajuvira”, Araucária/PR**. Curitiba: UFPR, 2007 (Dissertação de Mestrado).

NORIEGA, P. **Teorias da Percepção Visual e Percepção do Movimento**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2001. (Apostila da Disciplina de Psicologia Cognitiva do Curso de Ergonomia). Disponível em: http://zatopek.fmh.utl.pt/~pnoriega/psicog/pdfs/tpvisual_e_pmov.pdf. Acesso em: 02/11/2008.

OLIVEIRA, D. A. de. **Ecologia e Valoração da Paisagem do Entorno da Cidade de Paranaguá**. Curitiba: UFPR, 2003 (Dissertação de Mestrado).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PARANÁ CIDADE/SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO URBANO (SEDU). **Plano Diretor Municipal de Morretes**. Curitiba, 2008.

PARANÁ TURISMO/SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO (SETU). **Litoral: Estudo da Demanda Turística 2006**. Curitiba, 2007.

PENNA, A. G. **Percepção e Realidade. Introdução ao Estudo da Atividade Perceptiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1968.

PINHEIRO, E. da S. **Percepção Ambiental e Atividade Turística no Parque Estadual do Guartelá, Tibagi – PR**. Revista RA'E GA, n.12, p.121-134, Curitiba: Editora UFPR, 2006.

PIRES, P. S. **Avaliação da Qualidade Visual da Paisagem na Região Carbonífera de Criciúma-SC**. Curitiba: UFPR, 1993. (Dissertação de Mestrado).

PUGLIELLI NETO, H. F. **Análise da Fragmentação da Cobertura Vegetal como Subsídio ao Planejamento da Paisagem em Áreas Urbanizadas: Aplicação ao Bairro de Santa Felicidade, Curitiba – PR**. Curitiba: UFPR, 2008 (Dissertação de Mestrado).

PURCELL, A. T.; LAMB, R. J. **Preferences and Naturalness: an Ecological Approach**. Landscape and Urban Planning, 1998, 42: 57-66.

RICHARD, J. F. **Méthode d'Analyse des Paysages. Um Système d'Informations Géographiques**. Paris: L'ORSTOM, 1989, Documentations Techniques n° 72.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. 10ª Ed. Campinas: Papirus, 2003.

SAHR, W. D. **Signos e Espaço Mundos – A Semiótica da Espacialização na Geografia Cultural**. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.) *Da Percepção e Cognição a Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p. 57-79.

SARMENTO, J. C. V. **Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004.

SAUER, C. O. **A morfologia da Paisagem**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998. p.12–74.

SCATENA, L. M. **Ações em Educação Ambiental; Análise Multivariada da Percepção Ambiental de Diferentes Grupos Sociais como Instrumentos de Apoio à Gestão de Pequenas Bacias – Estudo de Caso da Microbacia do Córrego da Capituva, Macedônia, SP**. São Carlos, Universidade de São Paulo, 2005. (Tese de Doutorado).

SCHAMA, S. **Landscape and Memory**. Londres: Harper Collins, 1995.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO (SETU). **Plano de Desenvolvimento do Turismo no Paraná 2008-2011**. Curitiba: SETU, 2008.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE MORRETES (SETUR). **Inventário Turístico de Morretes, Paraná**. Morretes: Secretaria Municipal de Turismo de Morretes, 2005.

SEGER, C. D. **Utilização dos Recursos Naturais da Paisagem para o Planejamento de um Circuito de Ecoturismo na Reserva da Volta Velha – Itapoá – Santa Catarina**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SERRANO, C. M. T.; BRUHNS, H. T. (orgs.) **Viagens à Natureza – Turismo, Cultura e Ambiente**. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 1999.

SILVA, M. da G. L. da. **Cidades Turísticas: Identidades e Cenários de Lazer**. São Paulo: Aleph, 2004. (Série Turismo).

SMITH, S. L. J. **Tourism Analysis – A Handbook**. Londres: Longman, 1989.

SWARBROOKE, J. (trad. Margarete Dias Polido) **Turismo Sustentável – Conceitos e Impacto Ambiental**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2000.

SWEEDEN, P. **Post-normal Science in Practise: a Q study of the Potencial for Sustainable Forestry in Washington State, USA**. *Ecological Economics*, Volume 57, Issue 2, May 2006, pages 190-208.

TERAMUSSI, T. M. **Percepção Ambiental de Estudantes sobre o Parque Ecológico do Tietê, São Paulo - SP.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. (Dissertação de Mestrado).

TOMÁS, J. C.; MASGRAU, M. M. **Manual de Geografía Turística de España.** Madrid: Síntesis, 1999.

TONISSI, R. M. T. **Percepção e Caracterização Ambientais da Área Verde da Microbacia do Córrego da Água Quente (São Carlos, SP) como Etapas de um Processo de Educação Ambiental.** São Carlos, Universidade de São Paulo, 2005. (Tese de Doutorado).

TRIBE, J. **The (In)Discipline of Tourism.** Annals of Tourism Research. v. 24, n.4, 1997, p.638-657.

TUAN, Y. F. (trad. Lívia de Oliveira). **Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. (trad. Lívia de Oliveira). **Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

ULRICH, R. S. **Human Responses to Vegetation and Landscapes.** Landscape and Urban Planning, 1986, 13: 29- 44.

VILÁS, J. R. **Estudos de Paisagismo.** In: BOLÓS, M. (org) *Manual de Ciência del Paisaje.* Barcelona: Masson S.A., 1992.

YÁZIGI, E. (org.). **Turismo e Paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **A Alma do Lugar. Turismo, Planejamento e Cotidiano em Litorais e Montanhas.** 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto).

WWF BRASIL. (Sylvia Mitraud org.). **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária. Ferramentas para um Planejamento Responsável.** Brasília: WWF Brasil, 2003.

ZUBE, E. H.; PITT, D. G. **Cross-cultural Perceptions of Scenic and Heritage Landscapes.** Landscape Planning, 8: 69-87. New York, Elsevier Scientific Publishing Company, 1981.

ZUBE, E. H.; SELL, J. L.; TAYLOR, J. G. **Landscape Perception: Research, Application and Theory.** Landscape Planning, 9:1-33. New York, Elsevier Scientific Publishing Company, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO TURISTAS E RESIDENTES	121
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO PROFISSIONAIS	122

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO TURISTAS E RESIDENTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	
Questionário de pesquisa da percepção da paisagem do município de Morretes - PR	
Local de coleta: _____ Data: _____ Dia da semana: _____	
1. Qual seu gênero? () feminino () masculino	8. Qual sua principal motivação para a visita a Morretes? () patrimônio natural () patrimônio histórico () esportes () gastronomia () outras. Qual?
2. Qual sua faixa etária? () até 18 anos () de 19 a 30 anos () de 31 a 45 () de 46 a 60 anos () acima de 61	9. Você já visitou Morretes outras vezes? () Não. É a primeira vez que visito. () Sim.
3. Onde você possui residência fixa? () Morretes () Curitiba e RMC () Interior do PR () Outros Estados () Outros países	10. Em qual paisagem você vê mais elementos do turismo? Foto nº _____
4. Qual seu grau de escolaridade? () 1º grau () 2º grau () graduação () pós-graduação	11. Ordene as fotos de acordo com as paisagens que você gosta: 1ª que gosto – foto nº _____ 2ª que gosto – foto nº _____ 3ª que gosto – foto nº _____ 4ª que gosto – foto nº _____ 5ª que gosto – foto nº _____ 6ª que gosto – foto nº _____ 7ª que gosto – foto nº _____ 8ª que gosto – foto nº _____ 9ª que gosto – foto nº _____
5. Qual sua renda média mensal individual? () até R\$ 500,00 () de R\$ 501,00 a R\$ 1500,00 () de R\$ 1501,00 a 3000,00 () acima de R\$ 3001,00	12. Você escolheu as paisagens que mais gosta devido: () ao bom estado de conservação das paisagens; () ao mau estado de conservação das paisagens; () a presença de natureza; () a presença de cultura; () outro. Qual?
6. Quanto você gastou ou vai gastar hoje em Morretes? () menos de R\$ 15,00 por pessoa () entre R\$ 15,01 e R\$ 30,00 por pessoa () entre R\$ 30,01 e R\$ 50,00 por pessoa () mais de R\$ 50,00 por pessoa	
7. Quanto tempo você vai permanecer em Morretes? () até ½ dia () o dia todo () 2 dias () 3 dias ou mais	

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO PROFISSIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ Questionário de pesquisa da percepção da paisagem do município de Morretes - PR	
Data: _____	
FAVOR ASSINALAR APENAS UMA ALTERNATIVA	
1. Qual sua Formação Acadêmica?	7. Qual seria sua principal motivação para a visita a Morretes?
_____	<input type="checkbox"/> patrimônio natural
_____	<input type="checkbox"/> patrimônio histórico
_____	<input type="checkbox"/> esportes
2. Qual sua área de atuação?	<input type="checkbox"/> gastronomia
<input type="checkbox"/> Turismo	<input type="checkbox"/> outra. Qual? _____
<input type="checkbox"/> Paisagem	
<input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____	
3. Qual seu gênero?	8. Você já visitou Morretes?
<input type="checkbox"/> feminino	<input type="checkbox"/> Não.
<input type="checkbox"/> masculino	<input type="checkbox"/> Sim.
4. Qual sua faixa etária?	9. Em qual paisagem você vê mais elementos do turismo?
<input type="checkbox"/> até 18 anos	Foto nº _____
<input type="checkbox"/> de 19 a 30 anos	
<input type="checkbox"/> de 31 a 45	10. Ordene as fotos de acordo com as paisagens que você gosta:
<input type="checkbox"/> de 46 a 60 anos	1ª que gosto – foto nº _____
<input type="checkbox"/> acima de 61	2ª que gosto – foto nº _____
5. Onde você possui residência fixa?	3ª que gosto – foto nº _____
<input type="checkbox"/> Morretes	4ª que gosto – foto nº _____
<input type="checkbox"/> Curitiba e RMC	5ª que gosto – foto nº _____
<input type="checkbox"/> Interior do PR	6ª que gosto – foto nº _____
<input type="checkbox"/> Outros Estados	7ª que gosto – foto nº _____
<input type="checkbox"/> Outros países	8ª que gosto – foto nº _____
6. Qual sua renda média mensal individual?	9ª que gosto – foto nº _____
<input type="checkbox"/> até R\$ 500,00	11. Você escolheu as paisagens que mais gosta devido:
<input type="checkbox"/> de R\$ 501,00 a R\$ 1500,00	<input type="checkbox"/> ao bom estado de conservação das paisagens;
<input type="checkbox"/> de R\$ 1501,00 a 3000,00	<input type="checkbox"/> ao mau estado de conservação das paisagens;
<input type="checkbox"/> acima de R\$ 3001,00	<input type="checkbox"/> a presença de natureza;
	<input type="checkbox"/> a presença de cultura;
	<input type="checkbox"/> outro. Qual? _____